



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR

O DOCUMENTO NA CULTURA DA CONVERGÊNCIA:
análise dos textos de uma comunidade *fanfiction*

MARÍLIA
2021

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR

**O DOCUMENTO NA CULTURA DA CONVERGÊNCIA:
análise dos textos de uma comunidade *fanfiction***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Orientador: Carlos Cândido de Almeida.

Coorientadora: Sonia Maria Troitiño-Rodriguez.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

MARÍLIA

2021

S237c

Santos Júnior, Edmilson Alves dos.

O DOCUMENTO NA CULTURA DA

CONVERGÊNCIA: análise dos textos de uma comunidade *fanfiction*

/ Edmilson Alves dos Santos Júnior. - Marília, 2021.

165 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.

Orientador: Carlos Cândido de Almeida.

Coorientadora: Sonia Maria Troitiño-Rodriguez.

1. Cultura da Convergência. 2. Documento.

3. Documentação. 4. Ciência da Informação.

I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da
UNESP. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.

Dados fornecidos pelo autor (a).

Essa ficha não pode ser modificada.

EDMILSON ALVES DOS SANTOS JÚNIOR

O DOCUMENTO NA CULTURA DA CONVERGÊNCIA:

análise dos textos de uma comunidade *fanfiction*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida

(Orientador)

Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília, SP.

Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Troitiño-Rodriguez

(Coorientadora)

Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília, SP.

Prof. Dr. Rodrigo Rabello da Silva

(Membro titular)

Universidade de Brasília (UnB) Brasília, DF.

Prof.^a Dr.^a Deise Maria Antonio Sabbag

(Membro titular)

Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília, SP.

Prof. Dr. Daniel Martínez-Ávila

(Membro suplente)

Universidad Carlos III de Madrid (UC3M) Espanha.

Dr.^a Mona Cleide Quirino da Silva Farias

(Membro suplente)

Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília, SP.

**Marília
2021**

*Ao meu querido tio **Giliard Fernandes**, com
amor e eterna gratidão.*

Agradecimentos

Primeiramente a **Deus**, muito obrigado por ser quem eu sou, ter o que eu tenho e estar onde estou; sou imensamente grato. Obrigado Senhor, por tudo!

Ao meu tio, **Giliard Fernandes**, o meu muitíssimo obrigado, de coração, por tudo, pelo apoio e incentivo, pela ajuda, pela preocupação, amor, atenção e carinho, por sempre acreditar em mim, sem você eu não teria chegado até aqui. Meu muito obrigado, sou e serei eternamente grato a você.

Ao **Thalys Vieira**, amigo e tio de coração, que sempre que pôde me ajudou. Obrigado pelas preocupações, pelas conversas, conselhos e incentivo. Você também contribuiu para que eu chegasse até aqui e faz parte desta conquista. Muito obrigado!

À minha família, muito obrigado pelo amor, carinho, preocupação e atenção que sempre tiveram, e me deram força e coragem para continuar a trilhar o meu caminho: minha mãe **Rosângela**, meu pai **Edmilson**, minhas irmãs **Rosana** e **Letícia** e meus queridos sobrinhos, **Victória**, **David** e **João Gabriel**, amo vocês.

Aos **familiares**, tias, tios, primas, primos e avós, que, de alguma forma me ajudaram e apoiaram, o meu muito obrigado!

Aos verdadeiros **amigos**, que, apesar da distância e o tempo, com respeito, carinho e admiração, a amizade sempre prevalecerá. Sempre e para sempre!

E, em especial, a **Isabella Freitas**, **Bruna Fávaro**, **Felipe Amaral**, **Paulo Rogério Dantas**, **Natália Elias**, **James Charles Ferreira** e **Guilherme Pires** (*in memoriam*) muito obrigado por tudo!

À professora **Deise Sabbag**, que, desde a minha graduação, com palavras de apoio e incentivo enfatizou que com disciplina e dedicação seria possível chegar até aqui. Muito obrigado!

Ao grupo de pesquisa **Fundamentos Teóricos da Informação**, no qual

houve discussões construtivas e debates enriquecedores, permitindo a exposição e a discussão sobre as ideias de importantes teóricos e dos membros do grupo, sobretudo, possibilitando a troca e a construção de conhecimentos.

Aos amigos discentes do PPGCI, **Wilson, Janaína, Caio, Graziela, Richele, Jéssica, Alexandre**, e aos demais, por momentos de ajuda e apoio, obrigado pela parceria que, de alguma forma, serviu de incentivo; pequenos gestos fazem toda a diferença.

Aos membros da Banca, professores **Deise Sabbag e Rodrigo Rabello**, por aceitarem o convite e pelas importantes contribuições. Também a **Mona** e ao prof. **Daniel**, muito obrigado!

Ao orientador e professor **Carlos Cândido de Almeida**, por aceitar a minha pesquisa, pela atenção e pelas orientações. Obrigado pelos valiosos ensinamentos, pelas disciplinas ministradas e pelos agradáveis e profícuos diálogos.

Agradeço à professora **Sonia Maria Troitiño-Rodriguez**, pela orientação, pelas importantes observações e valiosos ensinamentos, muito obrigado!

A todos os **professores** do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília, que compartilharam seus conhecimentos durante as disciplinas cursadas, e aos demais professores por contribuírem para uma instituição pública de qualidade e um programa de Pós-graduação de excelência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro, o qual possibilitou dedicar-me integralmente, tornando possível o desenvolvimento deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“A gratidão é o único tesouro dos humildes”
(William Shakespeare)

“Quando as pessoas assumem o controle das mídias, os resultados podem ser maravilhosamente criativos, podem ser também uma má notícia para todos os envolvidos”.

Henry Jenkins.

SANTOS JÚNIOR, Edmilson Alves dos. **O DOCUMENTO NA CULTURA DA CONVERGÊNCIA: análise dos textos de uma comunidade *fanfiction***. 2021. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2021.

RESUMO

O estudo na perspectiva da cultura da convergência caracterizada pela colaboração e interação nos espaços em rede, em que as mídias corporativas e alternativas convergem, tem possibilitado que o produtor e o consumidor interajam de formas imprevisíveis. Essa interação gerada por usuários de mídias sociais a partir de uma proposta comunicativa em rede é marcada pela conectividade em tempo real, a qual, com o passar dos anos, permitiu o desenvolvimento de uma geração mais interativa, conhecida como cultura participativa, na visão do teórico Henry Jenkins. A cultura participativa é entendida pela ação coletiva entre os indivíduos atuando de forma interativa na internet, como por exemplo, os *youtubers*, que criam canais com diversos temas para entretenimento, geração conteúdos, novas mídias e compartilhando de informações. Os *fandoms*, grupos de fãs de um determinado conteúdo que são exemplos de indivíduos que ao produzirem narrativas ficcionais, também colaboram e se enquadram na cultura participativa. Por esse pensamento e com a formação da cultura participativa nos espaços sociais em rede, testemunhamos o aparecimento daquilo que Jenkins passa a chamar de cultura da convergência. Nessa cultura, os usuários encontram à disposição grande quantidade de conteúdos que, por vezes, possibilita o acesso e a disseminação da informação. Os conceitos fundamentais que permeiam essa cultura são: convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva, além também, dos conceitos de documento sob o viés científico de teóricos da área, pois, questiona-se: verificar qual a concepção de documento na cultura da convergência; quais as relações entre a noção de documento na cultura da convergência frente às concepções da Ciência da Informação. Em vista disso, o objetivo desta pesquisa é construir o conceito de documento sob a ótica da cultura da convergência e compará-lo à sua concepção presente na Ciência da Informação e, na justificativa da construção de um *corpus* teórico e documental para que se possa endentê-los e contribuir para essa verificação e comparação. Esta pesquisa é bibliográfica, documental, exploratória e de natureza qualitativa. Pretendendo obter a identificação e discussão sobre sua temática, aprofundamos em diversas fontes de produção científica no contexto da cultura da convergência e sobre o documento. Para que ocorresse a verificação teórica e documental foram utilizados diferentes materiais, como livros, trabalhos e anais de eventos, resumos, dissertações, teses e artigos em bases de dados nacionais e internacionais e o site *Nyah! Fanfiction*. O método adotado, foi análise documental, pois, é se pensando em todo o processo de investigação e questionamentos que levaram ao percurso metodológico realizado, por meio da verificação de documentos que formaram o *corpus* deste estudo. Assim, chegando aos resultados demonstrados nesta pesquisa que, responderam aos objetivos pretendidos, fornecendo um conjunto de elementos para o entendimento do documento na cultura da convergência e que possa contribuir

no fomento de futuras pesquisas científicas para a Ciência da Informação e demais áreas do conhecimento. Concluímos que o presente estudo propicia evidenciar questões da atualidade sob a perspectiva da produção de conteúdos nos meios midiáticos, dessa forma, buscando manter a discussão da temática pelo viés científico sobre questões tradicionais e inovadoras acerca do documento.

Palavras-Chave: Cultura da Convergência; Documento; Documentação; Ciência da Informação.

SANTOS JÚNIOR, Edmilson Alves dos. **THE DOCUMENT IN THE CULTURE OF CONVERGENCE: analysis of the texts of a fanfiction community**. 2021. 165 f. Thesis (Master in Information Science) – Post-Graduation Program of Information Science – Faculty of Philosophy and Sciences, Paulista State University “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2021.

ABSTRACT

The study from the perspective of the culture of convergence, characterized by collaboration and interaction in networked spaces, where corporate and alternative media converge, has enabled producers and consumers to interact in unpredictable ways. This interaction generated by social media users from a communicative network proposal is marked by real-time connectivity, which, over the years, has allowed the development of a more interactive generation, known as participatory culture, in the view of theorist Henry Jenkins. The participatory culture is understood by the collective action between individuals acting in an interactive way on the internet, such as, for example, youtubers, who create entertainment channels with different themes for entertainment, content generation, new media and sharing of information. Fandoms, groups of fans of a give content that are examples of individuals who, when producing fictional narratives, also collaborate and fit into the participatory culture. Through this thought, and with the formation of participatory culture in social networked spaces, we witness the appearance of what Jenkins starts to call the culture of convergence. In this culture, users find a large amount of content available, which sometimes allows access and dissemination of information. The fundamental concepts that permeate this culture are: convergence of the means of communication, participatory culture and collective intelligence, in addition to the concepts of document under the scientific bias of theorists in the area, because it is questioned: check which the conception of a document in the culture of convergence; what are the relations between the notion of document in the culture of convergence in relation to the conceptions of Information Science. In view of this, the objective of this research is build the concept of document from the perspective of the culture of convergence and compare it to its conception present in Information Science and, in justifying the construction of a theoretical and documentary corpus so that it can be endendent them and contribute to that check and compare. This research is bi-bliographic, documentary, exploratory and of a qualitative nature. In order to obtain the identification and discussion on its theme, we delved into several sources of scientific production in the context of the culture of convergence and about the document. In order for the theoretical and documentary verification to occur, different materials were used, such as books, works and annals of events, summaries, dissertations, theses and articles in national and international databases and the Nyah! Fanfiction. The method adopted was documentary analysis, because it is thinking about the entire process of investigation and questioning that led to the methodological path taken, through the verification of documents that formed the corpus of this study. Thus, reaching the results demonstrated in this researcher that, responded to the intended objectives, providing a set of elements for the understanding of the document in the culture of convergence and that can contribute to the promotion of future scientific research for the Information Science and other areas of

knowledge. We conclude that the present study provides evidence of current issues from the perspective of the production of content in the media, thus seeking to maintain the discussion of the theme from the scientific point of view on traditional and innovative issues about the document.

Keywords: Convergence culture; Document; Documentation; Information Science.

SANTOS JÚNIOR, Edmilson Alves dos. **EL DOCUMENTO EN LA CULTURA DE LA CONVERGENCIA: análisis de los textos de una comunidad de fanfiction**. 2021. 165 f. Disertación (Maestría en Ciencias de la Información) - Programa de Posgrado en Ciencias de la Información, Facultad de Filosofía y Ciencias, Universidad Estatal Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2021.

RESUMEN

El estudio desde la perspectiva de la cultura de la convergencia, caracterizada por la colaboración y la interacción en espacios en red, donde convergen medios corporativos y alternativos, ha permitido que productores y consumidores interactúen de formas impredecibles. Esta interacción generada por los usuarios de las redes sociales a partir de una propuesta de red comunicativa está marcada por la conectividad en tiempo real, que a lo largo de los años ha permitido el desarrollo de una generación más interactiva, conocida como cultura participativa, en opinión del teórico Henry Jenkins. La cultura participativa se entiende por la acción colectiva entre individuos que actúan de forma interactiva en Internet, por ejemplo, youtubers, que crean canales de entretenimiento con diferentes temáticas para el entretenimiento, la generación de contenidos, nuevos medios y el intercambio de información. Fandoms, grupos de fans de un determinado contenido que son ejemplos de individuos que, al producir narrativas de ficción, también colaboran y encajan en la cultura participativa. A través de este pensamiento, y con la formación de la cultura participativa en espacios de redes sociales, asistimos a la aparición de lo que Jenkins comienza a llamar la cultura de la convergencia. En esta cultura, los usuarios encuentran una gran cantidad de contenido disponible, lo que en ocasiones permite el acceso y la difusión de información. Los conceptos fundamentales que permean esta cultura son: convergencia de los medios de comunicación, cultura participativa e inteligencia colectiva, además de los conceptos de documento bajo el sesgo científico de los teóricos del área, porque se cuestiona: comprobar cuál es la concepción de un documento en la cultura de la convergencia; ¿Cuáles son las relaciones entre la noción de documento en la cultura de la convergencia en relación con las concepciones de la Ciencia de la Información? Ante esto, el objetivo de esta investigación es construir el concepto de documento desde la perspectiva de la cultura de la convergencia y compararlo con su concepción presente en las Ciencias de la Información y, en justificar la construcción de un corpus teórico y documental para que se pueda concluir. ellos y contribuir a ese comprobar y comparar. Esta investigación es bi-bibliográfica, documental, exploratoria y de carácter cualitativo. Para obtener la identificación y discusión sobre su tema, se profundizó en varias fuentes de producción científica en el contexto de la cultura de la convergencia y sobre el documento. Para que se lleve a cabo el verificación teórico y documental se utilizaron diferentes materiales, como libros, obras y anales de eventos, resúmenes, disertaciones, tesis y artículos en bases de datos nacionales e internacionales y en el sitio web Nyah! Fanfiction. El método adoptado fue el análisis documental, porque se trata de pensar en todo el proceso de investigación y cuestionamiento que condujo al camino metodológico recorrido, a través del verificación de documentos que conformaron el corpus de este estudio. Así, alcanzar los resultados demostrado em esta investigación que, respondieran a los objetivos perseguidos, aportando

un conjunto de elementos para la comprensión del documento en la cultura de la convergencia y que puedan contribuir a la promoción de futuras investigaciones científicas para las Ciencias de la Información y otras áreas del conocimiento. Concluimos que el presente estudio aporta evidencia de temas de actualidad desde la perspectiva de la producción de contenidos en los medios, buscando así mantener la discusión del tema a través de sesgos científicos sobre cuestiones tradicionales e innovadoras sobre el documento.

Palabras clave: Cultura de Convergencia; Documento; Documentación; Ciencia de la Información.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Categorias.....	106
Figura 2 -	Organização dos assuntos.....	107
Figura 3 -	Listagem de gêneros.....	107
Figura 4 -	Ficha temática.....	108
Figura 5 -	Notas da História.....	109
Figura 6 -	Narrativa: drama.....	112
Figura 7 -	Narrativa: romance.....	113
Figura 8 -	Narrativa: drama.....	114
Figura 9 -	Narrativa: amizade.....	115
Figura 10 -	Narrativa: ficção científica.....	116
Figura 11 -	Narrativa: ação.....	117
Figura 12 -	Narrativa: ação.....	118
Figura 13 -	Narrativa: suspense.....	119
Figura 14 -	Narrativa: poesia.....	120
Figura 15 -	Narrativa: drama.....	121
Figura 16 -	Narrativa: ação.....	122
Figura 17 -	Narrativa: drama.....	123
Figura 18 -	Narrativa: amizade.....	124
Figura 19 -	Narrativa: ação.....	119
Figura 20 -	Narrativa: comédia.....	126
Figura 21 -	Narrativa: comédia.....	127
Figura 22 -	Narrativa: tragédia.....	128
Figura 23 -	Narrativa: drama.....	129
Figura 24 -	Narrativa: drama.....	130
Figura 25 -	Narrativa: comédia.....	131
Figura 26 -	Narrativa: universo alternativo.....	132
Figura 27 -	Narrativa: suspense.....	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Documento.....	99
Quadro 2 - Estrutura da aplicação.....	104
Quadro 3 - <i>Nyah! Fanfiction</i> : categorias e assuntos.....	109
Quadro 4 - Síntese: Definições documento.....	161
Quadro 5 - Síntese: Documento no contexto da Documentação.....	162
Quadro 6 - Síntese: Documento no contexto da informação.....	162
Quadro 7 - Documento: categoria e síntese.....	163
Quadro 8 - Documento: características e síntese geral.....	164
Quadro 9 - Produção <i>Fanfic</i> : características.....	138

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Sigla / Abreviatura Significado

ABNT	Associação Brasileira de Normas de Técnicas
BDPI	Biblioteca Digital da Produção Intelectual da USP
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações
BRAPCI	Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDU	Classificação Decimal Universal
CI	Ciência da Informação
CMMC	<i>Communication & Mass Media Complete</i>
DEDALUS	Banco de Dados Bibliográficos da USP
EZB	<i>Elektronische Zeitschriftenbibliothek</i>
FID	Internacional de Documentação
FIID	Federação Internacional de Informação e Documentação
IIB	Instituto Internacional de Bibliografia
IID	Instituto Internacional de Documentação
ISO	<i>Organization for Standardization</i>
LISA	<i>Library Information Science Abstracts</i>
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
NBR	Norma Brasileira
OATD	<i>Open Access Theses and Dissertations</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
OLPC	<i>One laptop per child</i>
PQDT GLOBAL	<i>ProQuest Dissertations & Theses Global</i>
RBU	Repertório Bibliográfico Universal
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TRAITÉ	Tratado de Documentação
UFOD	<i>Union Française des Organismes de Documentation</i>
UIT	União Internacional de Telecomunicações
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 Problema e Objetivos.....	25
1.2 Justificativa.....	26
1.3 Metodologia.....	27
2 CULTURA DA CONVERGÊNCIA.....	34
3 DOCUMENTO.....	56
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	104
4.1 Seleção e apresentação do corpus.....	104
4.2 Discussão e interpretação dos resultados.....	140
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICES.....	162

1 INTRODUÇÃO

A Internet, desde o seu surgimento em 1969, e de forma mais ampla para o grande público a partir de 1990, tem modificado as formas de comunicação e estabelecido um espaço poderoso de conexão entre os indivíduos (usuários de informação¹) de vários lugares do mundo, sendo destacada pelo fenômeno da desterritorialização, na visão da geofilosofia de Deleuze e Guattari (1992).

Geofilosofia é um termo da filosofia contemporânea, que discute os elementos filosóficos e geográficos, sobretudo acerca do pensamento sobre as questões do meio social e dos fenômenos da desterritorialização.

Nesse sentido, Deleuze e Guattari afirmam que “pensar não é nem um fio estendido entre o sujeito e o objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113). Ou seja, os autores afirmam que, para que haja a existência do pensamento, se faz necessária uma relação entre os meios, respectivamente, os conceitos, planos, lugares e territórios.

Assim, é nesses lugares que os sujeitos se comunicam e estabelecem redes econômicas, sociais, políticas e culturais, não se limitando a reconhecerem as fronteiras geográficas do seu espaço, logo, aumentando e acelerando o dinamismo das informações, que geram novos conhecimentos nos meios de padrões sociotécnicos.

Dito isto, esses padrões sociotécnicos são interações que englobam pessoas, comportamentos, conhecimentos, sistemas e técnicas, que se aplicam no surgimento de novos padrões de uso da informação, na atuação da tecnologia e, principalmente, a atuação dos indivíduos, que utilizam diferentes dispositivos tecnológicos de comunicação.

Segundo Pierre Lévy (1999), ao indagar se a atuação da tecnologia seria autônoma diante da sociedade e da cultura, em seu pensamento contrário, afirma, “técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos” (LÉVY, 1999, p. 24). Ou seja, entendemos que as tecnologias não atuam de forma autônoma, mas ligadas ao comportamento humano e as suas ações, que

1 Indivíduo que consome informação.

se constroem por meio das técnicas e interações tecnológicas e sociais no contexto das mídias e do uso da informação.

A interação gerada por usuários de mídias sociais a partir de uma proposta comunicativa em rede é marcada pela conectividade em tempo real, a qual, com o passar dos anos, permitiu o desenvolvimento de uma geração mais interativa, conhecida como cultura participativa, na visão do teórico Henry Jenkins (2006). A cultura participativa é entendida pela ação coletiva entre os indivíduos atuando de forma interativa na internet.

Nessa nova cultura, os usuários encontram à disposição grande quantidade de conteúdos, que, muitas vezes, possibilita e facilita o acesso e a disseminação de informação. Por proporcionar acesso e fácil disseminação de conteúdos, muitos usuários se tornam produtores de novos conteúdos, como por exemplo, os *youtubers*, que criam canais de entretenimento com diversos temas para agradar ao público, gerar novas mídias e compartilhar informações. Pois, segundo (JENKINS, 2009, p. 348), o “YouTube representa o encontro entre uma série de comunidades alternativas diversas, cada uma delas produzindo mídia independente há algum tempo, mas agora reunidas por esse portal compartilhado”. Além do mais “[...] significa também a exposição recíproca das atividades, o rápido aprendizado a partir de novas ideias e novos projetos e, muitas vezes, a colaboração de maneiras imprevisíveis entre as comunidades (JENKINS, 2009, p. 348).

Hoje, esses indivíduos podem trocar informações estando em qualquer lugar que haja acesso à internet. E que também se disponham de interesses, habilidades mínimas e dos demais recursos tecnológicos para tanto. Essa ação, de troca de informação e produção de conteúdo, se evidencia na caracterização da cultura participativa, ou também conhecida como cultura da participação, compreendendo as práticas de troca e recepção da informação entre os usuários, por meio de qualquer dispositivo eletrônico, como *notebooks*, *tablets*, *smartphones*, entre outros, que permitem, de forma rápida e simultânea, o acesso à informação.

Segundo Lévy (2015), por meio das redes (*web*²), os indivíduos

2 Palavra ou termo que significa rede. Essa, por meio da internet conecta de forma online diversos aparelhos, possibilita a relação de diferentes mídias e a interação de indivíduos em várias partes do mundo.

conectados interagem e geram informações a todo instante. No entanto, infelizmente, muitos desses não se preocupam com a veracidade dessas informações, com base em Pierre Lévy (2003) oriundas de uma “inteligência coletiva”, causando impacto ao chegar até o receptor, considerando, também, que esses receptores se tornam emissores dessas ou de outras informações, que podem replicar e disseminar conteúdos inverídicos.

Portanto, cabe considerar que todos nós somos responsáveis por gerar conteúdos e contribuir para o que Pierre Lévy (2003, p. 28) considera como inteligência coletiva, “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”.

Por esse pensamento, e com a formação da cultura participativa nos espaços sociais em rede, testemunhamos o aparecimento daquilo que Henry Jenkins (2006) passa a chamar de cultura da convergência.

Para que se possa compreender essa cultura, *a priori*, serão apresentados os significados dos termos cultura e convergência.

Segundo Williams (2007) cultura:

É uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa. Isso ocorre em parte por causa de seu intrincado desenvolvimento histórico em diversas línguas europeias, mas principalmente porque passou a ser usada para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamento distintos e incompatíveis (WILLIAMS, 2007, p. 117).

O significado da palavra cultura tornou-se mais complexa, por carregar muitos significados que são utilizados em diversos lugares, fazendo com que sua definição não seja um trabalho simples. A cultura está fortemente ligada a hábitos que os seres humanos desenvolvem no decorrer da sua existência, seja no ambiente onde estão inseridos ou com os povos que habitam. É formada por uma rede de símbolos, tais como a música, a dança, a culinária, os gestos, os dialetos, entre outros.

Para Moser (2014, *on-line*):

São inúmeros os estudos, antigos e recentes, sobre a importância dos símbolos na vida e na cultura dos povos. De alguma forma eles são uma linguagem cifrada das aspirações e dos ideais humanos. Por isso mesmo existem desde tempos imemoráveis e continuarão existindo. São tão importantes para a vida e a cultura dos povos que hoje a semiótica (semeion=sinal) – ciência que estuda os significados da linguagem e dos símbolos é muitíssimo conceituada (MOSER, 2014, online).

Pela perspectiva da semiótica Santaella, North (2013) descreve que os símbolos se relacionam com o objeto por meio de uma força criada pelos usuários; essa relação entre objeto e símbolo acontece por uma mediação de ideias, para que haja uma interpretação pelos usuários. Toda essa associação é um hábito, para que o símbolo possa ter uma representatividade. Além disso,

A cultura são todos os bens: todos os equipamentos (casas de cultura, etc.), todas as pessoas (especialistas que trabalham nesse tipo de equipamento), todas as referências teóricas e ideológicas relativas a esse funcionamento, enfim, tudo que contribui para a produção de objetos semióticos (livros, filme, etc.), difundidos num mercado determinado de circulação monetária ou estatal (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 17).

Apesar de todo processo de transformação, sabemos que cada indivíduo mantém seus hábitos, suas atividades, suas histórias e, principalmente, seus aspectos culturais, que dentro de certo equilíbrio, podem se modificar com o processo da evolução social.

Segundo Coelho (1997), este equilíbrio socio-histórico ou antropológico de uma determinada sociedade ou grupo pode ser expresso em termos de uma constante “realização simbólica”, manifestada em uma cultura cuja dinâmica se dá entre a realidade biológica, comportamental e social – dinâmica menos ou mais lenta, menos ou mais regular, segundo a concepção de história dessa sociedade.

Em 2006, o teórico e estudioso dos meios de comunicação, Henry Jenkins, associou as palavras cultura e convergência, denominando então, o termo cultura da convergência. O autor considera que, na sociedade atual, tanto as mídias tradicionais quanto as mídias alternativas se convergem, ou seja, todas as mídias vinculadas a grandes organizações ou corporações são, dentro do espaço da rede virtual, hoje, tão relevantes como qualquer outra.

As mídias tradicionais, como rádio, televisor, revistas, jornais e panfletos, desde o início, permitiram o acesso e a disseminação à informação de forma unilateral, em que a comunicação somente se dava do emissor para o espectador, não havendo uma interação. Embora, também gerando conhecimento.

Hoje, as mídias alternativas, como *blogs* e sites não seguem padrões formais comuns, geralmente são veiculadas na rede em *smartphones*, *tablets* e computadores. Essas mídias alternativas são apresentadas em todos os espaços e grupos sociais, aproveitando da publicidade e do *marketing* em seus diferentes modelos e formas, por meio dos novos hábitos culturais dos indivíduos, que, a todo o momento, as produzem e as consomem, gerando uma convergência midiática e interação entre os envolvidos.

Essa convergência midiática ou a interação das mídias se tornou possível, primeiramente, por meio das relações entre os usuários e com as próprias mídias, tanto as analógicas, quanto as digitais, em diferentes suportes e transmissões em um curto espaço de tempo, e contextualizando o que Jenkins (2006) denomina cultura da convergência.

A cultura da convergência se forma e se apresenta a partir de três conceitos fundamentais: convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva, os quais serão apresentados no capítulo da temática. Esses conceitos se constituem no contexto da relação entre a participação dos consumidores das mídias tradicionais e alternativas.

A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores (JENKINS, 2006, p. 29).

Ao abordarmos sobre a participação desses consumidores e esse processo de transformação tecnológica, não significa que as mídias tradicionais desaparecerão ou que as mídias alternativas, conhecidas por novas mídias ou modernas, tomarão o seu lugar; ao contrário, está havendo a convergência dos meios de comunicação, uma interação entre essas mídias, embora umas mais evoluídas que as outras, ambas as mídias (tradicionais e alternativas) não modificam sua função principal, mesmo durante o processo da evolução tecnológica (JENKINS, 2006).

A convergência está ocorrendo dentro dos mesmos aparelhos, dentro das mesmas franquias, dentro das mesmas empresas, dentro do cérebro do consumidor e dentro dos mesmos grupos de fãs. A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação (JENKINS, 2009, p. 44).

Para descrevermos sobre a cultura da convergência e o seu contexto, mencionaremos os teóricos Bauman (2001), Castells (2016), Figueiredo (2016), Firger (2012), Garson (2019), Jenkins (2006; 2009), Lévy (2015), Negroponte (1995), Skirky (2011), entre outros.

Toda essa construção e expansão de conteúdos entre diferentes mídias têm gerado importantes fontes de informação que, pelo viés da cultura da convergência, ainda têm sido pouco exploradas.

Em consideração a isso, este estudo tem como propósito averiguar a concepção desses conteúdos, comparando-os ao conceito de documento na cultura da convergência, sob a perspectiva da Ciência da Informação, por meio de uma análise documental.

Neste sentido, buscamos, a princípio, refletir sobre o documento em seu contexto geral, para, então, discutirmos o documento no contexto da Documentação e após no contexto da Ciência da Informação, ordem essa dada pelo surgimento dos campos.

Embora haja uma relação de contribuição entre ambos os campos, é importante para o entendimento apresentar e discutir o trabalho dos teóricos na sua atuação de origem.

Para o levantamento bibliográfico e a fundamentação teórica sobre o documento na Ciência da Informação serão abordados os principais autores que tratam sobre essa temática.

Portanto, assim como será abordado por teóricos da área o conceito de documento na Ciência da Informação, também será descrito na Documentação, para que haja entendimento dessas questões, no que se pretende apresentar o documento na cultura da convergência.

1.1 Problema e Objetivos

Considerando que, nos dias de hoje, existe uma considerável quantidade de documentos que são acessados, consumidos, disseminados, compartilhados e armazenados na *web*, por meio de alguns estudos realizados, podemos conseguir ter noção do contexto social dessas informações e do seu público. Nesse sentido, sobre cultura da convergência, cabe ressaltar a importância desses estudos no campo para a Ciência da Informação. Entende-se que a Ciência da Informação, tendo como objeto de estudo a informação e também toda a sua preocupação em relação a todos os processos referentes a mesma, oferecerá subsídios importantes para o aprofundamento de pesquisas nessa temática, a fim de novas contribuições.

A pesquisa tem a sua relevância, principalmente para o olhar sobre a produção de conteúdos e os usuários, uma vez que a cultura da convergência aborda e dialoga sobre a influência das mídias no comportamento migratório dos consumidores.

Tendo em vista que o uso das novas mídias altera a relação com a edição de novos documentos, e que a figura do autor de uma obra é entendida como algo colaborativo, deve-se rever a concepção de documento. Entre diferentes aspectos que também podem ser considerados para a concepção de documento, este, esteve atrelado às categorias suporte, autor e autenticidade, as quais não se ajustam perfeitamente às práticas de produção de documentos na *web* e nas redes sociais, visando entender o documento na cultura da convergência, este, resultado de um conjunto de conteúdos de informação.

Em síntese, questiona-se: Qual a concepção de documento na cultura da convergência? Quais as relações entre a noção de documento na cultura da convergência frente às concepções da Ciência da Informação?

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi construir um conceito de documento a partir da ótica da cultura da convergência e compará-lo às concepções presentes na Ciência da Informação.

Os objetivos específicos foram:

- Identificar as características dos produtores, consumidores, produtos e suportes de informação na cultura da convergência;

- Examinar as práticas narrativas de produção de conteúdos enquanto documentos no contexto da cultura da convergência com base em exemplos de um *corpus*;
- Comparar a noção do conceito de documento a partir da construção dos conteúdos presentes no contexto da cultura da convergência com a concepção de documento na Ciência da Informação.

1.2 Justificativa

A cultura da convergência pode ser entendida por toda ação realizada pela interação de usuários de informação, por meio de diferentes suportes e formatos, e que também constroem novos conteúdos, proporcionando e colaborando para a convergência das mídias, o crescimento das grandes indústrias midiáticas e, principalmente, as transformações culturais.

A convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos (JENKINS, 2008, p. 29). Nesse sentido, com o intuito de transformações culturais no seu modo de produção, circulação e consumo, pelo uso e pela apropriação de conhecimento.

As transformações culturais provocadas pelas novas mídias têm sido objeto de reflexão de Bauman (2001), Castells (2016), Figueiredo (2016), Firger (2012), Garson (2019), Jenkins (2006; 2009), Lévy (2015), Negroponte (1995), Skirky (2011), entre outros. Todos esses teóricos mencionados tratam do tema sob diversas matizes: pelo campo da Comunicação, da Filosofia e da Sociologia.

Ao realizarmos uma breve pesquisa na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), podemos perceber que, desde o surgimento do termo cultura convergência, em 2006, até o presente momento, ainda há poucos estudos sobre essa temática no campo (BRAPCI, 2020). Nesse sentido, também buscamos contribuir com este estudo, que propõe demonstrar a produção de conteúdo e a sua concepção para a construção de novos conhecimentos, que também podem surgir da interação dos indivíduos com as mídias, no contexto na cultura da convergência.

Sob um olhar da Ciência da Informação, busca-se estudar e compreender esses conteúdos e essa interação, para compreender acerca

desses processos, assim, apresentar informações sobre essa temática, com o intuito de novas discussões e contribuições para a área.

Estudar sobre a cultura da convergência é buscar entender nesse contexto também o mercado midiático, a importância das mídias na vida das pessoas e o seu papel de transformação social; sobretudo, é tentar compreender o comportamento dos indivíduos, dos fãs e as mudanças culturais que ocorrem na sociedade, em decorrência da produção, do uso e da disseminação da informação.

Nesse sentido, por meio do entendimento desses processos, torna-se possível a construção de novos estudos científicos na busca de resultados, que possam de alguma forma, trazer contribuições sociais e profissionais para a sociedade.

Todas essas questões estão atreladas ao interesse do autor desta pesquisa, visto que o pesquisador vem dedicando seus estudos nas áreas de Cultura da Convergência e da Documentação desde a graduação e pretende apresentar contribuições para a Ciência da Informação.

Portanto, este estudo justifica-se na construção e na averiguação de um *corpus* documental (narrativas *fanfictions*), oriundas da produção de conteúdos na cultura da convergência, a fim de entendê-lo e compará-lo ao documento na Ciência da Informação.

1.3 Metodologia

Esta pesquisa é considerada bibliográfica, documental, exploratória e de natureza qualitativa. Pretendendo obter a identificação e discussão sobre sua temática, aprofundamos em diversas fontes de produção científica no contexto da cultura da convergência e sobre o documento.

A pesquisa teórica “é dedicada a reconstruir teorias, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos e, em termos mediatos, aprimorar práticas...” (DEMO, 2000, p. 20).

Segundo Gil (2010, p. 29), a pesquisa bibliográfica se dá por meio de diferentes tipos de materiais impressos e, além disso, pela diversidade da disseminação da informação, por meio de vários suportes pode se utilizar de

outros tipos de fontes, não somente os livros, teses e dissertações, revistas e jornais, mas, também, cd's, discos e materiais disponíveis na *web*, como menciona o autor.

Além do mais, a pesquisa bibliográfica tem como vantagem permitir ao pesquisador uma ampla investigação sobre os fatos. Contudo, é importante que o mesmo se aprofunde nas análises e verifique a veracidade dos conteúdos, neste caso, dados qualitativos.

Por esse ângulo, esta pesquisa tem sua natureza qualitativa, pois se entende como “[...] relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p. 26); ou seja, buscando analisar e entender os seus significados e sentidos pelos quais existem e pertencem. E, ainda, a relação do pesquisador com o seu objeto de pesquisa e as suas experiências podem influenciar na formação da construção dos resultados do estudo.

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais dos pesquisados são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados (TEIXEIRA, 2005, p. 137).

No que se refere às condições de uma pesquisa qualitativa e suas relações pesquisador e pesquisa, há também de se considerar em qual classificação essa se insere no campo científico.

Nas Ciências Sociais, a qual este estudo se insere, a pesquisa qualitativa aborda:

[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

O percurso metodológico deste estudo ocorreu por meio de levantamento bibliográfico, sob revisão de literatura (narrativa) adequando a fundamentação teórica, fichamentos, discussão e produção de textos, na perspectiva de uma pesquisa exploratória e descritiva.

Para que ocorresse o processo de análise teórica e documental foram utilizados diferentes materiais, como livros, trabalhos e anais de eventos, resumos, dissertações, teses e artigos em bases de dados nacionais e internacionais. Para o levantamento dos materiais bibliográficos, além dos citados anteriormente, buscávamos, como principal fonte, as bases de dados nacionais e internacionais da área de Informação & Comunicação, a saber:

- Na Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), com artigos científicos indexados em revistas nacionais da área;
- No banco de dados *Communication & Mass Media Complete* (CMMC), que é um extenso banco de dados com periódicos da área de comunicação, fornecendo artigos completos sobre estudos de mídia;
- Nas bases de dados *Library Information Science Abstracts* (LISA), com artigos científicos indexados em revistas internacionais de diversos países;
- Na base *Scopus*, com artigos científicos em todas as áreas do conhecimento; *Elektronische Zeitschriftenbibliothek* - EZB, uma base de dados alemã completa e de acesso aberto, com mais de 23 mil periódicos indexados em todos os campos do conhecimento e, especificamente, na área de Comunicação;
- Na *Web of Science*, base de dados internacional;
- No Dedalus (Banco de Dados Bibliográfico da Universidade de São Paulo – USP);
- Na Biblioteca Digital da Produção Intelectual (BDPI), também da USP, uma biblioteca digital de toda produção intelectual e científica produzida na instituição, ambos de acesso aberto e nas áreas de biológicas, exatas e humanas;
- Na *ProQuest Dissertations & Theses Global* (PQDT GLOBAL) e *Open Access Theses and Dissertations* (OATD), ambos bancos de dados de teses e dissertações de abrangência internacional;
- Na Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, ambas de abrangência nacional;
- No portal SciELO, uma biblioteca eletrônica, com um vasto catálogo de

periódicos, também nacionais e internacionais;

- No Repositório Institucional da Universidade Estadual Paulista – UNESP, além de todos os materiais físicos e digitais que se encontram nos acervos das bibliotecas dos *campi* da Universidade, especificamente os materiais do acervo do campus de Marília-SP e nas demais outras unidades de informação, as quais foram pertinentes para o levantamento bibliográfico.

A princípio, para que houvesse o levantamento bibliográfico, seleção e a construção de um referencial teórico e para critério de seleção da bibliografia pretendemos buscar por fontes seminais e atuais na justificativa de veracidade e atualização das informações encontradas e, por conseguinte, demais fontes de artigos que tratam sobre a temática de interesse, no intuito de que os materiais selecionados contribuam para uma discussão mais completa.

Por outro lado, para verificação e compreensão do **corpus** documental, foi utilizado o site mencionado, *Nyah! Fanfiction* (<https://fanfiction.com.br/>), pois, no referido site há a produção de conteúdos característicos do contexto da cultura convergência, com a produção de documentos ficcionais por fãs que produzem informações em diversas temáticas e categorias. Segundo Jenkins (2006, p. 388), *Fan fiction* ou mesmo *fanfic*, como também pode ser conhecido é “termo que se refere, originalmente, a qualquer narração em prosa com histórias e personagens extraídos dos conteúdos dos meios de comunicação de massa [...]”.

O site *Nyah! Fanfiction* foi criado em 2005. Segundo menciona no site, que o mesmo teve a sua existência devido a vontade do idealizador em proporcionar aos seus amigos um lugar no qual pudessem postar *fanfictions*, além de poder reunir as pessoas que tivessem os mesmos gostos e interesses por conteúdos e assuntos semelhantes, estes, vindos de livros, séries, animes, entre outros formatos e mídias. Atualmente, o desejo do criador do site é que as pessoas tenham o prazer pela leitura e também possa incentivá-las a explorar seu lado criativo (Nyah! Fanfiction, 2021, online).

Portanto, dessa forma, sendo possível analisá-los e caracterizá-los na justificativa de entender a sua produção e como pode ser considerado documento para Ciência da Informação.

Essas fontes são ferramentas para a busca, o uso e disseminação da informação. Percebe-se que fontes internacionais podem ser bem vistas e

aceitas, no sentido de validação de um trabalho acadêmico, visto que a gênese de muitos assuntos se constitui nessas nacionalidades, internacionais. E até para que se possa ter um embasamento teórico, pautado em uma discussão coerente; a citação se faz necessária, visto que, muitos teóricos são de outros países.

Contudo, é importante ressaltar a utilização também de fontes nacionais, as quais são necessárias para que possamos discutir sobre as pesquisas realizadas no país; muitas pela relevância no assunto chegam a ter abrangência internacional.

Nesse sentido, Packer (2011) afirma que os periódicos nacionais, (no contexto dos bem avaliados pelo órgão responsável), contribuem para o fortalecimento da pesquisa e o enriquecimento da ciência no Brasil, pois essas pesquisas têm uma necessária capacidade de publicações em periódicos internacionais, dessa maneira, contribuindo para a internacionalização da produção acadêmica nacional.

Sendo assim, no processo de levantamento bibliográfico, leituras e fichamentos, este estudo busca identificar e conceituar o documento no contexto da cultura da convergência.

Após o levantamento bibliográfico, ocorreu a segunda etapa da metodologia, a análise documental dos materiais selecionados.

Neste estudo foi aplicada a técnica de Análise Documental, pois, sob o seu desenvolvimento foi possível o processo de investigação, questionamentos e a realização do percurso metodológico.

Nesse sentido

A análise utiliza-se de métodos, tanto na forma de pensar, quanto de proceder, ou seja, de raciocínio de abordagem e de procedimento, com o intuito de representar a informação. Sendo assim a construção do pensamento acerca da AD, evidencia a concepção integradora que se tem de tal processo ao situá-lo na função analítica da estrutura e do conteúdo, no entorno da organização da informação (NASCIMENTO, 2009, p. 13).

Partindo do objetivo descrito neste estudo, acontecerá a realização da análise documental, que, por meio dos conteúdos ficcionais extraídos do site *Nyah! Fanfiction* (<https://fanfiction.com.br/>), formara um *corpus* documental, o qual apresentará as categorias e os assuntos descritos no site, gerando um

conjunto de informações e tornando possível a verificação desses conteúdos.

Após leitura, verificação, comparação e preparação dos materiais, foram extraídos, 11 categorias (definidas pelo site). Em cada categoria, foram extraídos 3 tipos de conteúdo documental, assunto (definidos e organizado em ordem alfabética pelo site mencionado). Cada conteúdo documental representa um documento ficcional produzido no contexto da cultura da convergência. Desse modo, possível a sua comparação ao documento sob o viés teórico e científico do documento na Ciência da Informação.

Para Gil (1996, p. 51), a pesquisa de caráter documental “vale de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. ”

Todos esses conteúdos foram extraídos por meio dos conteúdos ficcionais produzidos no site mencionado, formando *corpus* documental.

Dito isto, este *corpus* apresenta-se como uma pesquisa documental, pois a mesma

[...] caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, entre outras matérias de divulgação (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Assim, os conteúdos ficcionais produzidos no contexto da cultura da convergência no site *Nyah! Fanfiction* passaram por uma análise de característica documental e um viés científico.

É importante salientar que, “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p. 70), assim como também afirma este autor. A esse pensamento, cabe aos documentos que de fato ainda não passaram por nenhuma comparação, visto que, antes sem uma averiguação, não cabe esta afirmação a todos os conteúdos analisados. E por fim, segundo Naína Tumelero (2019, online), “as interpretações dos dados irão confirmar ou rejeitar as hipóteses definidas e contribuir para a solução do problema de pesquisa.”

Após a definição da metodologia, apresentamos a estrutura da

dissertação, que está dividida da seguinte maneira: Na seção 1, apresenta-se a introdução, o tema e os principais autores da fundamentação teórica e nas subseções, problema, objetivo geral, objetivos específicos, justificativa e metodologia. Na seção 2, será abordado sobre a Cultura da Convergência, e nas subseções, convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva, para o entendimento acerca do contexto que se insere esta pesquisa. A seção 3 versará sobre o documento como principal objeto de estudo desta pesquisa. Na seção 4, serão apresentados os resultados e discussões, a fim de apresentar os dados analisados e as conclusões obtidas. A seção 5 dedica-se às considerações finais, apresentação das conclusões sobre o Documento na cultura da convergência e possíveis contribuições para a Ciência da Informação.

2 CULTURA DA CONVERGÊNCIA

O presente capítulo tem como finalidade apresentar a cultura da convergência e o seu contexto, os indivíduos que fazem parte, a produção de conteúdos e a interação entre produtores e consumidores, o poder das mídias e o papel do mercado midiático, a fim de que se possa compreender o universo desta pesquisa.

Na cultura da convergência ocorre “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2008, p. 29), na qual temos os suportes de mídias; as “antigas”, tidas como rádio, TV, telefone e outras, e as “atuais”, como *smartphones*, computadores, *tablets*, entre outros. Tecnologias que, se nessa cultura se chocam, a “mídia tradicional” e a “mídia alternativa” se encontram, e o poder de quem produz com a capacidade de quem consome se interagem de diversas formas (JENKINS, 2009).

Hoje em dia, não podemos dizer que as mídias antigas sumiram ou que estão predestinadas a tal, sendo que não temos a certeza de que este fato poderá ocorrer, mas estamos vivendo um momento de transformações tecnológicas e culturais.

‘Novas’ e ‘velhas’ mídias estão a todo o tempo se cruzando nos novos suportes que remodelam não só sua dimensão técnica, mas seu sentido cultural. Libertar-se do discurso tecnicista é a tentativa de Jenkins através de sua ‘cultura da convergência’ (GARSON, 2019, p. 69).

Para compreensão acerca do processo de convergir dos meios de comunicação, entende-se por convergência a “[...] tendência para aproximação de duas ou mais soluções tecnológicas que interagindo geram uma nova solução” (NEIVA, 2013, p. 129).

Nesse aspecto, o autor se refere aos conteúdos midiáticos e sobre o termo composto convergência de mídia e dá o significado: “ato ou efeito de integrar meios de comunicação” (NEIVA, 2013, p. 129). Isso quer dizer que, mesmo as mídias sendo distintas em seus conteúdos, de alguma forma, conseguem se unir e contribuir para a formação de um novo conteúdo.

Por convergência, Jenkins (2009), refere-se:

[...] ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 29).

Jenkins acredita que a convergência ocorre por meio da interação dos indivíduos com as mídias e entre as mesmas, sendo esse processo uma forma de cooperação entre diferentes segmentos, e que também influencia no comportamento e nas ações de todos os envolvidos, ocorrendo transformações em diferentes meios.

Em um estudo recente, Garson (2019) investiga a origem, a popularidade e as fundamentações ideológicas que implicam a palavra convergência empregada às mídias, a qual aproxima os produtores aos consumidores.

O autor aborda as definições técnicas e culturais da palavra convergência, uma vez que a mesma se tornou um conceito difundido no contexto das mídias.

O termo convergência foi primeiro aplicado nas mídias digitais pelo então cientista norte-americano Nicholas Negroponte, professor do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), aonde futuramente Henry Jenkins também veio a ser professor. Em 1979, Negroponte ministra palestras pelos Estados Unidos, no intuito de adquirir recursos para a construção do seu laboratório de pesquisas em tecnologias, atualmente existente (GARSON, 2019).

Nicholas Negroponte envolvia-se com questões ligadas à computação; no MIT, lançou o laboratório de mídias. Para o cientista, os computadores estavam ligados ao processo de aprendizagem dos indivíduos, tanto que esse processo lhe despertou mais interesse do que propriamente pelos computadores, pois percebia que, pelo manuseio dos computadores por meio da programação se era possível a interação entre o homem e a máquina, bem mais que isso, era o processo de aprendizagem que ocorria nesse momento. Nesse sentido, o processo de aprendizagem era acessível pela programação ocorrida nos computadores.

Ao fazer essa associação computador, programação e aprendizagem, sendo a última que lhe despertava o interesse, o cientista, juntamente com outro pesquisador, chamado Seymour Papert, desenvolveu projetos nas áreas de aprendizagem, desenvolvimento e computação.

Em 1982, Seymour e Negroponte foram para vários países e, em 1999, criaram o projeto *One laptop per child* – OLPC, tradução “um *laptop* por criança”, onde queriam examinar a interação das crianças com a máquina. O diferencial desse projeto é que todas as crianças nunca tinham tido contato com nenhum objeto eletrônico, eram crianças de comunidades carentes e com nenhum suporte tecnológico.

Segundo Garson (2019), Negroponte liderou o projeto por sete anos; durante esse período, percebeu que, em poucos dias, mesmo sem nunca terem nenhum tipo de interação com objetos eletrônicos, as crianças aprenderam em pouco tempo a manusear os *laptops* e desenvolveram novas habilidades criativas. Ele acreditava que, pela programação e manuseio dos computadores, ocorria a aprendizagem, pois se um programa de computador apresentasse algum problema, o indivíduo tentaria consertar, examinar e testar. Desse modo, ocorria o processo de aprendizagem por programa, assim considerava Negroponte, desenvolvendo e contribuindo para pesquisas acerca das mídias e a relação delas com os indivíduos (GARSON, 2019).

Embora Negroponte tivesse trabalhado com a significação do termo convergência, hoje esse termo tem sua maior associação ligada à cultura da convergência, que define as transformações tecnológicas e sociais.

Para Jenkins (2006, p. 42)

Boa parte do discurso contemporâneo sobre convergência começa e termina com o que chamo de Falácia da Caixa Preta. Mais cedo ou mais tarde, diz a falácia, todos os conteúdos de mídia irão fluir por uma única caixa preta em nossa sala de estar (ou, no cenário dos celulares, através de caixas pretas que carregamos conosco para todo lugar).

Nesse contexto midiático, os termos e conceitos tendem a ter sua obsolescência, pois perpassam a um rápido ciclo de mudanças. Contudo, o termo convergência se manteve no enquadramento das mídias digitais, desde os anos de 1970, sendo empregado para diversas definições e finalidades (GARSON, 2019).

No entanto, convergência ganhou mais um novo sentido, ao ser empregado por Henry Jenkins, em 2006, com a publicação do livro *Cultura da Convergência*, uma vez que, segundo Garson (2019), o escritor não concordava apenas com as definições técnicas da palavra, como se a mesma tivesse ficado subentendida.

Na obra, o conceito passou a ter outro sentido e ser utilizado para que pudesse entender a real necessidade da possibilidade de se consumir cultura de forma mais ativa, também por meio das tecnologias digitais (GARSON, 2019). Isto é, compreender que, a partir daquele momento, seria tanto necessário, quanto possível, o consumo da cultura em suas diferentes formas por meio das mídias digitais, o indivíduo se tornando um consumidor com perfil mais ativo e participativo. Um espectador mais interativo, realizando diferentes tarefas, como compartilhar, copiar, disseminar, enviar, registrar e produzir informações em um meio mais atrativo.

Entender esse conceito é discutir sobre as contribuições e as mudanças sociais causadas pelas tecnologias. É entender as relações e os impactos negativos e positivos que as mídias propiciam. Ao abordar sobre a cultura da convergência, Jenkins nos traz a reflexão sobre o consumo e produção midiática, as relações indivíduo e mídia, além de entender as atuais mudanças postas pelas redes; esse é “um conjunto de nós interconectados” (CASTELLS, 2016, p. 553).

Assim, constata-se que:

Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio (CASTELLS, 2016, p. 554).

Podemos entender as redes como importantes instrumentos, que também estão diretamente ligadas à convergência e evolução social, pois elas contribuem para o desenvolvimento

A partir disso, todo o ciclo midiático estava sendo reconfigurado, surgindo uma nova cultura, denominada por Jenkins (2006) de cultura da convergência. Segundo Garson (2019) o conceito de cultura da convergência então passou a

ser influenciado por acadêmicos e profissionais e, diante disso, teve duas definições. Entende-se que “uma ligada ao aparato técnico, que pensa as funções e propriedades dos meios e trata de aparelhos multitarefa que prometem substituir seus antecessores; e outra ligada ao comportamento do consumidor” (GARSON, 2019, p. 58). Esta segunda é considerada por Jenkins, pois observa a interação e o comportamento dos consumidores, dessa forma, compreendendo a cultura da convergência por uma perspectiva viés social e não somente tecnológica.

É importante ressaltar que, para Jenkins (2006), a convergência está além das mídias, pois também é um processo contínuo, social e humano, que conta diretamente com a participação ativa dos indivíduos.

A convergência das mídias é mais do que uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. (JENKINS, 2009, p. 43).

Outro elemento é compreender o termo convergir. Esse termo tem o significado duplo de concorrer e de aproximar-se, e, nesse ponto, Jenkins (2006) explicita que essa situação de convergência possibilita o diálogo entre as mídias tradicionais e as alternativas (modernas), pois elas se encontram, afluindo para um mesmo caminho, ou seja, “as mídias tradicionais e as mídias modernas colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2006, p. 29).

A cultura da convergência se refere à circulação midiática por diferentes dispositivos. Neste sentido, a cooperação entre indústrias de comunicação tem levado em consideração o comportamento migratório dos consumidores, que procuram experiências alternativas de divulgação e exposição das mídias existentes e, devido a esse comportamento, têm resultado as transformações nos sistemas empresariais das grandes indústrias.

Os grandes jornais, por exemplo, como mídias tradicionais, que, por meio de repórteres, jornalistas e outros profissionais, captam a informação e divulgam

para a população. As mídias modernas ou mídias alternativas também conseguem captar informações de determinado fato, embora se apropriando de diferentes suportes e mídias e, assim, também conseguindo veicular seu conteúdo para a população de forma simultânea.

No bojo das mídias que convergem, é necessário reconhecer o trabalho de Manuel Castells (2016), que aborda em sua obra a participação da sociedade em rede sobre as estruturas sociais, as experiências e as atividades humanas, que o levam para uma vasta conclusão sobre tendências, funções e processos na era da informação (CASTELLS, 2016, p. 553).

Neste mesmo sentido, Jenkins (2006) confirma o recente papel do consumidor nesse universo de mudanças, ao dizer que a convergência exige que as empresas midiáticas repensem e reflitam sobre o que significa consumir mídias, pois os consumidores considerados passivo³, hoje assumem o caráter ativo⁴ com perfil migratório, certificando uma declinante lealdade às redes ou aos meios de comunicação. Contudo, é importante que sempre estejamos atentos para a qualidade e a veracidade das informações produzidas e consumidas.

Ao abordarmos sobre o comportamento do consumidor de mídias, as quais se convergem por meio da interação entre si e os consumidores, podemos observar que, nesse processo de interação e convergência, as transformações têm alterado as relações em diferentes segmentos, esses que Jenkins tem observado por uma perspectiva social nos meios tecnológicos.

O processo de convergência também está ligado a vários aspectos sociais, fazendo com que haja alteração entre os meios que se relacionam; dentre esses, as indústrias, os fabricantes, os consumidores, as mídias, os emissores e os receptores.

Considerando esses aspectos e essas alterações, percebe-se que vivemos em quase todos os momentos conectados a vários produtos eletrônicos produzidos pelas grandes indústrias e transmitindo informações pelos mercados midiáticos. Muitas vezes, não nos damos conta de que esses segmentos dependem mais de nós, do que nós deles, no entendimento de que a procura

3 Usuário que somente recebe a informação.

4 Usuário que além de receber a informação, também a passa de (forma ativa).

(necessidade) faz surgir a demanda e cria mercado diariamente de diferentes segmentos, pois “as empresas usam as informações para decidir a quais segmentos de mercado podem atender de forma mais lucrativa” (CHURCHILL; PETER, 2012, p. 210). Entendemos que essa segmentação é um processo que divide o mercado em potenciais grupos de compras, visando o comportamento e as necessidades semelhantes dos indivíduos (CHURCHILL; PETER, 2012). Vivemos em uma avalanche de informação e geração de conteúdos na rede, os quais são constantemente transmitidos de diferentes formas e em diferentes mídias. Toda essa geração de conteúdo via *web* contém um conjunto de informações que pode contribuir para a construção de conhecimento.

Na cultura da convergência, o conhecimento é atribuído ao acesso, disseminação e troca de informação, por um conjunto de indivíduos conectados à internet, que contribuem para a formação de conhecimento global. Podemos atribuir a isto o termo inteligência coletiva, discutido por Pierre Lévy (2015).

A noção de ‘inteligência’, neste caso, não se confunde com ‘formação’ nem com ‘erudição’, mas com dinâmica de transformação dos saberes dentro das práticas e relações humanas. A inteligência coletiva, ao que parece, indica que o valor de um conhecimento depende do contexto no qual se está (MARTINO, 2015, p. 32).

Para Lévy, a inteligência coletiva se pauta por uma ética da reciprocidade no momento em que há troca de informações, havendo o respeito entre os envolvidos (MARTINO, 2015). E, além do mais, cabe ressaltar a responsabilidade que se deve assumir ao produzir e disseminar um conteúdo na internet.

Apesar das várias questões que poderíamos discutir sobre a internet, neste estudo, ressaltamos o contexto geral sobre a mesma. A internet, utilizada por diferentes meios, é uma ferramenta para o acesso e a disseminação da informação, hoje sendo uma das ferramentas na geração de conhecimento. Por meio da internet, hoje vivemos o que Manuel Castells (2003) considera de sociedade em rede, devido à evolução tecnológica que marcou o início de uma era da informação.

A Internet não é simplesmente uma tecnologia; é um meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era

industrial. A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos (CASTELLS, 2003, p. 287).

Além disso, esse pensamento nos remete à noção de inteligência coletiva, que, para Lévy (2015, p. 29), é considerada a interação virtual que a internet permite às pessoas a troca e a construção de conteúdos, ideias e conhecimentos, mesmo estando em espaços diferentes, criando vínculos, agregando competências e até frustrações, não havendo limitações. Podemos considerar que essa interação também ocorre entre as redes, tratadas por Manuel Castells. O autor descreve que “a sociedade em rede” representa, de forma qualitativa, as transformações das experiências humanas (CASTELLS, 2016, p. 560).

Apesar do importante papel das redes entre outros processos tecnológicos, é imprescindível que haja também a interação e a colaboração humana.

Para Jenkins (2009), convergência não envolve somente materiais, serviços e empresas, e sim quando as pessoas assumem um interesse e controle sobre as mídias. Nesse sentido, o autor conclui que, quando isso ocorre, os resultados podem ser surpreendentes ou nada bons para os demais envolvidos, ou seja, nem sempre a criatividade do produtor de novos conteúdos na cultura da convergência pode agradar a todos; cada um pode criar a sua narrativa, seguindo diferentes critérios e obtendo diferentes resultados.

Podendo assim dizer, além do termo convergência apresentado, a cultura da convergência provém de três conceitos fundamentais, que deram origem à convergência dos meios de comunicação, à cultura participativa e à inteligência coletiva. Para discorrer sobre esses conceitos, serão abordados três importantes teóricos que contribuem para essa discussão: Herbert Marshall McLuhan (1911-1980), com a obra *“Os meios de comunicação como extensão do homem”* (2007); Clay Shirky, com *“A cultura da participação”* (2011) e Pierre Lévy, com *“A inteligência coletiva”* (2015). Esses conceitos serão abordados neste capítulo.

Teoricamente, a cultura da convergência é sustentada por uma tríade de conceitos, que, ao serem descritos, colaboram para a origem de novos enredos.

Essas definições são fundamentais para entendermos sobre essa cultura, pois toda a historicidade desses conceitos elucida o seu significado.

Foram identificados quem são e quais são as características dos produtores e consumidores de informação na cultura da convergência (JENKINS, 2009), sendo:

- Homens e mulheres: Ambos (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) de diferentes faixas etárias.

Segundo Jenkins (2009), todos os espaços de relação dessa cultura oferecem poderosas oportunidades para o desenvolvimento, tanto do mercado, quanto de todos os indivíduos inseridos, criando uma conexão onde unem as diferenças, seja de idade, classe, raça, sexo e nível educacional. As pessoas podem participar de diversas formas, de acordo com as suas habilidades e seus interesses.

O mais proveitoso nesse processo é a relação entre os envolvidos, apontado por Jenkins (2009, p. 249), que, em alguns momentos, pode se levar em consideração que “crianças estão ensinando crianças o que elas precisam saber para se tornarem participantes plenas da cultura da convergência”, considerando que não é somente por esse fato que fazem parte dessa cultura ou que na mesma todos os envolvidos participam desse processo.

Cada público, de diferentes idades e no seu tempo, identifica-se com um tipo de conteúdo e narrativa. Por exemplo, “[...] para os jovens escritores o próximo passo foi à descoberta das *fanfictions* na internet, que forneceu modelos alternativos do que significava ser autor” (JENKINS, 2009, p. 251).

Com o passar do tempo, todo esse público, ao produzir conteúdo, mesmo que ficcional, também começa a publicar e a receber *feedbacks*, desenvolvendo, assim, suas artes e a prática da escrita, à medida em que esses conteúdos expandem o acesso para outros grupos de fãs. Esses também realizam críticas aos outros conteúdos produzidos, com o objetivo de melhorias.

Entretanto, há um interesse em comum sobre algo e isso, em alguns momentos, os une; além do mais, “os adultos comportam-se mais ou menos como supervisores” (JENKINS, 2009, p. 250), sempre observando e analisando o que é produzido, para manter o contexto das histórias e o engajamento dos grupos, lembrando que, na cultura da convergência, as ações realizadas têm forte poder de influência sobre as indústrias midiáticas e também entre os

envolvidos.

Todos os fãs que produzem narrativas no contexto dessa cultura admitem a sua admiração por esses conteúdos e dividem uns com os outros e também com demais pessoas essa empolgação. E, a partir da união de pessoas que juntam seus interesses por algo em comum, formam-se grupos conhecidos como *fandoms*.

Esses grupos, por sua vez, consomem, (re)reproduzem e produzem narrativas em diferentes formatos e mídias, geralmente acabam (re)produzindo sobre algo que já são fãs (JENKINS, 2009). Em sua maioria, direta ou indiretamente, acabam contribuindo para a divulgação e a promoção dessas narrativas já existentes, alavancando o crescimento do mercado midiático.

Essas produções ocorrem da construção de conteúdos, como:

- Jogos (digitais ou físicos);
- Mídias (filmes, *trailers*, clipes, músicas, paródias, *memes*, *gifs*);
- *Sites* e *blogs*;
- Revistas, gibis e livros;
- Poemas e poesias;
- Textos, pinturas e desenhos;
- Produtos (roupas, fantasias, objetos e acessórios).

Nesse contexto, essas narrativas produzidas são transmitidas de duas maneiras: narrativas transmidiáticas e narrativas *crossmidiáticas* (JENKINS, 2006).

A narrativa transmidiática tem o objetivo de ampliar o tema em questão, no sentido de divulgação da narrativa, “a *transmedia* ou narrativa transmidiática, seria uma espécie de evolução [da *crossmedia*], mas ligado ao entretenimento” (FINGER, 2012, p. 124).

Nesse contexto, um mesmo conteúdo pode ser transmitido sem fazer com que a mesma narrativa perca o sentido, como, por exemplo, a narrativa de um filme em diferentes meios, em um livro, em um jogo físico, na TV, na tela do celular, “trata-se da expansão do produto que vai ser alterado e complementado por outros conteúdos, até mesmo pelos usuários, em diferentes meios e suportes” (FINGER, 2012, p. 124). Isso possibilita que diferentes ferramentas e suportes contribuam para a divulgação dessas narrativas.

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentos como atração de um parque de diversões (JENKINS, 2009, p.138).

Segundo Jenkins (2009), a compreensão que se obtém por meio de diferentes mídias fortalece a relação de entendimento e experiências que contribuem para o aumento do consumo de novas mídias e a relação entre consumidor e mercado em seus diferentes segmentos midiáticos.

Em uma abordagem transmidiática, “é possível incluir como objeto de estudo as extensões em outras mídias que suplementam uma narrativa principal ou que se suplementam mutuamente...” (FIGUEIREDO, 2016, p. 61), uma auxiliando a outra em suas formas distintas de contar histórias, por meio de diferentes ambientes midiáticos.

Já na narrativa *crossmidiática*, o processo de transmissão ocorre no intuito de promoção do conteúdo, “é possível dizer que a *crossmedia* surgiu na década de 1990 e, inicialmente, estava ligada a publicidade e ao marketing” (FINGER, 2012, p. 124).

Nessa narrativa, a transmissão também ocorre por meio de diferentes ferramentas e suportes, porém, para que haja o entendimento do enunciado (informação), é preciso que o indivíduo acompanhe os outros meios, para que tenha compreensão acerca do conteúdo.

O exemplo mais recorrente é a convocação para que o telespectador acesse o site da emissora para obter mais detalhes e informações sobre o conteúdo veiculado na TV, no caso dos programas informativos. Mas também as telenovelas, as séries, os reality shows, todos têm uma página na internet na qual o telespectador poderá encontrar de blogs com participação de autores à ficha técnica da equipe de produção (MÉDOLA, 2009, p. 4).

Para Jenkins (2009), cada vez mais os indivíduos anseiam por “informação” e desejam buscá-la em diferentes plataformas midiáticas, com desejo de curiosidade e anseio, no intuito de adquirir novas experiências como usuários de novas mídias e conteúdos, que antes eram só receptores e, agora, também produtores e emissores de “informação”, com desejo sobre algo.

Essas novas narrativas destinam-se a todos os públicos, principalmente para os fãs de todas as idades, adeptos ou não a essa prática. No cerne dessa cultura, podemos observar as suas contribuições para a sociedade no âmbito educacional, uma vez que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e social, pois influenciam mercados e a sociedade como um todo.

Jenkins (2009) traz relatos de experiência de fãs sobre a importância da realização de práticas de leitura e escrita. Entre exemplos de narrativas, o autor menciona que reescrever novas histórias e criar narrativas ficcionais (*fanfictions*), que promovam a importância de contribuições educativas, como cooperar fortemente para o letramento da criança, para o aprimoramento da leitura e da escrita de adolescentes e jovens, é fundamental para que se desperte o estímulo para o hábito da leitura, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo desses indivíduos.

Segundo Jenkins (2009) toda relação de aproximação de fãs mais velhos com os mais novos, que são considerados fãs da nova geração, tem possibilitado uma relação de aprendizado e respeito, muitas vezes em grupos de fãs (*fandoms*).

Silva et al. (2017) definem que *fanfiction* pode ser uma produção de histórias ficcionais, fundada em ícones da cultura popular, escrita por fãs que não se contentam apenas com o conteúdo original, materializando novas narrativas por meios desses conteúdos existentes.

Essas narrativas são criadas por fãs ou grupos, denominados de *fandoms*, 'são comunidades de fãs que compartilham produtos, experiências e trabalhos de seu objeto de veneração' (SILVA et al, 2017, p. 1258).

As comunidades de fãs (*fandoms*) se apropriaram dos meios digitais para disseminarem suas produções, tendo como exemplo o *YouTube*, uma plataforma digital de fácil acesso, em que o usuário se torna facilmente produtor, criando um canal e disseminando seus conteúdos, possibilitando, assim, a troca de ideias entre emissores e receptores.

Essas novas ferramentas de comunicação possibilitam que todos possam produzir conteúdo frutífero e disseminá-lo de formas ilimitadas para o público, "o advento de novas ferramentas de produção e canais de distribuição derrubou barreiras de entrada no mercado de ideias" (JENKINS, 2009, p.368), isto é,

tornando possível que todos possam atuar no segmento midiático, mesmo que de forma amadora e sem que essas informações sejam verídicas ou inverídicas, no desejo por visibilidade, *status* ou suprir as próprias necessidades.

Há uma década, a *FanFiction* publicada era, em sua maioria, escrita por mulheres na faixa dos 20, 30 anos ou mais. Hoje, essas escritoras mais velhas estão acompanhadas de uma geração de novos colaboradores que descobriram a *FanFiction* navegando pela internet e decidiram ver o que era capaz de produzir (JENKINS, 2009, p. 250).

Com o advento da internet e o fácil acesso aos meios eletrônicos de comunicação, foi crescendo o número de adeptos às práticas de produção de *fanfiction*, como citado por Jenkins (2006). No auge da sua produção, as mulheres eram maioria nesse segmento de produção narrativa. Hoje, as mesmas acompanham outros produtores, que, com o passar dos anos, foram aderindo às práticas, arriscando-se a produzir suas próprias histórias; a maioria dos jovens de hoje que também produzem *fanfiction* descobriram essa prática por meio da internet.

Numa cultura participativa, a comunidade inteira assume uma parte da responsabilidade em ajudar os iniciantes na internet. Muitos jovens autores começaram a redigir histórias sozinhos, como uma reação espontânea a uma cultura popular. Para esses jovens escritores, o próximo passo foi a descoberta da *fanfiction* na Internet, que forneceu modelos alternativos do que significa ser autor (JENKINS, 2009, p. 251).

Pesquisando em sites de *fanfictions* sobre o assunto, percebemos que as práticas desses jovens que estão inseridos em *fandom* estão relacionadas com a escrita, assim, também como menciona Jenkins (2009). Essas atividades, como criar e descrever, agregam valores tanto em relação ao seu desenvolvimento social quanto cognitivo.

Entre as comunidades de fãs, há uma colaboração que exige esforços dos fãs mais velhos para auxiliar os mais novos onde, para cada história postada, antes da sua divulgação, há um leitor voluntário, que fica responsável por realizar uma leitura prévia (chamada de leitura beta, nome dado ao termo computacional teste beta). Nesse site, os fãs que postam suas narrativas originais ou ficcionais, buscam aconselhamentos sobre suas histórias e estão dispostos a ouvir sobre o assunto.

Segundo Jenkins (2009), esses leitores *betas* desejam que esse espaço seja um lugar onde a *fanfiction* possa ser lida e apreciada e que os leitores possam estar prontos para ouvirem, além de elogios, também críticas, para que haja uma edição técnica, pois, esses conteúdos serão disseminados para outros fãs.

Além disso, um ponto importante a ser apontado é que essas comunidades de *fanfictions* fazem com que os integrantes aprimorem suas habilidades de escrita e leitura, principalmente em relação a redigir uma redação, visto que no exercício contínuo da escrita e da leitura adquirem novos conhecimentos.

Esses fãs se tornam apaixonados pela escrita, pois, ao escreverem sobre os assuntos de que tanto gostam, também percebem que “essa aprendizagem torna-se uma trajetória pessoal e singular num espaço complexo de oportunidades [...]” (JENKINS, 2009, p. 257).

Recriam histórias e as materializam em diferentes tipos de suportes e mídias, como já mencionado, como em jogos (digitais ou físicos); narrativas midiáticas (filmes, trailers, clipes); *sites* e *blogs*; narrativas ficcionais: (*fanfictions*), revistas, gibis, livros em forma de contos, poemas, poesias, músicas e textos. Todas essas narrativas são escritas pelos próprios fãs, muitas dessas, antes de serem publicadas, são revisadas por outros fãs mais experientes, a fim de compreenderem o contexto da narrativa e no intuito de assessorar o escritor (amador) no exercício da escrita.

É importante examinarmos as narrativas que compõem a elaboração de conteúdos no contexto da cultura da convergência, pois tal averiguação e compreensão percebe a ação de construção e registro da informação por meio de outras fontes desses consumidores.

Enfatizamos que tais considerações apontadas sobre essas narrativas têm a sua relevância na produção e no desenvolvimento dos indivíduos, também causando impactos na sociedade e suscitando a importância de refletir sobre essas transformações e possibilidades, no que se refere à construção e uso da informação.

Enquanto consumidores, tentamos nos adequar às constantes mudanças tecnológicas que ocorrem. Nesse contexto, buscamos, dentro das nossas condições socioeconômicas, suprir nossas necessidades, à medida que

conseguimos acompanhar esses avanços. Todo esse processo está inserido em uma cultura onde há forte influência entre a relação do indivíduo com as tecnologias, do emissor com o receptor e, principalmente, do consumidor com o mercado midiático.

Portanto, na cultura da convergência, velhas e novas mídias se corporificam e se colidem, recriando narrativas e assumindo novas histórias, tendo como seus criadores todos os tipos de pessoas, homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos, sendo esses, fãs ou não, que assumem ou despertam uma paixão por histórias, seja de origem real ou ficcional.

Para entendimento acerca da cultura da convergência que foi apresentada, a seguir, serão mencionados os três conceitos que envolvem essa cultura e abordam o comportamento e as práticas narrativas dos consumidores de mídias tradicionais e alternativas

Nesse sentido, a cada dia é possível perceber as relações de poder entre consumidores e produtores de mídias e sobre os espectadores, como descreve McLuhan (2007). Assim,

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem (MCLUHAN, 2007, p. 21).

Entendemos que o autor nos passa a ideia de que vivemos em uma cultura na qual queremos ter controle sobre tudo, nos utilizando do conhecimento. Contudo, também acabamos sendo controlados.

Essa relação acontece pelas numerosas participações ativas dos consumidores sobre os conteúdos midiáticos, muitas vezes ditando o desenvolver dessas mídias e das grandes indústrias de tecnologias, por exemplo, a automação que vem reestruturando o trabalho humano. Isso, também nos leva a reflexão sobre o uso de redes sociais, participação massiva nas mídias e a nossa relação com elas. Além do mais, com o avanço tecnológico as demandas das nossas necessidades em relação ao nosso comportamento sob a inteligência artificial, entre muitas outras demandas.

Apesar da obsolescência de muitos aparelhos eletrônicos, em sua maioria mais modernos e com inúmeras funções, que suprem as necessidades e

agradam os gostos dos consumidores, possibilitando que a convergência midiática ocorra dentro dos aparelhos, conseqüentemente por influência dos consumidores.

Atualmente, temos computadores totalmente modernos e ágeis, capazes de processar, armazenar e disseminar centenas de milhares de informações em segundos, permitindo aos consumidores gastarem menos tempo, com mais agilidade e qualidade nos serviços oferecidos. É considerado um dos meios de comunicação como extensão do homem mais eficiente, contribuindo também para a produção intelectual, tal pensamento, podemos refletir sob a leitura de McLuhan (2007).

Ao pensarmos sobre esses aspectos, compreendemos que o processo evolutivo tecnológico está em constante transformação. É importante destacar que, com esse acontecimento, não significa que as “velhas mídias” irão desaparecer ou que as “novas mídias” tomarão o seu lugar. Acreditamos que, na atualidade, elas se convergem, pois “velhas e novas mídias” interagem, possibilitando a criação de novos conteúdos e novas formas de entretenimento.

A convergência está ocorrendo dentro dos mesmos aparelhos, dentro das mesmas franquias, dentro das mesmas empresas, dentro do cérebro do consumidor e dentro dos mesmos grupos de fãs. A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação (JENKINS, 2009, p. 44).

Essa convergência tende a explicar que a sociedade também se desenvolve em torno das tecnologias, sendo totalmente capaz de realizar diversas ações.

O indivíduo, que antes era um receptor passivo, hoje se desenvolveu e produz seus próprios conteúdos, tornando-se produtor de novas ideias e pensamentos. Com o advento crescente das tecnologias, tornou-se mais fácil a disseminação da informação, levando esses produtores a usarem diversas ferramentas para a vinculação desses conteúdos, sejam individualmente ou em determinados grupos que contribuem para uma cultura participativa.

Nesse contexto da convergência, podemos perceber a ação de poder dos consumidores e, por meio das próprias mídias, como são lançadas estratégias que os atraem para tal ação.

O processo de convergência está ligado a vários aspectos sociais, fazendo com que haja alteração entre os meios que se relacionam, dentre esses, as indústrias, os fabricantes, os consumidores, as mídias e os espectadores.

No mundo, há diversas possibilidades de escolhas, como se fosse uma mesa farta, e nem se quiséssemos daríamos conta de comer tudo o que há ali. As mídias de publicidade nos ofertam promessas e soluções; contudo, essas nem sempre são alcançadas, “toda promessa deve ser enganosa, ou pelo menos exagerada, para que a busca continue” (BAUMAN, 2007, p. 108). Nesse sentido,

Para atender a todas essas novas necessidades, impulsos, compulsões e vícios, assim como oferecer novos mecanismos de motivação, orientação e monitoramento da conduta humana, a economia consumista tem de se basear no excesso e no desperdício (BAUMAN, 2008, p. 53).

Estamos vivendo a infelicidade do excesso devido ao consumismo, pois há muitas opções para se escolher, não havendo a falta dessas. Isso leva ao consumidor a difícil tarefa de estabelecer de fato o que é prioridade e dispensar o que não precisa, mas que desejaria pelo simples fato de ter.

Talvez que o “fechamento” ou a consequência psicológica mais evidente de uma tecnologia nova seja simplesmente a sua demanda. Ninguém quer um carro até que haja carros, e ninguém está interessado em TV até que existam programas de televisão. Este poder da tecnologia em criar seu próprio mercado de procura não pode ser desvinculado do fato de a tecnologia ser, antes de mais nada, uma extensão de nossos corpos e de nossos sentidos (MCLUHAN, 2007, p. 88).

O uso das tecnologias é um dos meios pelos quais produzimos diariamente uma variedade de informações, que, consequentemente, estimulam para a criação de novas tecnologias e mídias e, por essa demanda, tentam suprir as nossas necessidades.

Estamos nos tornando receptores mais criativos e produtivos, não somente capazes de obter as informações e os conteúdos, mas também de interagir entre diversos dispositivos midiáticos, produzindo conhecimento e transmitindo pelas diversas plataformas digitais. Apesar disso, precisamos também nos atentar para os problemas do consumo de informação na rede.

Temos à disposição recursos que deveríamos saber como usá-los, pois, esses são capazes de disseminar a informação em massa em questão de segundos; porém, é necessário haver a organização dessa informação, principalmente na atualidade, momento em que a cultura da convergência se faz presente, produzindo informação e gerando novos conteúdos, sendo necessária a reflexão sobre essas práticas e sua identificação para abordarmos suas contribuições na Ciência da Informação.

A cultura participativa está emergindo à medida que a cultura absorve e responde à explosão de novas tecnologias de mídia que tornam possível a mídia arquivar, anotar, apropriar e recircular o conteúdo da mídia em novas e poderosas ferramentas (JENKINS, 2009, p.8).

Os consumidores de mídias interagem e desenvolvem suas habilidades, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias se modificam e avançam; na cultura participativa, a comunicação ocorre de forma contínua e pluricelular, por meio da internet, possibilitando uma explosão de informação.

Nota-se, então, que, na cultura participativa, há interação entre os participantes, assim, unindo conhecimentos em busca de melhorias e novas habilidades. Esse fato corrobora para o entendimento da inteligência coletiva, pois acredita-se na ideia da união dos indivíduos para um pensamento produtivo.

O conceito de inteligência coletiva, cunhado por Pierre Lévy (2015), é entendido na cultura da convergência como uma concepção de que sozinho não é possível se obter grande conhecimento. No entanto, é sobre uma união de indivíduos, que juntos buscam, trocam e agregam informações para a construção do conhecimento, que permite o aumento da capacidade intelectual de cada um.

Em diferentes formas, meios, suportes e mídias produzimos informação a todo instante, mas não nos preocupamos em como elas chegarão aos receptores, que também serão novos emissores de outras ou das mesmas informações. A todo momento, o número de pessoas em rede cresce incessantemente e o conhecimento que cada um traz consigo contribui para o que podemos considerar “inteligência coletiva”.

Segundo o site da ONU News (2020), da Organização das Nações Unidas (ONU), um estudo feito pela União Internacional de Telecomunicações – UIT (2019), a princípio realizado para relevar o abismo digital de gênero, destaca que

4,1 bilhões de pessoas utilizam a rede mundial. Contudo, ainda há, em média, cerca de 3,6 bilhões de pessoas que se encontram excluídas das comunicações *on-line*, sem o “poder” das tecnologias digitais, nos lembrando que a grande maioria dessas pessoas são de países pobres.

Destacando que, de acordo com Lévy (2015), é uma inteligência distribuída por indivíduos e que constantemente é valorizada, coordenada em tempo real, resultando em uma mobilização efetiva das competências e não se restringe a poucos. Portanto, podemos dizer que essa inteligência é distribuída por toda a parte, faz parte de um coletivo no qual se pode contribuir com experiências e conhecimentos. “Sozinhos não podemos saber tudo, porém se nos unirmos poderemos criar nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático.” (JENKINS, 2009, p. 30).

A união de mentes inteligentes é capaz de realizar tarefas e assegurar resultados, que talvez um indivíduo sozinho não conseguiria com certa destreza. Frente às dificuldades e obstáculos existentes, postos pelos ambientes altamente competitivos em que vivemos, unir-se é obter forças para resultado e sucesso.

Quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, em sujeitos cognitivos, abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e de reação rápidas, melhor asseguram seu sucesso no ambiente altamente competitivo que é o nosso (LÉVY, 2015, p. 19).

Estamos, a todo momento, fazendo uso da internet, seja para nos conectar a um fato ou a alguém. Formamos uma rede de pessoas conectadas, com transmissão de conhecimentos diferentes; uns divergem dos outros, assim como outros se assemelham.

A internet nos permite uma interação em rede, a qual nos conecta, ao mesmo tempo, a diferentes indivíduos e em diversos espaços, tornando possível a troca de informações e conhecimento, gerando vínculos, agregando competências e até mesmo frustrações, pois toda essa relação também é vista por um viés social, além de tecnológico e, por essa interação, Pierre Lévy a considera “inteligência coletiva”.

Segundo Martino (2017), podemos contribuir para a constituição de um conjunto de saberes, sem perdermos a inteligência individual, ou seja, a soma

do conhecimento de cada um agrega valor para um aglomerado de saberes virtuais, que pode ser compartilhado entre todos.

Ao descrever sobre os produtores de informação na cultura da convergência, percebemos que, na maioria das vezes, essas pessoas não se conhecem, porém, dividem as mesmas referências. São fãs, que, recriando as mensagens das mídias e tornando eles mesmos produtores, compartilham ideias e espalham entre vários meios de comunicação e plataformas novos conteúdos midiáticos. A esse elemento, Jenkins denomina cultura da convergência (MARTINO, 2017), como já foi mencionado anteriormente.

Um dos pontos importantes que podemos observar sobre o fã produtor de conteúdo na cultura da convergência, além das questões tecnológicas e culturais, é que estes em sua maioria estão habituados às linguagens dos meios digitais, e se expressam de uma forma característica do seu meio (MARTINO, 2017, p. 35).

Novos conteúdos de filmes, séries e *sites* são reinventados pelos próprios usuários, dando uma nova significação, construindo e disseminando novas narrativas, onde é possível identificar os seus desejos e de outros espectadores, geralmente fãs e produtores de novas narrativas, que, sem se conhecerem, contribuem para a imaginação de outros fãs. Muitas produções narrativas, em sua maioria “amadoras”, buscam atrair outros fãs, seja pela afinidade do tema ou pela curiosidade em conhecer novos conteúdos.

Ao assistirmos na TV, seja novela, um filme ou um seriado, estamos diante de uma “comunicação de massa”.

A comunicação de massa (CM) é, por natureza, caracteristicamente industrial e vertical. Industrial porque se destina a elaborar e distribuir produtos, bens e serviços culturais, em forma de mensagens, mas padronizados e em série, o que exige não só grandes investimentos econômicos, técnicas e especialistas em diferentes campos profissionais e até mesmo mão-de-obra especializada como, sobretudo, organização (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p. 56)

Essa é uma produção pronta, de acordo com a necessidade da indústria cultural e televisiva da sociedade. Hoje, podemos considerar que, nessa cultura, os conteúdos televisivos são âncoras das mídias e que muitas vezes influenciam os indivíduos em seus lares.

O que eu sei é que o conteúdo televisivo permanecerá – e posso afirmar que terá mais audiência que qualquer outro tipo de conteúdo audiovisual de qualquer outra mídia. Por um motivo muito simples: a televisão visa às grandes audiências genéricas, enquanto a internet e celular visam ao conteúdo segmentado (CANNITO, 2010, p. 26).

Por meio de diferentes aparelhos eletrônicos, e principalmente os celulares e os televisores, muitos conectados à internet, reproduzimos esses conteúdos e compartilhamos novas informações, trocamos mensagens, fotos, áudios, deixamos de ser receptores passivos, e passamos para emissores ativos, replicadores e criadores de novas mensagens, compartilhando informações com outras pessoas. Esse processo de convergência é dinâmico e acontece nos momentos em que recriamos, transmitimos e compartilhamos informação.

Hoje se tornou mais fácil produzir mídias, existindo diversos programas simples de edição de vídeo, nos quais podemos construir, editar e exibir nossos conteúdos, pelas câmeras de celulares, com aplicativos de som e imagem, que ampliam, modificam e melhoram suas funções, facilitando a criação e compartilhamento de conteúdo com outros usuários. Podemos também recriar novas cenas de séries, filmes ou o que gostamos, dando um novo sentido para a narrativa; conseqüentemente, estamos alterando a relação de emissor receptor, e essa é considerada uma característica da cultura da convergência.

A cultura da convergência representa uma modificação de como os indivíduos são vistos no processo de comunicação. Um dos pontos mais importantes no conceito dessa cultura aponta o destaque de que cada indivíduo tem a capacidade e autonomia em produzir novas mensagens (MARTINO, 2017).

As práticas narrativas de coexistência e colisão dos conteúdos gerados na cultura da convergência são de inúmeras temáticas, desde músicas, poemas, contos, *sites*, *blogs* e, principalmente, narrativas ficcionais (*fanfiction*), que foram mencionadas neste estudo. Essas destacam a imaginação dos fãs ou adeptos a essas práticas, criando novas narrativas, a fim de contar outras histórias e inovar os enredos propostos pelos autores das tramas originais.

Dessa forma, a cultura da convergência destaca uma nova concepção acerca dos processos dos meios de comunicação, onde os indivíduos produzem conteúdos e mensagens em torno de uma lógica das indústrias midiáticas, a qual

se expressa em tecnologias e produtos tecnológicos.

Por fim, nessa cultura, os receptores tornam-se produtivos e são capazes de criar e recriar, produzir e reproduzir, compartilhando e gerando informações por diferentes mídias e meios de comunicação, conseqüentemente, colaborando para uma cultura participativa, que nesse contexto une indivíduos e forma uma inteligência coletiva, destacando a compreensão sobre o que é cultura da convergência.

3 DOCUMENTO

No presente capítulo, trataremos do termo documento e os seus conceitos, para sua compreensão e contexto na Ciência da Informação e na Documentação.

Na sociedade, o documento tem um importante papel histórico e social, de identidades e significados. A sua materialidade consiste no que nele é registrado, ou seja, o seu conteúdo. E a esse, atribuído institucionalmente um valor informacional.

Para tanto, é necessário entender e ressaltar os conceitos e atribuições do documento em diferentes perspectivas, por uma revisão de literatura de principais autores da área da Ciência da Informação (CI), que definem ou discutem sobre o assunto, tais como Araújo (2014); Capurro (2003; 2007); Corrêa; Spudeit (2018); Borko (1968); Bri;et (2016); Buckland (1991; 1997; 2011); Frohmann (2009); González de Gomez (2011); Grigoletto (2012); Gugliotta (2017); Le Coadic (2004); López Yepes (1995); Mostafa (2011); Ortega (2009); Ortega; Saldanha (2017; 2019); Otlet (1996); Rabello (2009; 2019); Boyd Rayward (1994; 1996); Ronald E. Day (2001; 2005); Valente (1978), entre outros.

Entendemos que a Ciência da Informação é:

[...] uma ciência interdisciplinar que estuda as propriedades e o comportamento da informação, as forças que dirigem o fluxo e o uso da informação e as técnicas, tanto manuais como mecânicas, de processar a informação visando sua armazenagem, recuperação e disseminação (BORKO, 1968, p. 3).

Além dessa concepção sobre a Ciência da Informação como uma ciência interdisciplinar, que estuda os processos informacionais e possibilita o uso da informação em diferentes abordagens e conceitos, também compreendemos que se faz necessário apresentarmos, brevemente e sem aprofundamentos, o conceito de informação que se relaciona com o sentido de documento.

A Ciência da Informação nasce preocupada em responder a uma problemática bastante específica: como tornar mais eficiente a recuperação de informação. Nesta concepção, o conteúdo dos documentos, ou seja, a informação torna-se mais valorizada (GUGLIOTTA, 2017, p. 319).

Segundo Tarapanoff (2006), a informação no campo tem o sentido de conhecimento comunicado. Em contraposição a Le Coadic (2004), a informação é o conhecimento registrado. Nesse sentido, em consonância com os autores, mencionamos que “o conhecimento pode gerar informação, se for registrado, representado ou comunicado [...]” (BRUSAMOLIN; SUAIDEN, 2016, on-line).

Para Santos e Cardoso Filho (2011), a Ciência da Informação é o campo que possibilita várias características, tendo como objeto de estudo a informação.

A Ciência da informação – CI é um campo multifacetado. Seu objeto de estudo é a informação em uma determinada área ou sob determinada abordagem. Caracterizada desde sua origem como interdisciplinar, abrange um largo espectro de possibilidades temáticas de estudiosos de diferentes formações acadêmicas e, conseqüentemente, como campo de pesquisa apresenta riqueza de abordagens (SANTOS; CARDOSO FILHO, 2011, p. 29).

Nesse sentido, novos estudos na Ciência da Informação são necessários, para a compreensão dos processos informacionais, visto que, assim como o documento, a informação também passa por transformações institucionais, que determinam seu valor e a sua função no tempo e espaço.

Desde a década de 1970, a Ciência da Informação compõe um grupo com principais representantes, dentre os quais se destaca o teórico francês Robert Escarpit, que conceitua o documento como um objeto que contém informação, capaz de ser visível e palpável (ORTEGA, 2016). Dessa forma, se considerarmos os aspectos postos pelo autor, quanto ao conteúdo, visibilidade e fisicalidade atribuídas ao documento, nota-se a construção do seu conceito.

A Ciência da Informação como disciplina tem o objetivo de investigar as propriedades, o comportamento informacional e os processamentos que dão significado à informação, com o propósito que haja boa acessibilidade e usabilidade da mesma (BORKO, 1968, p.1). A Ciência da Informação preocupa-se em estudar e entender as propriedades, processos e fenômenos informacionais, além dos seus produtos e usuários.

Le Coadic (2004, p.25) descreve que as propriedades gerais da informação têm sido objeto de estudo da Ciência da Informação, a sua gênese, natureza e efeitos, bem como os processos de construção, comunicação e uso da informação. O autor traz como exemplo, as informações científicas, o que

também cabe à Ciência da Informação estudar.

A Ciência da informação como uma disciplina tem como meta fornecer um *corpus* teórico sobre informação que propiciará a melhoria de várias instituições e procedimentos dedicados à acumulação e transmissão de conhecimento (BORKO, 1968, p. 2).

Sobre o *corpus* teórico produzido e estudado pela CI, mencionamos, por exemplo, o documento como um tema que é contextualizado por essa ciência, visto como um suporte que contém um registro de informação, passando, então, a ser informacional, a partir do seu valor social que lhe é atribuído.

Smit (2012) entende que “ser informacional” é historicamente determinado, embora relativo, pois as instituições que detêm a informação determinam quais serão coletadas. Esse processo pode ocorrer por meio de um consenso, que pode variar de tempos em tempos e determinar qual tipo de registro poderá ser armazenado. A autora ainda afirma que “a decisão sobre o ‘poder informacional’ de algum fato, evento ou registro é situacional” (SMIT, 2012, p. 86), ou seja, as instituições que têm o documento como suporte de informação, armazenam, controlam e as têm como utilidade e poder de prova.

Para melhor entendermos a informação para melhor associação ao documento, essa se define por registros de um conhecimento inscrito de forma impressa ou digital, audiovisual ou oral, sob um determinado suporte (LE COADIC, 2004, p.4).

Smit (2012) considera uma demarcação inicial o conceito de informação: “temos assim uma primeira delimitação – importante – para a informação na Ciência da Informação: está informação deve ser registrada” (SMIT, 2012, p. 85). Ainda pensando nessa demarcação, segundo Araújo (2014, p. 139), muitos teóricos dedicaram-se à sistematização dos conceitos de informação na Ciência da Informação, como os autores Rafael Capurro e Berger Hjørland. Eles se empenharam em realizar uma ampla sistematização, buscando a própria origem do termo. Esses autores se preocuparam em analisar o seu uso em diversos periódicos, nas manifestações nas ciências, sejam elas naturais, humanas e sociais.

Nas explicações de Capurro e Hjørland (2007), ao pensarem na Ciência da Informação, é relevante considerar o modo como os seus termos são

definidos, como em outros campos, pois, na área, a discussão sobre a definição do termo informação é discutível.

Nesse viés, os autores afirmam que não devemos considerar o conceito de informação de modo isolado, trazendo como exemplos os conceitos de documento e mídia, pois a Ciência da Informação está entre muitas redes de outras disciplinas que trabalham com comunicação, tecnologia, sistemas e demais processos relacionados.

Retomando o pensamento de Smit (2012), “temos assim uma segunda delimitação – igualmente importante – para a informação na Ciência da Informação: essa informação é institucionalizada, o que lhe confere um ‘selo de qualidade’” (SMIT, 2012, p. 87). Em outras palavras, considera que a informação no contexto da área é a informação institucionalizada, essa, conseqüentemente, tendo o documento como um suporte com registros e valor atribuído.

Em relação à informação institucionalizada e a sua utilização sem limitações de tempo e espaço, deduz-se que essa precisa ser “documentada” ou registrada. Nesse sentido, caberia, então, considerar que, quando a informação não é registrada em algum tipo de suporte, por mais importante que essa possa ser, não haveria a construção de um documento enquanto suporte, pois a “informação registrada equivale ao conceito de documento, embora o mesmo tenha sido investido de valores diferenciados ao longo do tempo” (SMIT, 2012, p. 85).

Para Buckland (1991), há três maneiras de uso da palavra, como processo, conhecimento e coisa.

Considerando que a informação como processo seja algo circunstancial, “qualquer objeto particular, documento, dado ou evento pode ser considerado como informativo dependendo das circunstâncias” (BUCKLAND, 1991, p. 10). A partir de então, “ser informativo” parte das características da “informação como coisa”; sendo assim, os documentos em suas circunstâncias são informativos.

No processo da informação, Buckland teoriza que a modificação do material se torna mais evidente quando adquirido pelo indivíduo, no intuito de se informar. No conhecimento, o foco é direcionado ao objeto da informação, reduzindo incertezas, considerando a integridade da informação, no sentido que não se mensura o conhecimento, esse sendo individual e único, pautado em conceitos e objetivos. Em informação como coisa, Buckland considera que, ao

processo informacional e ao conhecimento, não há distinções entre o tangível e o intangível. Contudo, para o autor, ambos materializados decorrentes da ação de informar, seja por meio de textos, sinais ou nas comunicações, evidenciam a sua fisicalidade no aspecto do documento e na Documentação (JORENTE, 2012).

Para evidenciarmos e averiguarmos o conceito de documento, trazemos também o conceito do mesmo sob a definição da Associação Brasileira de Normas de Técnicas (ABNT) e da NORMA NBR ISO 9001: 2015.

A Associação Brasileira de Normas de Técnicas (ABNT), responsável pelas normalizações técnicas no país, criou, em 2015, uma Norma Técnica Brasileira (NBR), que, por meio da *Organization for Standardization* (ISO), ou seja, da Organização Internacional de Padronização, padronizou NBR ISO 9001:2015. Esta define o documento como um conjunto de leis, procedimentos, instruções e normas, as quais estabelecem diretrizes e regras para ações de planejamentos, que possam direcionar o futuro de uma instituição.

Além disso, ao abordarmos sobre o documento na ISO 9001, sendo um importante instrumento de contribuição para o planejamento institucional e que direciona a instituição para melhores resultados futuros, percebemos o documento por uma visão administrativa. Por outro lado, nesse contexto, também se inclui a gestão documental e uma visão sobre a instituição onde esse documento se insere.

A NBR ISO 9001:2015 também trata sobre o registro, mas sob uma visão de algo que remete ao passado, os registros são anotações de um fato ocorrido e hoje servem como evidências de uma prova, por exemplo, como os certificados, notas fiscais, atas de reunião realizada, entre outros. Esses, antes, eram considerados pela ABNT NBR ISO 9001: 2008 por documentação, manual da qualidade, procedimentos documentados e/ou registros. Contudo, hoje, esses termos mencionados são definidos por “informação documentada” pela NBR ISO 9001: 2015.

A ABNT NBR ISO 9001:2008 usou o termo ‘registros’ para denotar documentos necessários para prover evidência de conformidade com requisitos, isso agora é expresso como um requisito para ‘reter informação documentada’. A organização é responsável por determinar qual informação documentada precisa ser retida, o período de tempo pelo qual ela deve ser retida e o meio a ser usado para sua retenção. (NORMA NBR ISO 9001: 2015, 2015, p. 53).

Apesar das diferenças entre os termos documento e registro, atribuídas pela ISO 9001, pela união desses termos, definiu-se o conceito de informação documentada, pois, “consequentemente, ‘informação documentada’ é usada para todos requisitos de documento” (NORMA NBR ISO 9001: 2015, 2015, p. 56).

Nesse sentido, simplificando, cabe entender que o registro é a informação documentada que se refere ao documento (ISO 9001:2015).

Outros autores também trazem importantes conceitos de documento. Santos e Ribeiro (2003) definem como:

- 1 É qualquer base de conhecimento fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudo, prova ou pesquisa;
- 2 Reunião de informações e dados em geral gravados de forma permanente e legível por máquina ou pessoa. Diz-se também de todo meio impresso (livro, revista, tese, monografia, etc.) relacionado em base de dados bibliográfica;
- 3 Reunião de informações escritas, acumuladas numa série sucessiva de anotações que diz respeito a uma organização ou indivíduo; são todos os papéis contendo informações que ajudem a tomar decisões, comuniquem decisões tomadas, registrem assuntos de interesse de uma organização ou indivíduo;
- 4 Termo genérico utilizado para referência a arquivos que contenham objetivos que façam parte de compartilhamentos de dados entre aplicativos;
- 5 Unidade constituída pela informação e seu suporte; registro de uma informação independente da natureza do suporte que contém;
- 6 Suporte material onde se registra informação (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 87).

Ao verificarmos os conceitos descritos na visão de Santos e Ribeiro (2003), podemos ter diferentes ideias sobre o documento. Assim, entende-se como:

- Qualquer suporte que contenha informação e possa ser consultado;
- Conjunto de informações que possa ser materializado por meio de qualquer suporte e mídia;
- Conjunto de informações que são anotadas, registradas em um suporte físico;
- Termo usado para dar nome a um suporte de mídia digital;

- Unidade que se constitui pelo suporte e pela informação;
- Suporte que possa registrar informação.

Dessa forma, os autores descrevem e caracterizam o documento de forma ampla, permitindo que diferentes suportes, objetos e meios possam ser identificados como documento.

Ainda sobre o entendimento do conceito de documento, citamos outros autores, desse modo, pela visão de Cunha e Cavalcanti (2008), o documento se refere à:

- 1 Transmissão ou transferência de mensagens de um ponto a outro, de uma fonte a um destinatário, ou a grupo de destinatário.
- 2 Ação de transmitir um documento que contém informação.
- 3 A comunicação documentária implica as ideias de 'uso' e 'devolução' do documento. A 'disponibilidade' dos documentos tanto pode ser no próprio local onde se encontram, como pode ser realizada através do empréstimo [...] (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 129).

Para esses autores, o documento já é visto como uma fonte que transmite uma mensagem a um destinatário ou demais pessoas.

Ao entendimento de que, o documento também é uma base de conhecimento materialmente registrado e que nele contenha informação, compreendemos que, cabe também trazermos outros conceitos do sobre o mesmo. Dessa forma, apresentamos o conceito de documento não bibliográfico, os quais não têm como forma física o papel como suporte, assim, como descrevem os autores, sendo para eles os considerados documentos não impressos, como, por exemplo, as fitas, os filmes, os discos, os CD's, entre outros.

Santos e Ribeiro (2003) também entendem que documento eletrônico é:

- 1 Veiculação de material publicado eletronicamente com referência a qualquer forma de informação arquivada em meio eletrônico, documento eletrônico;
- 2 Unidade flexível e dinâmica, consistente de conteúdo não linear, representado como um conjunto de itens de informação enlaçadas, armazenadas em um ou mais indivíduos no desenvolvimento de algum processo ou projeto (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 200).

Nessa visão, os documentos eletrônicos são aqueles veiculados pelas mídias, com capacidade de publicação para todos os públicos simultaneamente. Além disso, Neiva (2013) entende por documento eletrônico:

Qualquer escrito para esclarecer alguma coisa, ou atestado que sirva de prova ou testemunho, armazenado ou transmitido sob forma programação informatizada ou outro veículo de registro eletrônico. Assinatura digital (NEIVA, 2013, p. 164).

Logo, o documento eletrônico é disponibilizado por qualquer meio eletrônico que possa ser acessado para fins de se obter informação. Nesse sentido, podemos entender o documento em suas várias formas e conceitos, a seguir, também apresentaremos o conceito de documento digital.

Entendemos que, nos últimos anos, a informação passou a se materializar também por meios tecnológicos, possibilitando o desenvolvimento das ferramentas de comunicação e avanço do conhecimento. Nesse sentido, podemos pensar nas noções de documentos digitais e eletrônicos.

Segundo Bodê (2016), o documento digital é algo ainda novo, que surgiu nas últimas décadas. O autor se refere aos documentos digitais àqueles já nascidos desse meio, no caso, por um software e hardware, ou aqueles documentos que se constituem por meio do processo de digitalização, provenientes de outros documentos, “digitalização é processo responsável pela transformação de informação analógica para formato digital.” (FERREIRA, 2006, p. 69). Esses documentos são veiculados e transmitidos por diferentes tipos de mídias e suportes.

Um documento digital é o equivalente a uma sequência de códigos binários registrados em algum tipo de tecnologia de memória. Organizados de acordo com determinado formato de arquivo computacional e mensurado através da quantidade de bytes total desse arquivo. Dependendo do tipo de conteúdo, haverá outras características específicas como a representação de cores, som ou texto. A interpretação desses códigos para humanos ocorrerá através de sistemas computacionais de software e hardware (BODÊ, 2016, p. 9).

Para o autor além dos documentos digitais, retomamos o conceito de documentos eletrônicos que, para Bodê (2016) são reconhecidos como “todo documento que utilize eletrônica na produção e reprodução de seu conteúdo, às

vezes os próprios suportes utilizados também são componentes eletrônicos” (BODÊ, 2016, p. 8). Esses documentos são assim considerados por terem como meio de construção e divulgação os equipamentos e os meios eletrônicos.

O autor também acredita que todos os documentos digitais podem ser considerados documentos eletrônicos, uma vez que esses também se utilizam de equipamentos eletrônicos no seu armazenamento e reprodução, como computadores e softwares. Contudo, documentos eletrônicos não podem ser digitais, pois, para o autor a discordância está na reprodução desses documentos que, depende apenas de sistema analógico, sendo assim, não os tornando digitais.

Fazendo uma breve descrição sobre a importância da compreensão acerca do documento, Gomes e Lara (2017) descrevem a noção de documento a partir do início do século XVII, mais precisamente durante o Estado Moderno, momento em que houve grandes transformações na Europa, e influenciaram fortemente a população. Nesse período, o documento passou a ter um importante papel como registro de informação, tornando-se relevante para provar algo ocorrido ou para cumprir o papel de informar, isto é, o documento já era considerado informativo e uma prova comprobatória sobre um fato.

Nesse sentido, o valor agregado ao documento é um ponto importante a ser considerado, pois ao signo representativo, o enunciado em sua materialidade e a institucionalização do documento, se atribui um sentido de significação para o mesmo, sendo um objeto na sua condição de informar.

Sobre o documento primário, Santos e Ribeiro (2003) entendem que são originais, baseados em pesquisas ou criação de um autor, por exemplo, artigos, jornais, revista, livros, entre outros. Esses são prontos posteriormente, para serem utilizados para criação de outros documentos, secundários. Os documentos secundários são representações de informações reproduzidas de fontes primárias, tendo como exemplos as traduções e as bibliografias. Além do mais, temos os documentos terciários, descritos como documentos recapitulativos, como os manuais e tratados (SANTOS; RIBEIRO, 2003). Por esse entendimento,

Consideramos documento em sentido amplo, como elemento resultante de componente, ou componentes, que lhe deram lugar. Esses componentes considerados, e que se derivou, bem os podemos

enunciar como causas de que resultou efeito e que se objetiva nisso que apelidamos dessa maneira. Não é difícil entender que um documento, tomado em lato sentido ou sentido restrito, é sempre consequência de um ato, acontecido ou fato (VALENTE, 1978, p. 178).

Ainda segundo Valente (1978), documento é elemento de informação, dando lugar para as ciências e técnicas, sendo um importante componente para a cultura. Nesse contexto, o documento enquanto diploma pode resultar em uma ciência diplomática, aproximando-se mais na história científica. Por essa perspectiva, “a Diplomática se preocupou com o documento em torno da sua forma de produção e de reprodução, ou seja, de quais elementos deveria estar imbuído um documento para demonstrar que não representava uma farsa” (GUGLIOTTA, 2017, p. 318).

Os acontecimentos só se reconstituem pelos documentos, pois esses são os únicos elementos capazes de fornecerem informações sobre os fatos, ainda que desses restem ocorrências (VALENTE, 1978). Nesse sentido, o autor está trazendo correntes da historiografia, as quais podemos mencionar: o positivismo, o marxismo e a nova história. No entanto, não cabe aqui o aprofundamento sobre.

Do mesmo modo, o autor afirma que o documento escrito teve sua história duradoura. Contudo, o seu conceito foi se modificando e ampliando como um elemento da informação, e os seus conceitos foram se referindo como prova para revelação do homem, sendo esses: fonte, testemunhos, vestígios, entre outros.

Segundo Rabello (2018),

Todo documento pressupõe um objeto, seja ele mais estável, de natureza analógica, ou menos estável, de natureza digital. Em ambas as naturezas há a possibilidade de analogia intermediada por máquina, embora apenas no caso dos recursos digitais esse modo de intermediação se apresenta como imperativo. A abstração dos registros representados numericamente, ou digitalmente, necessita de leitura e processamento em componentes ou dispositivos eletrônicos, computacionais (RABELLO, 2018, p.149).

O autor parte do princípio de que o documento é um objeto que possui estabilidades, seja de natureza analógica ou digital, sendo a primeira mais estável e a segunda menos estável. Nesse sentido, independente da natureza

dos “objetos”, se considerarmos (documento), há a possibilidade de que esses “objetos” sejam manuseados por intermédio de aparelhos. Embora ressalte que apenas os objetos de recursos digitais possibilitam a intermediação por meio de dispositivos eletrônicos ou computacionais (RABELLO, 2018). Entende-se que, nem sempre os “objetos” analógicos permitirão esse intermédio, vai depender do objeto e do aparelho em questão e também da sua precisão.

Em síntese, o documento é considerado pela sua materialidade (enunciado, registro, informação, substância e aspecto), institucionalidade (contexto no qual se insere) e valor que se atribui por meio da informação no suporte.

Diferentemente do alemão Bernard Frohmann (2008), que entende a materialidade como algo que nomeia e dá sentido ao documento, para o britânico Michel Buckland (1997), a materialidade ainda é algo central, pois, o autor a ver por uma perspectiva mais filosófica sobre o documento, “[...] em Otlet e Buckland, a materialidade continua sendo uma discussão central para se reconhecer algo de uma filosofia do documento, a documentalidade, expressa na vida do homem” (ORTEGA; SALDANHA, 2019, p. 208).

Desde os primórdios, os documentos, em suas diferentes formas e contextos, têm sido carregados por histórias e construções sociais. Em uma perspectiva contemporânea, pensada por Frohmann (2008), é importante tratarmos também do documento no meio tecnológico, visto que, ao longo do tempo, esse passou por transformações e conceituações. Nesse sentido, o autor pensa nos processos atuais da informação, ressaltando os documentos digitais.

Buckland (2011) relata que, anos após escrever seu artigo *Information-as-thing* (1991), conhece o trabalho de Briet e pensava que a Ciência da Informação havia começado em 1945 nos Estados Unidos. No entanto, a partir de então, o autor percebe e acredita que a Ciência da Informação, na verdade, já havia começado muito antes na Europa, desde o momento em que Briet desenvolvia os seus estudos sobre o antílope.

Fornecendo uma base para a área, a Ciência da Informação, e possibilitando ampliar as características físicas da informação, considerando o seu papel semântico, intelectual e social dos registros em 1997, Buckland escreve outro importante artigo, “*What is a document?*”. Nesse artigo, o autor se utiliza de uma visão centrada no documento, considerando que é central e útil à

noção de documento para a Ciência da Informação.

Assim como há uma variedade de conceitos de informação, também há para o conceito de documento. Pensando nisso, Rayward (1996) destaca essa preocupação acerca da ambiguidade que pode conter no conceito de documento. O autor também descreve que pesquisadores da Ciência da Informação, ao buscarem o conceito de documento em suas pesquisas, cada vez mais recorriam ao conceito do mesmo pelo viés do belga Paul Otlet (1868-1944), considerando-o como um importante teórico, esse, da Documentação, que ampliou o conceito de documento para além dos impressos.

Rayward destaca, ainda, em sua afirmação, que o termo documento, amplamente utilizado na Ciência da Informação, teve sua criação na Documentação de Paul Otlet e Henri La Fontaine.

Contudo, antes de melhor entendermos sobre a Documentação, mencionaremos a função da Bibliografia.

Em 1892, Paul Otlet escreve um ensaio intitulado *“Something about Bibliograph”*, o qual foi considerado referência para o movimento bibliográfico, demonstrando a real função da Bibliografia, que era auxiliar na identificação e organização de materiais bibliográficos (RABELLO, 2009). Por meio do movimento bibliográfico, foi possível o movimento para a criação de um grande sistema de processamento documental, o qual deu início à criação de uma rede internacional de documentação (RAYWARD, 1994).

A Documentação originou-se de estudos realizados do movimento bibliográfico, especificamente da disciplina chamada Bibliografia. O qual contribuiu, significativamente, para o andamento das atividades, como a análise de conteúdo realizada nos documentos, com o objetivo de organizar e memorizar o conhecimento registrado. A Bibliografia passou a trabalhar com noções de difusão e acesso à informação, as quais contribuíram para o oferecimento da Documentação (RABELLO, 2009).

Segundo Blanquet (1993), a Bibliografia e a Documentação tiveram em comum o documento como objeto de estudo. Apesar da associação, ambas desempenharam funções distintas, mesmo tendo Paul Otlet como um dos principais personagens do movimento bibliográfico e percurso da Documentação. “A Bibliografia foi um dos primeiros instrumentos de integração e mediação entre a produção de literatura científica e cultural dada a pequena

rede de consumidores dessas produções durante a Idade Moderna” (GUGLIOTTA, 2017, p.315). Nesse sentido, a Bibliografia se entendia como uma atividade que obtinha e classificava todos os tipos de documentos. No entanto,

A Documentação visava o acesso à informação nos mais diversos suportes documentais e em diferentes centros de informação como bibliotecas, arquivos e museus. Nesta perspectiva, a Documentação se apresentava muito mais ampla que a Biblioteconomia que se limitava à organização e ao acesso de acervos de bibliotecas (GUGLIOTTA, 2017, p.317).

No que diz respeito à Bibliografia, no final do século XIX, começaram a surgir problemas bibliográficos, apresentados por pesquisadores que não conseguiam encontrar meios de solucioná-los nas bibliotecas. Os novos tipos de documentos eram variados e em grande volume; em razão disso, houve a necessidade de construção do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) (LE COADIC, p. 15, 2004).

O repositório bibliográfico continha informações em milhões de fichas catalográficas, no intuito de registrar, armazenar e ampliar o conhecimento humano em diferentes línguas. Além disso, o instituto buscou contribuir para a realização de novas técnicas e avanços na documentação.

Le Coadic (2004) considera que, naquele momento, era necessária uma nova tecnologia e de novas técnicas que pudessem organizar, analisar, descrever e resumir melhor os documentos. Essas técnicas deveriam ser diferentes das tradicionais da Biblioteconomia e da Arquivologia, voltadas a qualquer tipo de materiais que pudessem ser considerados documentos; essa nova tecnologia era a Documentação.

Em 1930, trinta e cinco anos após o seu surgimento, o Instituto Internacional de Bibliografia teve seu nome modificado para Instituto Internacional de Documentação (IID), em 1934, e já contava com 16 milhões de fichas. Em 1937, mudou-se o nome para Federação Internacional de Documentação (FID). Em 1986, o nome foi alterado para Federação Internacional de Informação e Documentação; apesar do acréscimo da palavra informação, manteve-se a sigla original (FID), tendo seu fim em 2002 (ORTEGA, 2009).

Paul Otlet desejava, por meio do Repertório Bibliográfico Universal,

construir um índice de assuntos, que pudesse obter informação por assuntos de forma organizada e estratégica, para que todos também tivessem acesso a um conhecimento geral e de maneira mais ampla, no intuito de que ocorresse a formação da unificação dos povos mediante o conhecimento adquirido. Esse, talvez, foi um dos projetos mais ambiciosos que Otlet e La Fontaine estavam engajados, a construção desse repertório para a padronização do tratamento técnico dos registros e que viria a ser compilado pela Classificação Decimal Universal (CDU), utilizada em muitos países. A Classificação Decimal Universal contribuiu significativamente para mais um importante diálogo com a Biblioteconomia (ARAÚJO, 2014).

Pensando em um plano científico, Otlet desejava criar uma disciplina científica com o nome de Documentação, pois, para ele, da mesma forma que a bibliografia representava para a biblioteconomia, a documentação como disciplina viria proporcionar para os museus, arquivos, centros culturais e outras instituições (ÁVILA ARAÚJO, 2014, p.101).

López Yepes (1995) descreve que, em 1984, os trabalhos de Otlet foram reconhecidos pelo então espanhol Sagredo Fernandez, o qual descreveu a bibliografia de Otlet e o deixou mais conhecido como o fundador da Documentação. Sagredo Fernandez contribui para que os seus trabalhos, principalmente no campo da Ciência da Informação, fossem vistos com aspectos tradicionais e inovadores.

A evolução da Documentação ocorreu por intermédio da Bibliografia, que aconteceu em etapas sucessivas e delimitadas, devido ao avanço científico da época. Entretanto, em um certo momento, a Bibliografia ficou imersa nos princípios documentários. Em decorrência do ocorrido, Paul Otlet e Henri La Fontaine criaram e materializaram medidas que vieram dar “forma” à Documentação (GUGLIOTTA, 2017).

Segundo Gugliotta (2017), descreve que Ronald Day defendia os pensamentos de Otlet, pois, teórico acreditava que os documentos fossem um meio que pudesse auxiliar na geração de conhecimento e capaz de favorecer a paz mundial.

Em semelhança, Otlet adota a forma ao “livro ou documento”, referindo-se ao livro em seu uso como um regime de conservação e como termo genérico refere-se impressos e manuscritos em geral, como meio de materialização da

memória (SAGREDO FERNANDEZ; IZQUIERDO ARROYO, 1983). O documento não somente está relacionado à memória de um povo, como também é uma prova de algo, um objeto que contém informação, essa com seu valor atribuído institucionalmente ou pessoal.

Dentre os teóricos mencionados nesta pesquisa, também enfatizarmos os precursores, que deram origem ao conceito de Documentação, Paul Marie Gislain Otlet (1868-1944), na Bélgica, final do século XIX e início do século XX e Suzanne Briet (1894-1989), na França.

Em parceria com Henri La Fontaine (1854-1943), Paul Otlet preocupava-se em tornar a informação mais acessível. Então, criou um controle bibliográfico, para, assim, tornar a mesma mais organizada e de fácil acesso.

Segundo Ortega (2016, p. 43), Otlet propôs uma grande mudança de perspectiva, quando desenvolveu a ideia de que tudo poderia ser um documento. Ele apresentou os documentos a partir da diversidade de objetos e ambientes existentes, embora cada um tenha seu significado representativo composto por um signo, mesmo com diferentes características e formas.

Rabello (2009) destaca que Otlet sistematizou o conceito de documento para fins de documentação e também menciona que, mesmo que essa percepção não tenha se evidenciado na literatura da Ciência da Informação, esse reconhecimento contribuiu para ampliação dos conceitos de documento.

López Yepes (1995) destaca as áreas de atuação de Paul Otlet entre os anos de 1892 a 1934, a saber: biblioteconomia, bibliografia e documentação, repertórios bibliográficos, Classificação Decimal Universal, bibliotecas, museologia, conceito de documento, Instituto Internacional de Bibliográfica – o *mundaneum*, estatística e bibliometria, publicações em periódicos, documentação científica, tecnologias da informação, documentação administrativa, redação do Tratado de Documentação (*Traité*), entre outras contribuições (LÓPEZ YEPES, 1995).

Em 1903, no artigo *Les sciences bibliographiques et la documentation*, Otlet adotou a palavra Documentação, significando o processo de formação do conjunto de documentos e as informações que nele contém. Segundo Ortega (2009, p. 62), Otlet via as ciências bibliográficas como um corpo de conhecimento voltado à produção, fabricação de material, distribuição, registro, estatística e impressão.

Em seus artigos publicados entre os anos de 1905 e 1917, Paul Otlet não usava mais a palavra bibliografia, se utilizando das palavras documentação e informação, por exemplo, no Tratado de Documentação (*Traité*), nos quais ao se referir ao campo do conhecimento que “ultrapasse” as palavras Bibliografia, Bibliologia e Documentação, utilizou a palavra Documentologia (FAYET-SCRIBE, 2001).

Woledge (1983, p. 270-271) menciona que Otlet propõe não restringir o conceito de documento. Para Otlet, livros, manuscritos, materiais, como arquivos, mapas, desenhos, fotografias, entre outros, são considerados documentos.

Em 1934, Otlet publica, em Bruxelas, o Tratado de Documentação, o qual descreveu a palavra Documentologia como significação ao campo do conhecimento que pudesse ultrapassar os termos Bibliografia, Bibliologia e Documentação (ORTEGA, 2009, p. 63). E, nesse segmento, sistematizou uma concepção teórico-prática, com a necessidade de tornar a informação mais acessível.

Segundo López Yepes (1995, p. 78), na primeira parte do Tratado de Documentação, Otlet menciona a concepção de Documento e Documentação e as suas relações. O autor apresentou a visão de Otlet sobre o livro, sendo esse um termo convencional, que serve para descrever todo o tipo de documento, embora se apresentasse com um duplo sentido: o resultado de uma criação intelectual do homem e o objeto de cultura e civilização.

Ainda sobre o Tratado de Documentação, Otlet também expressava a necessidade de tornar acessível o grande acúmulo de documentos que, dia após dia, era gerado por meio dos novos procedimentos, que incluíam procedimentos antigos e os tradicionais utilizados pela Biblioteconomia (LÓPEZ YEPES, 1995). Essa obra possibilitou as aproximações entre diferentes áreas que lidavam com o documento, como os arquivos, as bibliotecas e os museus.

A Documentação permitiu ter uma visão mais abrangente sobre a dimensão do suporte que contém e abriga a informação, seja essa oriunda de quaisquer instituições ou em qualquer documento. Além disso, por meio dos documentos, é possível se pensar em uma multiplicidade de suportes, tanto em sua totalidade, quanto em sua universalidade (TANUS; REANU; ARAÚJO, 2012). Desse modo, podemos melhor compreender o suporte, o documento e a informação.

Para esse fim, a Documentação tem por objetivo oferecer informações documentadas, que portem as seguintes notas: universal, nos termos de sua finalidade, seguras e verdadeiras, completas, rápidas, atuais, fáceis de obter, reunidas e dispostas a serem comunicadas, disponíveis ao maior número de pessoas (LÓPEZ YEPES, 1995, p. 81).

Alguns anos seguintes, Otlet passa a considerar a Documentação como um conjunto de processos, onde haveria a relação entre diferentes organismos e pessoas, ou seja, processos que dependem de fases, produção, distribuição e manuseios do produto final. “A Documentação acompanha o documento desde o instante em que ele surge da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro do leitor” (OTLET, 1937, on-line).

Segundo Paul Otlet, documento é “um suporte de uma certa matéria e dimensão (...) em que se incluem signos representativos de certos dados intelectuais” (OTLET, 1996, p. 43). Ou seja, é um suporte que contém características de informações que constituem a matéria do objeto representado por signos. Para o autor, documentação é, uma série de operações que acompanham o documento em todo o seu processo, desde a sua criação, até a sua compreensão pelo leitor, e essas se distribuem por diferentes indivíduos, profissionais e organizações (OTLET, 1937, on-line).

Portanto, o documento é objeto do resultado de todo processo decorrente das práticas da Documentação, que se entende por construção e forma, até chegar ao leitor e a sua compreensão.

Em 1937, no *Congresso Mundial da Documentação Universal*, realizado em Paris, Otlet afirma que: A Documentação é constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o bibliotecário, o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual (OTLET, 1937, on-line).

Muitos profissionais contribuíram para o processo de evolução e desenvolvimento da documentação e do documento, assim também, como muitos teóricos. A documentalista Suzanne Briet era engajada em lutas em prol dos direitos das mulheres e em defesa da Documentação; participou de movimentos que fortaleceram o seu percurso, permitindo a ampliação e a

valorização dos seus ideais.

[...] o engajamento de Suzanne Briet em grupos associativos constitui a espinha dorsal de seu percurso, tanto em associações criadas para constituir e defender a Documentação, tais como a UFOD (*Union Française des Organismes de Documentation*), quanto em associações que lutam pelo reconhecimento do direito das mulheres (FAYET-SCRIBE, 2018, p. 813).

No entanto, para Suzanne Briet e os seus adeptos, o documento não era visto como um instrumento de paz, mas sim para a materialização do conhecimento consultado. “O documento foi problematizado por Suzanne Briet como sendo uma base de conhecimento materialmente capaz de ser utilizada para consulta, estudo ou prova” (GUGLIOTTA, 2017, p. 324). Nessa lógica, Briet ampliou o termo do documento, esse sendo uma conceituação de uma base concreta, um signo inicial que permite representações.

Em 1951, Suzanne Briet (1894-1989) define o documento como um signo físico, preservado ou registrado, tendo como intenção representar, demonstrar e/ou reconstruir um fenômeno, podendo esse ser conceitual ou físico (BUCKLAND, 1997, p. 806).

O documento enquanto signo “é uma construção, uma leitura do real sob determinada perspectiva” (ORTEGA, 2016, p. 49), sendo possível a leitura sobre o objeto, que se transforma em documento sob uma política institucional.

Suzanne Briet já adotava a definição de documento a partir da *Union Française des Organismes de Documentation* (UFOD), como algo materialmente fixado e uma base de um conhecimento, consequentemente como utilidade para estudos, consultas ou prova (ORTEGA, 2009).

Ao questionar se uma estrela ou se um animal com vida poderia ser um documento, Briet respondeu que não, pois, para a autora, os documentos eram fotografias, os catálogos desses animais, pedras expostas em um museu, por exemplo, “o antílope catalogado é um documento primário e os demais são documentos secundários ou derivados” (BRIET, 2016, p. 2). Ou seja, documentos são descrições e reproduções de fatos decorrentes acontecidos ou existentes, identificações ou registro.

Considerando o documento como um catálogo sobre algo, por exemplo o antílope, derivando assim, o documento primário e o documento secundário. Por

essa perspectiva dando sentido a catalogação, na forma de indexação e na obtenção de valor documentário (FAYET-SCRIBE, 2018).

O processo de indexação, considerado por Briet, resulta na representação do objeto por meio do documento. “Nesse contexto objetos não são ordinariamente documentos, mas se transformam em, se processados com finalidades de fornecer informação” (BUCKLAND, 1991, p. 7). Assim, o documento sendo visto e considerado em suas diferentes formas e registros, os quais vão além das suas definições e conceitos, como propôs Briet. Nesse sentido, na atualidade, cabe questionarmos sobre as definições do documento em diferentes suportes e meios, principalmente se consideramos a ideia de Briet para a definição de documento digital.

Pois então, se questiona:

Essa definição é ainda hoje pertinente para o documento digital? Sem nenhuma dúvida, pois Suzanne Briet não constrói sistemas de classificação fixos, mas se move sobre um terreno em constante movimento e que muda segundo a variação dos lugares de recepção. Ela não classifica mais, ela designa e fixa um contexto; é uma indexação que cria uma permanência documentária. Ora, mesmo no momento atual, com uma estrutura hipertextual, o documento digital não muda de conteúdo informacional, é seu contexto de recepção que migra (FAYET-SCRIBE, 2018, p. 812).

Dado o exposto sobre o documento digital e a sua variedade de contextos sob o seu conteúdo informacional, podemos compará-lo ao objeto na visão de Buckland (1991), que não descreve objetos como documento. Eventualmente, ao documento digital, também é comparada a técnica empregada por Briet, ao empregar o conceito de documento, seja ele primário ou não.

Suzanne Briet, considerada adepta de Otlet, em uma das suas obras “*Qu'est-ce la documentation?*”, trata o conceito de documento de uma perspectiva diferente (ORTEGA, 2016). Assim como Otlet considerou que tudo poderia ser um documento, Briet estabeleceu outras circunstâncias para que algo pudesse ser considerado documento.

Para Briet, o documento é um catálogo com descrições sobre um objeto. Ela considera que esse catálogo seja um documento “original” e os demais derivados desse venham a ser documentos secundários. Rabello (2009) descreve:

Frente a essa linha de raciocínio, notamos que se, por um lado, o sujeito interpretante atribui diferentes sentidos a um objeto que, após passar pelo crivo valorativo, recebe a “virtude” de “ser documento”; por outro, se esse objeto não for valorado dessa forma, ele não o será. Assim, o documento não existe *a priori*, ele é produto de um ato valorativo. O simples fato de o produtor ter idealizado e consolidado material e objetivamente suas ideias (para um determinado fim) não significa dizer que o objeto produto desse processo será um documento, a partir de uma perspectiva *subjetiva* (RABELLO, 2009, p. 240).

Segundo Briet (2016), para que um suporte possa ser considerado “documento”, é preciso atribuir um sentido (ter conteúdo nele inserido), o contrário passa a ser somente um objeto, sem a caracterização de documento. Ao considerarmos um objeto como documento, esse terá um determinado valor agregado, pois é válido se pensar na sua funcionalidade e no seu conteúdo como uma gama de informação e potência informacional.

Após alguns anos, a Documentação na França teve sua história marcada por documentalistas, destacando-se Suzanne Briet.

López Yepes (1995, p.136) enumera as concepções de Briet para a documentação:

- 1) A Documentação, por Briet, atinge um caráter criativo, quando se ocorre a comparação, o estudo e a seleção sobre os documentos, tendo a ideia sobre esses conteúdos como algo que pode ser interdocumentário.

Nesse sentido, Gugliotta (2017, p. 317) afirma que “a Documentação visava o acesso à informação nos mais diversos suportes documentais e em diferentes centros de informação como bibliotecas, arquivos e museus”.

- 2) A Documentação tende a prestar serviços rápidos. Nesse contexto, Briet cita John Ely Burchard (1898-1975), professor norte-americano, que sustenta que a ciência encontra seu confronto nas bibliotecas, em relação aos procedimentos documentários, como as resenhas, os resumos, notoriamente tornando rápida a difusão da informação.

Desse modo, entende-se que os procedimentos documentários têm como produto o documento que passa a se tornar objeto na execução desse processo

e, por fim, ser utilizado como um termo (ORTEGA, 2016).

- 3) por alguns motivos secretos, nem sempre a documentação pode ser manuseada em sua totalidade, como os documentos militares.
- 4) A Documentação pode ser definida como uma nova técnica cultural em desenvolvimento; assim como as máquinas são para as indústrias, a Documentação é para a cultura.
- 5) Na Documentação, é possível ver outras razões para investigações, pois, por meio da mesma, o homem pode se apoiar nos antepassados, para construir novos conhecimentos científicos.
- 6) por meio da investigação na Documentação, é possível sair das estreitas especializações e trilhar outros percursos mais profícuos nas relações interdisciplinares.

Dentre tantas contribuições para a ciência vistas pelo trabalho de Briet, mencionamos algumas que foram destacadas por López Yepes (1995). Juntamente com Otlet e outros estudiosos, Briet, em sua missão de trabalho, facilitou o modelo de processo documental, que, conseqüentemente, contribuiu para a área da Documentação.

A Documentação deve ser objeto de estudo de programa de disciplina, pois, diante disso, cabe repensar as circunstâncias e as características mais notórias que norteiam o homem (LÓPEZ YEPES, 1995).

Segundo Briet (2016, p.1), os documentos (desenhos, pinturas, fotos, filmes e outros) são reproduzidos e, em seguida, selecionados, resumidos, descritos e traduzidos. Para a autora, os documentos desses fatos são objetos de uma ordem científica (fauna) e uma ordem ideológica (classificação), e conclui que sua conservação e utilização são estabelecidas por técnicas gerais e métodos válidos para o seu conjunto (BRIET, 2016).

Em síntese, para Briet, os documentos são reproduções e este fato, como descrito, é objeto de uma ordem científica: “O antílope catalogado é um documento primário e os demais são documentos secundários ou derivados”

(BRIET, 2016, p. 2). Mediante métodos válidos e técnicas gerais, um documento se origina de outro, sendo o documento em si primário e o reproduzido, secundário.

González de Gómez (2011, p. 24-25) destaca que Briet realiza uma “análise da dupla articulação da produção documentária”, na qual os documentos primários de forma decorrente começam a ser analisados, descritos, categorizados e classificados. Por conseguinte, em um plano de construção do discurso documentário, denomina o documento de secundário, tais como revisões, catálogos, resumos, bibliografias e demais instrumentos de controle e organização, tendo como exemplos vocabulários controlados e tesouros (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2011).

A autora ainda ressalta, sobretudo, que Briet conseguiu “gerar uma pluralidade de produtos”, ou seja, a sua dupla análise sobre os documentos, possibilitou gerar novos recursos e serviços, que contribuíram significativamente para uma nova produção intelectual, a Documentação.

Além do mais, Briet (2016) também descreve o surgimento da profissão do documentalista, que corresponde às atividades das pessoas que realizam o trabalho da Documentação. Para a autora, esse profissional deveria ter o domínio das técnicas, dos métodos e das ferramentas, para elaborar todos os processos, pois assim lhe seria possível tornar-se um técnico. Embora a Documentação tenha surgido na Bélgica, com Otlet, foi na França que a mesma se organizou e se ampliou.

Em 1950, na França, o *Institut National des Techniques de la Documentation* outorga o diploma oficial de documentalista (BRIET, 2016). A partir de então, a Documentação foi se consolidando como teoria, contribuindo para o desenvolvimento das ciências históricas e da técnica.

Segundo Briet (2016), referindo-se ao manuseio e ao tipo de Documentação, a descreve:

[...] quando intimamente ligada à vida de uma equipe de pesquisadores, cientistas ou estudiosos – ou quando participa de uma atividade industrial, comercial, administrativa, docente, etc. – pode, em certos casos, atingir uma verdadeira criação, por justaposição, seleção e comparação de documentos auxiliares. O conteúdo da documentação é então interdocumentário (BRIET, 2016, p. 9).

No entanto, com o passar dos anos de desenvolvimento da Documentação, surgiram problemas, continuamente expostos por cientistas, pesquisadores e estudiosos da área, referentes à rapidez e à integridade da informação.

Naquela época nem tudo parecia favorável, por exemplo, o empréstimo de livros entre bibliotecas era um fator que atrasava no atendimento, o catálogo coletivo apresentava demora devido às mudanças de suportes da informação e, além disso, também se contestava a confiança na integridade da Documentação.

Mencionamos, por exemplo, o microfilme, como suporte que continha todas as informações onde o pesquisador poderia levar até o seu laboratório de pesquisa; no entanto, havia o questionamento se esse suporte manteria a segurança das informações, pois essas haviam passado pelos processos da Documentação, no trabalho documentário de um processo coletivo e, para certos cientistas, caberia o sigilo da informação (BRIET, 2016). Foi o que levou a essa insegurança, em relação à confiabilidade e o sigilo do conteúdo.

Para Briet, o documentalista desenvolvia uma série de atividades, referindo-se aos serviços de arquivistas, bibliotecários e conservadores de museu. Frente a essas atividades desenvolvidas, produziam documentos secundários, oriundos de documentos “originais”, os quais convencionam chamá-los de documentos primários (BRIET, 2016, p.14).

Entendemos que, para Briet, o documentalista traduz o documento, resume, copia, fotografa, publica, seleciona, compara e o coordena, “é um homem de equipe na organização da pesquisa e na execução das atividades de base de um país” (BRIET, 2016, p.15). Para a pesquisadora, essa profissão é tanto intelectual, quanto manual. Na Documentação francesa, se reconhece a cultura de preservação, por meio das suas ações e práticas, isto é, uma cultura voltada à recolha e guarda do documento enquanto suporte.

Nesse contexto, Briet dá outros significados ao documento, não somente ligados ao objeto “papel”, mas a outras formas. Assim, a bibliografia não estava apenas associada às coleções de livros, mas aos conteúdos informacionais; sendo assim, outros objetos poderiam ser considerados documentos.

Além do mais, para a autora, as bibliotecas eram consideradas importantes centros de documentação, que privilegiavam os livros e demais fontes de informação, permitindo que esses pudessem contribuir para as

necessidades dos pesquisadores (CORRÊA; SPUDEIT, 2018). Assim sendo,

Para Briet, as bibliotecas eram um tipo de centro de documentação que davam um lugar privilegiado à forma e à figura do livro como o material central para as coleções de bibliotecas, defendia que esses centros de documentação deveriam unificar uma ampla variedade de recursos e fontes de informação para auxiliar o trabalho dos pesquisadores e atender as necessidades potenciais (CORRÊA; SPUDEIT, 2018, p.32).

Autores como Paul Otlet e Briet já demonstravam propostas que questionavam sobre a promoção e o acesso à informação, bem como podemos constatar nas discussões sobre o documento e a Documentação, assim como evidenciamos e podemos compreender nos dias de hoje (ORTEGA, 2009, p.125).

Porém, ambos os autores tinham pensamentos distintos. Briet tinha ciência do papel de precursor de Otlet, mas não compartilhava da ideia de uma “biblioteca mundo”. Mas, as suas ideias não ficavam restritas, Briet sempre mantinha o fazer informacional, no desejo de realizar transformações para a sociedade (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2011).

González de Gomez (2011, p. 31) afirma que, se olhássemos de forma diferente o ato de documentar, obteríamos outras descrições sobre tal ato, esse que, para a autora, precede a construção do documento. O que nos leva à reflexão sobre a terminologia proposta por Briet, no contexto da produção dos documentos primários. Essa produção considera o processo de “documentar e não documentar”, e tem como protagonistas vários autores, como empresários, cientistas, educadores e pessoas comuns, todos nós participantes de um ato decorrente das rotinas da vida.

Entendemos, portanto, que documentar é um processo de produção que precede a construção do documento, o qual está ligado à rotina de qualquer indivíduo na sua vida cotidiana.

Pesquisadores espanhóis, como Sagredo Fernandez e Izquierdo, que se baseavam em Otlet, na década de 1980, tiveram pensamentos semelhantes sobre o documento, quanto ao seu papel de uso e as questões de utilidade.

O termo documento, no contexto da literatura espanhola, é atribuído à sua construção literária francesa, essa sendo influenciadora. Nesse sentido, a concepção de documento foi estudada e expandida por pesquisadores franceses

e espanhóis e, logo após, apresentada pelos principais documentalistas Otlet e Briet (ORTEGA, 2016). Documentalistas eram profissionais da informação que realizavam serviços referentes aos serviços e processos de documentação, arquivos e atividades correlatas.

Para Buckland (1991, p. 5), “o termo ‘documento’ é normalmente usado para denotar textos ou, mais exatamente, objetos textuais”, embora, segundo o autor, o significado apropriado de “documento” está relacionado aos cientistas da informação no movimento documentalista. Esse movimento era formado pelos documentalistas profissionais da informação, em busca de melhorias e novas propostas.

Os documentalistas deixaram um legado, ao usarem o termo “documento” de forma genérica, possibilitando empregá-lo como fonte de informação física, não o limitando somente a objeto textual, especificamente como um meio físico, por exemplo, papel, pergaminho, papiro, entre outros (BUCKLAND, 1991).

O que, por exemplo, é um documento? Um livro impresso é um documento. Uma página manuscrita é um documento. Um mapa é um documento. Se um mapa é um documento, porque um mapa tridimensional também não seria um documento. Porque um globo também não poderia ser considerado um documento já que é, acima de tudo, a descrição física de alguma coisa. Modelos antigos de locomotivas foram feitos com propósitos informacionais, não recreacionais. Se um globo, um modelo da terra, é um documento, porque não considerar também um modelo de locomotiva ou um navio como um documento? O modelo é uma representação informativa do original (BUCKLAND, 1991, p. 6).

Em 1987, Buckland visita um museu de zoologia, onde se deparou com aves mortas; no entanto, ainda se questionava porque o local havia feito investimentos e disponibilizado espaço para tal; ao seu questionamento logo veio a resposta, considerou que a amostra era informativa. Ao analisar, considerou que as espécies poderiam ter a função de textos, não eram livros, mas poderia compará-las ao mesmo, assim como as bibliotecas consideram materiais que não são livros; portanto, aquele local era uma biblioteca de aves. Nessa época, os conceitos e termos da Ciência da Informação ainda não eram satisfatórios para considerar aves como informação. Dessa forma, o autor se utilizou da palavra “documento como um termo técnico geral para todos os tipos de objetos informativos: livros, conjuntos de dados, manuscritos, gravações musicais, e, sim, uma coleção de aves mortas” (BUCKLAND, 2011, p. 235).

Tempos depois, Buckland ficou sabendo que Briet, em 1951, havia feito o mesmo, ao descrever um antílope vivo. Para o autor, se o antílope, de uma forma organizada, foi considerado evidência e feito documento, então, o uso da palavra documento na ocasião tornou possível terminar o seu livro *Information and Information Systems* (1991), baseado em coleções sobre as características gerais dos sistemas de informação. Não se limitando ao livro, o autor fez um resumo sobre esses aspectos, pensando que, assim como essa ideia tivesse sido “nova” e interessante para ele, possivelmente também haveria de ser para os outros; então, no mesmo ano, escreve seu artigo *Information-as-thing* (BUCKLAND, 2011), vindo a ser um importante referencial teórico para muitos pesquisadores.

Sobre a utilização das tecnologias digitais, López Yepes (1998) faz uma demarcação entre *homo sapiens* e *homo digitalis*.

O autor apresenta o percurso do *homo sapiens* (homem da comunicação e da palavra escrita), *homo videns* (homem da imagem) e o *homo digitalis* (homem da informação e das tecnologias). Dentre esses gêneros, destaca o *homo digitalis*, que evolui do *homo documental*, o qual era capaz de realizar criações e consumir ciência e cultura, demonstrando importantes traços de conhecimento, e dependia de um profissional da documentação.

Para López Yepes (1995), a noção de documento está relacionada a uma mensagem em um suporte, tendo como função a mediação cultural, aspecto que, no contexto do documento digital, não se altera, mas se intensifica (SIQUEIRA, 2012). Dado o exposto, em concordância com o pensamento dos autores, Buckland, afirma “o aspecto mais excitante da documentação digital é a redefinição do próprio documento.” (BUCKLAND, 1997, p.112).

Segundo Gugliotta (2017), o conceito de documento, com o passar do tempo, tanto para a área da Documentação, quanto para a Ciência da Informação, vem se modificando, por meio de diferentes autores que se referem à construção do conhecimento de profissionais da informação.

Diante disto, apresentados os conceitos gerais de documento, serão discutidas, a seguir, as noções de documento em diferentes visões.

A partir de então, abordaremos o documento sob a perspectiva de teóricos que tratam sobre a Documentação, uma vez que se trata de processos de construção, organização e análise do documento, pois a “documentação é, por

consequência, a técnica, ou o conjunto de técnicas, utilizadas para coletar, classificar, explorar documentos” (SILVA; BRITO; ORTEGA, 2016, p. 244).

Frohmann (2012) comenta sobre a funcionalidade que é atribuída ao documento, advindo da capacidade que temos em compreendê-lo e interpretá-lo, no seu verdadeiro sentido e valor que é agregado.

Nesse sentido, o autor tem uma perspectiva diferente de documento, uma visão voltada à sua funcionalidade, ao seu papel de ser informativo e ao poder mental exigido para compreendê-lo, dando sentido a uma linguagem.

[...] é preciso o pensamento para transformar documentos de matéria sem vida para informação viva. Um documento, aparentemente, pode ser informativo somente se o leitor for formado mentalmente, um processo imaginado como se o conteúdo do documento se tornasse presente nas mentes dos leitores quando estes se encontram no estado mental de compreensão do documento. O documento em si parece ser apenas um meio descartável que simplesmente transmite o genuíno objeto do desejo teórico: a informação em si, a nobre e intencional substância de Numberg, presente no mundo como o conteúdo dos documentos, e que deve sua indiferença à transformação de seus próprios veículos ao seu status ontológico como substância mental (FROHMANN, 2012, p. 232-233).

É existente a preocupação quanto à funcionalidade que o documento pode ter e representar, seja pelas interpretações que lhe eram dadas, seja ao valor da informação que lhe era atribuída e sobre suas funcionalidades, papel informativo e poder mental. Diante disso, pesquisadores franceses e espanhóis estudaram e se aprofundaram nas teorias de Otlet e Briet, como Robert Escarpit, acadêmico escritor e jornalista francês. Ortega (2016) explica que Escarpit define o documento como um objeto que contém informação, sendo algo visível e palpável, independente da sua relação com o tempo.

Ortega (2017), revisitando Meyriat, descreve que o “documento é produto de uma vontade, a de informar ou a de se informar, sendo a segunda sempre necessária”. Explica ainda que “se o desejo de fornecer informações não encontrar uma resposta no receptor, a informação permanece virtual, e o objeto em questão ainda não é um documento” (ORTEGA, 2017, p. 6). Em visão semelhante, a autora também afirma que “o usuário que faz o documento”.

Nesse sentido, mediante a um dispositivo, não cabe somente a sua estrutura material para defini-lo, mas também o que nele está inserido, a informação cujo intuito seja de informar, portanto, vindo a ser um documento

para quem o interpreta.

É importante considerarmos o trabalho de vários teóricos, que, ao longo dos anos, se empenharam em estudos sobre a Documentação, almejando uma ampliação no seu conceito e, dessa forma, contribuindo, mesmo que indiretamente, na vida profissional de diferentes profissionais que tiveram a Documentação como área de atuação, ou mesmo o documento como objeto de trabalho, em qualquer profissão. “O novo conceito de documento ampliou o conceito de atuação dos profissionais da área ao ultrapassar os limites do espaço da biblioteca e agregar novas práticas de organização e novos serviços de documentação” (OLIVEIRA, 2011, p. 11), assim como a Bibliografia enquanto disciplina, movimento e prática também teve as suas importantes contribuições.

Segundo Rabello (2011), a Documentação teve dois momentos importantes: positivista e hermenêutica.

Na fase positivista, houve uma transição conceitual acerca da Documentação, na sua tradição rumo à inovação. Essa fase foi marcada pela interpretação de Otlet, ao atribuir significado ao documento. Nesse período, houve uma formulação do conceito de documento, no que diz respeito à produção do homem. E, a partir disso, agregando ao objeto um valor informacional e considerando o seu conteúdo inserido.

Nesse sentido, o documento poderia ser considerado pela perspectiva de diferentes suportes. Em 1951, Briet, em seu importante ensaio “*Qu’est-ce que la documentation?*”, também contribuiu significativamente para a ampliação do conceito de documento (RABELLO, 2011, p. 140).

Do mesmo modo, a autora expôs que o documento não dependia mais do suporte para ser caracterizado, mas pela condição reconhecida de registro, se perduraria no tempo. Assim,

[...] todo indício concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com o fim de representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual, baseada no entendimento sociológico e cultural das necessidades dos usuários, expressas por seus modos de vida e seu vocabulário. A documentação é uma técnica de trabalho intelectual, é uma profissão distinta, e uma necessidade de nossos tempos. O documento não é mais caracterizado pelo seu suporte, mas pela sua condição de registro que garante a permanência no tempo, e que pode estar em qualquer lugar, e acessado por qualquer pessoa, para isso o documentalista teria que conhecer outras línguas para garantir que a tradução de um documento fosse de alta qualidade para que o usuário pudesse compreender o assunto (BRIET, 1951, p.26).

A Documentação, enquanto método e disciplina, preocupou-se em entender as características, as práticas de manuseio e as atividades técnicas e científicas referentes ao documento. E, por meio desse, contribuiu para a produção e o acesso da informação. O entendimento acerca do conceito e das funções de documento se ampliaram, esse não era mais caracterizado apenas pelo seu suporte, a sua condição como registro também já o caracterizava, possibilitando a ampliação do seu acesso e durabilidade no tempo.

O conceito de documento teve seu avanço na fase hermenêutica, que, por sua vez, deve-se a Briet e ao movimento dos *Annales*⁵. Em 1951, destacam-se as ideias de Briet e dos demais que compartilhavam do seu pensamento, tais como Escarpit, Meyriat, Buckland, Day, entre outros (RABELLO, 2011).

Para os fundadores dos *Annales*, o documento não seria somente a representação 'escrita' de um fato, de um acontecimento, de um pensamento. Além do escrito, outras formas materiais contemplariam o rol de fontes de interesse de investigação histórica, visto que documento constituiria toda e qual forma de intervenção humana na natureza (RABELLO, 2014, p.12).

Segundo Rabello (2011), esses teóricos tinham por argumento a demonstração de que nenhum objeto poderia ser propriamente considerado documento, pois nenhum suporte por si só tem esse *status*, a não ser que, após um processo de objetificação, por meio de um ato de interpretação e de atribuição, levando em consideração aspectos culturais e sociais, o objeto pudesse ser considerado documento.

Entendemos então que “o documento é, portanto, o fruto de uma ação interpretativa (subjetiva) de um sujeito que vive em sociedade e que recebe sua influência passiva e ativamente a um só tempo” (RABELLO, 2011, p. 141), ou seja, ao objeto é atribuído o significado de documento, pelo seu valor social e pelo seu entendimento do indivíduo em sociedade.

Diante do exposto, sob o mesmo ponto de vista, é mencionado que, “no

5 O movimento de historiadores franceses, que ficou conhecido como 'Escola dos Annales' e que, desde 1929, conheceu três ou quatro gerações ou fases na sua trajetória foi um dos mais importantes movimentos historiográficos do século XX, como bem se sabe nos meios historiográficos europeus e americanos e, particularmente, no Brasil, país no qual os analistas exerceram bastante influência, desde as suas primeiras gerações de historiadores (BARROS, 2012, p. 305).

âmbito da Ciência da Informação, o documento é entendido tanto dentro de uma perspectiva tradicional como dentro de uma perspectiva inovadora, que permitiu pensá-lo a partir de uma perspectiva social” (GUGLIOTTA, 2017, p. 318).

O documento não é somente um dado, a ele se atribui sentido e entendimento, a partir do momento em que o indivíduo o vê como um produto de um desejo de informar e se informar (ORTEGA; LARA, 2009).

Nesse sentido, Meyriat (1981) entende que o “usuário faz o documento”, considerando a noção sobre o uso do mesmo. O autor se aprofundou nas questões sobre o conceito de documento em uma visão das ações de mediação documentária e do “ser documento”. Esse segundo, o “ser documento”, é organizado em duas categorias: documento por intenção e documento por atribuição.

Segundo Ortega (2016), Meyriat entende que, para definir o documento, é preciso ter noção dos termos derivados, que se relacionam com a visão e os métodos da Documentação e da Documentologia. A autora associa esse entendimento à definição que Otlet teve quanto à matéria e aos dados intelectuais.

Nesse sentido, retornaremos brevemente a discussão sobre a Documentação e a diante, também, demais aspectos sobre a informação.

Assim como o documento, o próprio termo Documentação também assumiu diferentes designações (MEYRIAT, 1993). Nesse processo, teve o importante papel de Otlet.

O emprego mais corrente do termo “documentação” é para designar uma atividade, a natureza desta deve ser esclarecida. Sua primeira característica é de situar-se no destino do objeto-documento; de presumir a pré-existência deste objeto. Na origem se situa o sistema de produção e distribuição deste objeto, levando-o a estar disponível em determinados lugares, de uma forma ou de outra. Lá se encontra aquele que busca informação, que é a essência da atividade documentária (SILVA; BRITO; ORTEGA, 2016, p. 245, tradução).⁶

López Yepes (1995) recorda que, a partir da própria concepção do nome Documentação – como ação e efeito de documentar –, inicia-se um ambiente científico, na construção de um tempo que considera de atividade científica

6 Traduzido de: MEYRIAT, J. Document, documentation, documentologie. Schéma et Schématisation, n. 14, p. 51-63, 1981.

informativa.

Pela concepção da construção científica otletiana, López Yepes descreve a Documentação como uma ciência que se ocupa dos documentos, ou seja, veículos sobre o que transmitem a ciência e, por esse sentido, adota-se um saber documental.

Para Ortega (2009, p. 137), “as atividades documentárias desenvolvem-se, no sentido, a partir da intenção de construir registros que possam ser informativo [...]”, isto é, a autora conclui também que esses registros se compõem de um sistema documentário no sentido estrito, bem como produtos documentários e derivados, tendo o intuito de informar ao usuário por meio de um registro, sendo este ficcional ou não. Essas práticas de construção de diferentes narrativas podem contribuir para diversos estudos, em diferentes áreas e campos da ciência.

López Yepes (1995, p. 140) descreve que, em 1956, a Documentação no Norte da América foi considerada pelos estadunidenses J.D Mack e R.S Taylor como um conjunto de métodos, necessários para a representação ordenada e sistematizada para a transmissão do conhecimento registrado. O propósito era assegurar a acessibilidade e para que houvesse melhor uso da informação.

Na América, especificamente nos Estados Unidos, Suzanne Briet também teve seu nome evidenciado pelos teóricos Ronald Day, que traduziu seus textos, e Michael Buckland, quem a biografou (MOSTAFA, 2011, p.13). Esses autores possibilitaram novos olhares acerca do documento sob a abordagem de Briet.

Nesse sentido, Buckland foi um dos responsáveis por levar as contribuições de Otlet e Briet aos países de língua inglesa. Briet foi denominada *Madame Documentation* e disseminou a ideia de Otlet sobre documento. Consideramos que Buckland é um dos autores que mais desenvolveu e atualizou os pensamentos dos teóricos mencionados.

López Yepes (1995) descreve sobre a Documentação, apresentando demais teóricos e suas notáveis teorias, as quais, nos anos de 1951 e 1976, contribuíram para a dimensão conceitual da ciência da Documentação. López Yepes (1995) cita os seguintes autores europeus de destaque:

O escritor italiano Bruno Balbis escreveu, em suas obras sobre a Documentação, entre os anos de 1950 a 1965. Especificamente em 1950 e 1953, o autor teoriza, em *L' attività dela Documentazione in Italia*, sobre o problema de

organização científica do trabalho intelectual na Documentação.

Segundo López Yepes (1995), é fundamental que haja a cooperação científica para a difusão do saber nos organismos de documentação e entre documentalistas e estudiosos de todo o mundo. Para o autor, a organização documental deve ser realizada por meio de uma concentração vertical, horizontal e considerando os tipos de operações documentais.

Investigando as características do processo documental, o teórico Balbis observou que o escritor Ralph R. Shaw, em 1957, diferenciou o trabalho científico do trabalho documental, dentro de um ciclo que promoveu a informação. O escritor, então em 1965, escreveu o livro *La Documentación, ciclo completo del Servicio de Información*.

López Yepes (1995) menciona que, na Alemanha, o teórico Pietsch, pertencente a um grupo de escritores, foi o que mais se empenhou no trabalho da consolidação do conceito de Documentação. Seu pensamento se refletiu nas suas obras: *Sur la crise de la Documentación dans la littérature scientifique et technique* (1953), *Dokumentation und Wirtschaft* e *Grundlagen der Dokumentation in Technik und Wirtschaft*, ambas em 1954. Anos depois, o escritor interessou-se pelos processos documentais.

Van der Wolk, documentalista holandês, denominado por López Yepes (1995) de investigador da bibliografia científica, estuda e desenvolve atividades que contribuíram para o desenvolvimento das atividades bibliográficas. Em 1965, descreveu o livro *Las actividades del investigador de bibliografía científica*. Para o escritor, o trabalho do investigador de bibliografia científica é intermediário, pois esse seria o agente que ficava entre o “mundo” e as bibliotecas.

Sobre as bases da Documentação Alemã, López Yepes (1995) descreve que, em 1969, era traçada a definição do conceito de informação, exposto pelo escritor Josef Koblitz, da Universidade de Berlim. A informação como palavra polissêmica indica, ao mesmo tempo, um processo, um objeto e o objetivo de informar.

Nesse sentido, a informação é como uma mensagem, como um processo e como uma informação documental, isto é, a partir de então, a informação passa a ser uma narrativa que contém fatos novos ou declarações sobre algo (KOBLOITZ, 1969).

A informação como processo se define pelas frequentes atividades de

informar e pelas ações que compreendem a produção (tratamento e processo), a recuperação da informação (transferência e recepção) e a acumulação.

López Yepes (1995) complementa que, pela perspectiva de Koblitz, há um panorama que descreve sobre os tipos de informação, o qual possibilita ser entendida em todas as esferas da realidade, animadas e inanimadas. Ou seja, podemos entender que o conteúdo da informação é de certa parte limitado pela Documentação, pois, na teoria do autor, os processos de documentação têm o sentido restrito, com o intuito de expor os conteúdos documentários por indexação da informação como um processo final.

Em relação aos processos e aos movimentos documentários, López Yepes (1995, p. 256-258) menciona que, em 1935, José Ortega y Gasset proferiu o discurso *Misión del bibliotecario* na abertura do II Congresso de Bibliotecas e Bibliografia, em Madri. Na ocasião, apresentou uma amplitude dos problemas que estavam ligados ao movimento documentário otletiano. Contudo, as palavras *documentación* e *documentalista* não apareceram na palestra de Ortega y Gasset.

Apesar do interesse de Ortega y Gasset, Lasso de La Vega foi o autor espanhol que mais contribuiu para a Documentação, entre os anos de 1947 e 1980; por intermédio de suas obras, propagou o conceito de Documentação em diferentes campos do conhecimento, especificamente no campo do Direito. Outro fato importante foi que Lasso de La Vega também atuou na implantação da CDU na Espanha.

Ainda convém lembrar que, em 1978, López Yepez, com sua importante obra histórico-conceitual *“Teoría de la Documentación”*, apresentou, de forma sistematizada, diversas correntes teóricas. Em 1995, publicou *“La Documentación como disciplina: teoría e historia”*, contribuindo para a produção científica sobre a Documentação na Espanha. Além do mais, na Espanha, o Tratado de Documentação de Otlet foi traduzido para o espanhol por Maria Dolores Auyso García (ORTEGA; LARA, 2009).

De maneira geral, López Yepes (1995) define a Documentação como uma disciplina que possibilita integrar todos os saberes relacionados ao documento, compreendendo as formas profissionais da informação e da própria Documentação em diversos níveis de especializações, sempre considerando a realidade dos processos documentais. Segundo o autor, a disciplina intenta ser

geral, interdisciplinar, autônoma e instrumental à disposição dos serviços de todos os saberes e das atividades sociais. Além do mais, a Documentação como termo é entendida por um conjunto de disciplinas documentárias, que contribuem para os processos documentais em diferentes aspectos. Essas disciplinas são incluídas na Biblioteconomia, na Arquivologia e na Museologia.

Em síntese, a Documentação para López Yepes (1995) é uma ciência documentária, que representa um conjunto de disciplinas, que têm por objetivo aprofundar-se nos processos informativos acerca da recuperação da mensagem emitida.

Segundo Lara e Ortega (2012), entende-se por esses processos as atividades documentárias. Além disso, esses processos são atividades que resultam em diferentes escolhas, pela forma como o documento possa ser organizado em categorias, considerando os seus aspectos e priorizando um, para que haja uma construção e se torne possível a impermeabilização de elementos ideológicos.

A informação comum ou geral passa por todo um processo de construção, reconhecimento e valor institucional, para ser materializada com a finalidade de se tornar documento. E, ao pensarmos no documento pela perspectiva da Ciência da Informação, temos o seu valor social reconhecido como uma categoria desse campo, que derivou, de certa forma, da tradição da Documentação, sobretudo se refletirmos sobre seus produtores e os aspectos de sua natureza.

Para melhor entendermos o processo do documento no âmbito da área, é relevante mencionarmos as diferentes naturezas dos produtores pela perspectiva de Rabello (2009, p. 310-311).

O produtor, dito como de *primeira natureza*, tem por objetivo um conhecimento de forma objetiva e direta sobre um suporte qualquer, esse utiliza a escrita, o registro e pode se assumir autor da sua própria produção (em termos jurídicos), sob a condição de pessoa física.

O produtor de *segunda natureza* é aquele que, sobre um objeto artificial e/ou industrializado, produzido pelo produtor de primeira natureza, passa então a ter uma interpretação (produção subjetiva) sobre esse e o considera documento. A partir de então, com fins privados, atribui a esse documento valor e significado, considerando a sua função informativa.

O produtor de *terceira natureza* considera o produto do processo da significação atribuído pelo produtor de *primeira* e de *segunda natureza* uma significação com propósitos socioculturais/informativo-documentais. Esse tipo de produtor contribui e completa, de forma estratégica, para as transformações do objeto, enquanto documento com valor social. Tal produtor pode ser comparado ao *profissional da informação*.

Rabello (2009) enfatiza que as diferenças da natureza dos produtores do documento são importantes para a reflexão acerca dos processos teóricos ocorridos no âmbito da CI e que possam ter privilegiado a tradição, tanto quanto a inovação, referindo ao contexto histórico do documento.

Teóricos como Ronald Day (2001; 2005) e Frohmann (1990; 2011), e mais particularmente Michel Buckland (1991), reconhecem a visão de Otlet, identificando a necessidade de representação das coisas pelas atividades elaborativas, por exemplo, por meio de atividades práticas, que identifiquem, descrevam e nomeiem o documento, ou seja, a expressão do símbolo é marcada no mesmo, sendo este objeto reconhecido em toda a sua estrutura social e espaço-temporal. Cabe reconhecer também que, embora os autores mencionados partam de uma ideia inaugural sobre a definição de documento, esses não seguem uma visão sobre o mesmo no contexto histórico francês, e sim sobre a noção de documento pelas propostas dos neodocumentalistas (ORTEGA; SALDANHA, 2017).

No contexto do percurso histórico francês, a apropriação do conceito de documento é posta por Fraysse (2011, p. 68), segundo menciona Ortega; Saldanha (2019).

Afirma que o documento é portador de uma relação que o define. Ele precisa as questões que apresentamos sobre os textos de Meyriat ao dizer que os profissionais, ao criarem os documentos secundários para indicar os documentos primários, virtualizam estes documentos (ORTEGA; SALDANHA, 2019, p. 197).

Na argumentação de Ronald Day (2001), percebe-se, uma teoria crítica sobre a informação presente no discurso de Frohmann, oriunda das bases documentalistas dos projetos de Paul Otlet, pois se depara com a materialidade do documento como algo fundamental. Sendo essa uma unidade sistêmica, pressupõe uma crítica materialista à informação (ORTEGA; SALDANHA, 2017).

Day e Frohmann, ambos neodocumentalistas, observam o documento pela sua perspectiva material, na sua potencialidade de ser informativo, e por uma visão do profissional mediante os problemas contemporâneos. Acerca da ampliação do conceito de documento, esses autores tiveram a percepção da epistemologia da Documentação, que acreditaram ser capaz de analisar diferentes mídias e tratar dos problemas de cunho documental (ORTEGA; SALDANHA, 2009).

Frohmann (2009) esclarece que o documento nomeia a materialidade da informação, pois, se a importância dessa materialidade traz o sentido de entendimento da informação nos seus aspectos públicos e sociais, tão logo, a Documentação se faz relevante aos estudos da informação. Segundo Valente (1978), pela visão de Charles Langlois.

Documento não é mais que um elemento de informação, sem querermos ser ambíguos, nem recorrer a jogos de palavras, diremos que 'É' alguma coisa do que 'FOI'; do que 'FOI' acontecido; do que 'FOI' ocorrido; do que 'FOI' passado (VALENTE, 1978, p. 190).

No que tange o documento em relação ao tempo e à memória, Grigoletto (2012), nos traz à reflexão sobre a hipótese de que as palavras registradas em documentos institucionalizados nos possibilitam reviver certos momentos e “preservar” o presente; semelhança ao que descreve Valente (1978) sobre o acontecido, o ocorrido e o passado, que se fazem presentes por meio do documento.

Tais constatações nos chamam particularmente a atenção, pois permitem, entre tantas outras coisas, compreender que é por meio das palavras registradas em documentos institucionais que o passado pode ser reinventado; que certas memórias, objetos e elementos de uma sociedade podem ser preservados por meio de atos institucionais (GRIGOLETO, 2012, p. 62).

Tal pensamento nos remete à reflexão sobre a escrita, que não somente registra fatos, indivíduos ou momentos por meio dos documentos, mas é capaz de construir histórias e transformá-las em conhecimento.

Os documentos, objetos informacionais que se dão nos enunciados que materializam a informação contida em um suporte, passam a ter um valor que é atribuído institucionalmente por algum indivíduo munido de autoridade.

O documento é um objeto com valor. Esse valor é atribuído por sujeitos com alguma autoridade, seja reconhecida por outrem (sujeitos agindo em nome de alguma institucionalidade) ou por algum indivíduo que crê na própria autoridade. Em ambos os casos, há a seleção de algum objeto a partir da atribuição de sentido (validação da informação) atribuído pelo indivíduo inserido em alguma coletividade, em cuja institucionalidade pode atingir maior ou menor força de representação social em agrupamentos como família, colecionadores, associações, comunidades epistêmicas, dentre outros (RABELLO, 2018, p. 148-149).

Além do mais, o documento quanto objeto, também lhe é atribuído valor, considerando sua intencionalidade de informar ou a sua própria fonte de informação, nesse caso, podendo também considerar como valor social para certa utilidade, seja para acesso, leitura, disseminação e armazenamento (RABELLO, 2018).

Dentre os autores que contribuíram para o processo de desenvolvimento da Documentação, Mostafa (2011) menciona Bernd Frohmann, um importante autor, que foi inserido no seleto grupo de estudiosos americanos, denominado de “documentalistas”, também mencionado pela autora González de Gomes (2011).

Ao descrevermos as características do documento, mencionamos Frohmann (2008), que, sob uma perspectiva foucaultiana, trata o documento por meio da materialidade dos seus enunciados, dando sentido a outros meios de investigações. Para o autor, o documento é o que descreve propriamente a materialidade, levando em consideração o que nele contém, a compreensão que a ele se dá e o valor que dele se obtém. A materialidade da informação ocorre pelos enunciados por meio das instituições; essa materialização é que concretizará o documento. Entretanto, é importante ressaltar que as instituições também podem materializar o documento, não sendo somente o documento enquanto suporte físico.

Nesse sentido, é possível considerarmos que, pela materialização da informação, se compõe o documento. Para Frohmann (2008), é necessário que exista algo para que ocorra essa construção e o mesmo seja validado, pois o documento narra fatos e histórias e pode ser considerado como algo material, formal, registrado e institucionalizado. O autor enfatiza a importância da materialidade do documento, levando em consideração os aspectos sociais e públicos da informação, assim como a importância do seu enunciado, que pode

se apresentar em diferentes significados e contribuir para a construção da existência do documento (FOUCAULT, 2010). Esse “permite a correspondência entre informação e seu caráter social e público, em diferentes campos e práticas” (RABELLO, 2018, p.146).

Considerando a importância da Documentação como primordial processo de construção do documento, Frohmann (2009) também entende que, por meio desta, ocorre a materialização da informação. Nesse sentido, estudar a informação permite entender as consequências e os efeitos do processo da materialidade e da construção da informação.

No século XX, começaram a surgir estudos sobre a Documentação na Ciência da Informação, partindo de abordagens epistemológicas e apresentando o documento como um importante objeto de formação social e cultural.

Sendo assim, para o entendimento acerca do documento e da informação como conteúdo informacional contido no mesmo, a seguir, será abordado também sobre o documento pela perspectiva de teóricos no campo da Ciência da Informação, pois, esse é visto como um campo multifacetado, interdisciplinar e que possibilita o diálogo em diferentes contextos e assuntos.

Embora, ressaltamos que, fica indissociável separarmos a discussão sobre o documento na Documentação e na Ciência da Informação, sem uma contextualização, sendo esses, campos do conhecimento, pois, há muitos teóricos que discutem sobre o assunto permeando por ambos os campos, por exemplo, autores que discutem sobre teóricos da Documentação, mas estando sob uma perspectiva da Ciência da Informação, resgatando aspectos e pontos importantes e, assim, um complementando a discussão de um ao outro. Como neste estudo buscamos apresentar.

O documento como produto da informação materializada e institucionalizada é considerado pelo seu valor informacional. Essa atribuição ocorre, portanto, a partir do produto da significação e/ou da função que foi concedida e institucionalizada em um determinado contexto (RABELLO, 2019, p. 20).

Sobre essa construção social, considerando a informação para fins sociais, podemos abordar o teórico Bernd Frohmann como um importante escritor no campo da Ciência da Informação, que discute, principalmente, o caráter social da informação e vem se destacando por levantar questões tão

importantes para a área e que também leva para outras discussões acerca da construção do conhecimento (GUGLIOTTA, 2017), considerando uma perspectiva contemporânea no contexto documental.

Ao abordarmos sobre a construção social da informação, é evidente que se trate sobre a mesma em seus diferentes aspectos e construção, sendo registrada e institucionalizada, para melhor associação ao documento na área.

[...] em CI o 'documento' pode significar qualquer 'informação', desde que registrada e institucionalizada, como sugerem Buckland (1991), Frohmann (2006) e Smit (2012), por exemplo, o "documento de arquivo" é o registro de uma informação de funcionalidade peculiar, gerado para prova de um ato, e arquivado para testemunho de um fato (CAVALHEIRO; SANTOS, 2018, p. 423).

Nesse sentido, Smit (2012) descreve que, para que a informação seja discutida sem restrições de espaço ou tempo, a mesma precisa ser documentada. Embora, a partir do momento que uma informação é registrada/documentada, vai depender do seu local onde essa se insere e do valor que lhe foi atribuída, para que se possa saber qual nível de discussão sobre essa poderá haver, ressaltando que, a partir desses processos, a informação passa a ter um valor e uma instituição sob ela, com normas, diretrizes e restrições.

O documento, seja em seus processos de construção, uso e disseminação, tem passado por diversos critérios, advindos de fatores internos ou externos. Contudo, sempre servindo como suporte para o registro de informações, sejam essas decorrentes de algo ocorrido ou até mesmo que irá ocorrer.

No entendimento de Ronald Day (2005), o documento se constitui por complexas camadas, materiais e simbólicas, na centralidade de se reconstituir a história dos estudos informacionais, assim como podemos observar pela perspectiva do autor. Esse, ao realizar uma análise crítica sob uma moderna invenção da informação, propôs uma reflexão (pós) estruturalista sobre o documento.

Abordagens sobre o documento no contexto otletiano visto por Day (2005) condizem com a passagem de uma visão teórica estadunidense, contribuindo para uma vasta noção sobre documento. No plano social, o documento torna-se

um conceito importante para a realização de um debate ético na contemporaneidade; essas visões pós-estruturalistas de Day dialogam com as posições de Frohmann e Niels Lund (ORTEGA; SALDANHA, 2019).

Frohmann (2008) acredita que o documento nomeia a materialidade da informação. Sendo assim, o mesmo descreve sobre a importância da materialidade, no que diz respeito ao entendimento dos aspectos públicos e sociais da informação. Nesse sentido, os estudos sobre documentação são importantes para contribuir com os estudos da informação, “a documentação se torna o meio de materialização da informação” (FROHMANN, 2008, p. 3), ou seja, o autor leva ao entendimento de que, ao estudarmos sobre a documentação, consequentemente, estaríamos também estudando sobre os efeitos da informação no seu processo de materialização.

Ainda sobre a palestra, consideramos três conceitos acerca do documento proposto por Frohmann (2008), o caráter material, social e público da informação. O caráter material da informação é considerado o conceito mais importante, evidenciado neste capítulo, que descreve sobre a materialidade da informação. Dentre os conceitos, para o autor, o caráter social e o público da informação também são importantes, embora é relevante considerar que “[...] sem a atenção à materialidade, grande parte das considerações sociais, culturais, políticas, e éticas, tão importantes para os estudos da informação, se perdem” (FROHMANN, 2008, p. 21). Sobre a materialidade, Frohmann descreve a perspectiva de Foucault, mencionando a materialidade dos enunciados como informações registradas.

Estou convencido de que, sem a atenção a materialidade da informação, grande parte das considerações sociais, culturais políticas e éticas, tão importantes para o estudo da informação se perdem (FROHMANN, 2008, p.22).

Em consideração à materialidade dos enunciados postos por Foucault (2010) e considerados por Frohmann (2008), esses devem ser analisados por uma visão de existência material.

Segundo Foucault (2010), enunciados não são documentos; contudo, o teórico descreve que esses são importantes para refletirmos sobre a materialidade da informação.

A materialidade da informação, por meio dos registros institucionalizados,

dá forma à existência do documento. Por esse fato, Frohmann considera “regras de sua transformação, ampliação, as conexões entre enunciados, e seu desvanecimento até deixar de existir” (FROHMANN, 2008, p. 4).

Desse modo,

Segundo Foucault, a base para a materialidade da enunciação é a institucionalização. Isto porque, uma enunciação emerge por meio de várias redes relacionadas, de campos de uso e está em constante transformação. Sua materialidade é constituída como decorrência de interesses variados, de desafios e lutas, de apropriações e rivalidades (GRIGOLETO, 2012, p.61).

Nesse sentido, a materialidade “[...] não consiste simplesmente de sua existência no espaço e no tempo. A materialidade é medida pela massa, inércia e resistência” (FROHMANN, 2008, p.22), para uma consistência e existência da informação.

Segundo Rabello (2019), considera que Frohmann (2008) recorre a materialidade da informação, para argumentar que o documento é um valor atribuído ao objeto ou representa um sentido de expressar sua materialidade ou símbolo. Desse modo, com base no enunciado mencionado por Foucault (2010), a Documentação permite oferecer um papel mais significativo, além da comunicação da informação, antes conhecida por Frohmann pelo processo de “escrita disciplinar”, considerando o documento como efeito social da escrita. A Documentação seria o elo entre as enunciações de Foucault e os estudos sobre a materialidade da informação.

Os enunciados seguem um regime de materialidade e, por sua vez, uma ordem institucional. As práticas institucionais aplicadas ao documento fornecem peso e estabilidade à informação, materializando e dando sentido à sua configuração na vida social (ORTEGA; LARA, 2009).

O documento se constitui como um produto de ações e práticas sociais, sendo definido, especificamente, por distintas institucionalidades da informação as quais têm o acesso e as condições de atuação condicionadas pela materialidade em diferentes perspectivas (RABELLO, 2019, p. 4).

Segundo Frohmann, podemos pensar sobre a materialidade dos enunciados pela visão foucaultiana, considerando que o documento expressa a materialidade e permite uma relação entre a informação e o caráter público e

social da mesma.

A ideia de materialidade dos enunciados no ponto de vista de Foucault estimula investigações específicas e detalhadas sobre como os enunciados são estabilizados, como sua estabilidade é mantida, como eles exercem poder e força, como efeitos específicos provêm deles, como eles são desestabilizados e decompostos e como eles deixam de existir (FROHMANN, 2008, p. 22-23).

Nesse sentido, pela perspectiva de Frohmann, para que haja a materialização da informação no documento, essa tem que ter um significado. Para que ocorra todo esse processo, cabe aos efeitos das práticas documentárias (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2011). As práticas documentárias aqui mencionadas têm o papel de representar o documento, descrever as informações que nele contêm e examinar o suporte. “A materialidade do documento é ulterior à fisicalidade da informação num suporte. Todo documento: (a) representa algo e pode ser representado; (b) é uma expressão simbólica de poder/saber” (RABELLO, 2019, p.20). Consideramos que as representações que fazemos ao documento são permeadas por diversos aspectos, sentidos e valores a que eles agregaram. Ainda sobre Frohmann, o autor entende que o documento é um conjunto de enunciados, que se materializam e se legitimam por meio das instituições.

Rabello (2019) descreve que o documento, em seu determinado contexto, é institucionalizado, com o intuito de se atribuir função e significado, tornando-o um produto de informação materializada. Esse documento tem um importante papel social, seja na sua funcionalidade de informar ou na sua atribuição desejada.

[...] a materialidade do documento precisamos investigar sua vida institucional. Sua materialidade gera efeitos de informação - ou seja, poder de afetar - que também são variáveis e inscritos em uma rede de saberes e poderes, num dispositivo. Além disso, também podemos estudar a materialidade a partir da análise do papel da documentação na criação de classificações, ou categorias que segregam, agregam, exclui ou inclui setores da sociedade (FERRANDO; FREITAS, 2017 p.15).

É importante ressaltarmos que, apesar do pensamento de Frohmann acerca dos enunciados que materializam a informação no documento, os autores Ferrando e Freitas (2017) descrevem que, para Frohmann, se não houvesse

esses enunciados de materialização da informação, não seria possível a construção do documento objeto.

O documento se constitui, portanto, como a expressão material da informação; é um valor que se atribui ao objeto que pode ser institucionalizado, por exemplo, quando selecionado para constituir coleções (RABELLO, 2018, p.147).

Por essa visão, entende-se que os efeitos e o poder que a informação possui variam de acordo com onde essa se encontra ou se representa em um dispositivo (FERRANDO; FREITAS, 2017). Nesse sentido, também é importante ressaltar que a materialidade da informação não é somente feita por instituições, a informação também pode ser materializada por meios tecnológicos.

Segundo Frohmann (2008), a digitalidade da informação radicalizará os efeitos da prioridade ontológica do documento.

Em geral, a informação é materializada não apenas por meios institucionais, mas também por meios tecnológicos. Existem muitos estudos sobre, por exemplo, os efeitos das tecnologias da informação – incluindo a oralidade, as tabuletas de argila, o papiro, o papel, a imprensa, o telégrafo, o rádio, o filme, a televisão e muito mais – sobre as estruturas de informação. Os documentos digitais são significativamente diferentes de todos esses, de muitas maneiras. Eles são casos paradigmáticos de um novo tipo de documentação. Através de sua imersão tecnológica, sua levíssima fisicalidade eletrônica, quase sem peso, empresta-lhes grande velocidade, força e energia. Nosso mundo digital se junta aos documentos digitais, que são produzidos por máquinas, alimentados em outras máquinas e que automaticamente produzem efeitos que configuram nossas vidas. Documentos digitais, comparados a documentos tradicionais, são processáveis em grau e escala únicos na história (FROHMANN, 2008, p.30)

No que diz respeito aos aspectos da materialização da informação, os dispositivos digitais vão ganhando cada vez mais espaço e autonomia, diversificando a sua fisicalidade. A sua materialização agora se dá por meio tecnológico e os enunciados dessa informação agora se formam em um vasto conjunto de enunciados digitais, formando uma documentação digital capaz de se multiplicar e se disseminar em frações de segundos pela *web*.

A documentação digital desafia o cenário tradicional da disseminação da informação, o de sujeitos autônomos comunicando-se ou trocando 'informações' uns com os outros – porque a intencionalidade, característica essencial do cenário tradicional, está ausente na

geração de um vasto conjunto de enunciados digitais. Sua produção e processamento ocorrem fora da consciência (FROHMANN, 2008, p. 30).

A documentação digital possibilita novas discussões sobre a ampliação do conceito de documento, que vai além do tradicional para sua inovação.

Após a apresentação do conceito de documento pelas perspectivas da Documentação e da Ciência da Informação, afirmamos que é possível construir novos documentos a partir de outros, por meio das relações de informação que possibilitam novas abordagens e o diálogo entre linguagens, sentidos e formas.

Tendo por objetivo o entendimento, apresentaremos em síntese as ideias de alguns autores que trazem significados, conceitos e características sobre documento. O critério utilizado para escolha dos autores foi por meio da revisão de literatura, como exposto a seguir:

QUADRO 1 – Documento

Autor	Conceito	Característica <i>Descrições</i>
ABNT NBR ISO 9001:2008	“A ABNT NBR ISO 9001:2008 usou o termo ‘registros’ para denotar documentos necessários para prover evidência de conformidade com requisitos, isso agora é expresso como um requisito para ‘reter informação documentada’. A organização é responsável por determinar qual informação documentada precisa ser retida, o período de tempo pelo qual ela deve ser retida e o meio a ser usado para sua retenção” (NORMA NBR ISO 9001: 2015, 2015, p. 53).	Material impresso. Base física. Documentos são registros que “retém” a informação documentada. Informação documentada.
ABNT NBR ISO 9001:2015 ATUALIZADA	Documento como um conjunto de leis, procedimentos, instruções e normas, as quais estabelecem diretrizes e regras para ações de planejamentos que possa direcionar o futuro de uma instituição.	Material impresso. Base física. Informações, as quais definem regras e procedimentos.
Cavalheiro e Santos (2018)	[...] em CI o "documento" pode significar qualquer "informação", desde que registrada e institucionalizada, como sugerem Buckland (1991), Frohmann (2006) e Smit (2012), por exemplo, o "documento de arquivo" é o registro de uma informação de funcionalidade peculiar, gerado para prova de um ato, e arquivado para testemunho de um fato (CAVALHEIRO; SANTOS, 2018, p. 423).	Informação registrada e institucionalizada. Registro de informação.
Santos e Ribeiro (2003)	É qualquer base de conhecimento fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudo, prova ou	Material impresso. Material eletrônico.

	pesquisa; Reunião de informações e dados em geral gravados de forma permanente e legível por máquina ou pessoa. Diz-se também de todo meio impresso (livro, revista, tese, monografia, etc.) relacionado em base de dados bibliográfica; Reunião de informações escritas, acumuladas numa série sucessiva de anotações que diz respeito a uma organização ou indivíduo; são todos os papéis contendo informações que ajudem a tomar decisões, comuniquem decisões tomadas, registrem assuntos de interesse de uma organização ou indivíduo; Termo genérico utilizado para referência a arquivos que contenham objetivos que façam parte de compartilhamentos de dados entre aplicativos; Unidade constituída pela informação e seu suporte; registro de uma informação independente da natureza do suporte que contém; Suporte material onde se registra informação (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 87).	Base física. Suporte que transmita informação, independente da formação da base material física; Qualquer suporte que contenha informação e possa ser consultado; Conjunto de informações que possa ser materializado por meio de qualquer suporte e mídia; Conjunto de informações que são anotadas, registradas em um suporte físico; Termo usado para dar nome um suporte de mídia digital; Unidade que se constitui pelo suporte e pela informação; Suporte que possa registrar informação.
Cunha e Cavalcanti (2008)	Transmissão ou transferência de mensagens de um ponto a outro, de uma fonte a um destinatário, ou a grupo de destinatário. Ação de transmitir um documento que contém informação. “A comunicação documentária implica as ideias de 'uso' e 'devolução' do documento. A 'disponibilidade' dos documentos tanto pode ser no próprio local onde se encontram, como pode ser realizada através do empréstimo [...]” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 129).	Transmissão ou transferência de informação. O documento é visto como uma fonte que transmite uma mensagem ao destinatário.
Otlet (1996)	Documento é um suporte de uma certa matéria e dimensão (...) em que se incluem signos representativos de certos dados intelectuais” (OTLET, 1996, p. 43).	Base física. Representação de signos.
Ortega (2016)	Documento quanto signo “é uma construção, uma leitura do real sob determinada perspectiva” (ORTEGA, 2016, p. 49).	Signos que representam a leitura do real.
Briet (1951; 2016)	O documento não é mais caracterizado pelo seu suporte, mas pela sua condição de registro que garante a permanência no tempo, e que pode estar em qualquer lugar, e acessado por qualquer pessoa, para isso o documentalista teria que conhecer outras línguas para garantir que a tradução de um documento fosse de alta qualidade para que o usuário pudesse compreender o assunto (BRIET, 1951, p.26). Sobre documento, “o antílope catalogado é um documento primário e os demais são documentos secundários ou derivados” (BRIET, 2016, p. 2).	Registro de informação sobre algo existente. Documento primário. Documento secundário.
Santos e Ribeiro	Documentos primários, são originais, baseados	Documentos primários

(2003)	em pesquisas ou criação de um autor, por exemplos, artigos, jornais, revista, livros e entre outros, materiais esses, prontos para serem utilizados para documentos posteriores, gerando os documentos secundários. Documentos secundários, são representações de informações reproduzidos de fontes primárias, exemplos, traduções e bibliografias. Documentos terciários, os quais os autores descrevem como documentos recapitulativos, como os manuais e tratados (SANTOS; RIBEIRO, 2003).	são produtos “originais”. Primeiro exemplar. Documentos secundários são registro de informação sobre os documentos primários. Documentos terciários são reescritas de documentos existentes.
Valente (1978)	Documento é elemento de informação, dando lugar para as ciências e técnicas, sendo um importante componente para a cultura. O documento quanto diploma, resultou em uma ciência diplomática, aproximando-se mais na história científica. Os acontecimentos só se reconstituem pelos documentos, pois são os únicos elementos capaz de fornecerem informações sobre os fatos, ainda que desses restem ocorrências, essas são efêmeras (VALENTE, 1978, p.177). Consideramos documento em sentido amplo, como elemento resultante de componente, ou componentes, que lhe deram lugar. Esses componentes considerados, e que se derivou, bem os podemos enunciar como causas de que resultou efeito e que se objetiva nisso que apelidamos dessa maneira. Não é difícil entender que um documento, tomado em lato sentido ou sentido restrito, é sempre consequência de um ato, acontecido ou fato (VALENTE, 1978, p. 178). Documento não é mais que um elemento de informação, sem querermos ser ambíguos, nem recorrer a jogos de palavras, diremos que ‘É’ alguma coisa do que ‘FOI’; do que ‘FOI’ acontecido; do que ‘FOI’ ocorrido; do que ‘FOI’ passado (VALENTE, 1978, p. 190).	Conteúdo que contém informação derivado de um algo fato acontecido, ocorrido ou do passado, tendo como objetivo registrar informar.
Buckland (1991)	O termo ‘documento’ é normalmente usado para denotar textos ou, mais exatamente, objetos textuais” (BUCKLAND, 1991, p. 5). O que, por exemplo, é um documento? Um livro impresso é um documento. Uma página manuscrita é um documento. Um mapa é um documento. Se um mapa é um documento, porque um mapa tridimensional também não seria um documento. Porque um globo também não poderia ser considerado um documento já que é, acima de tudo, a descrição física de alguma coisa. Modelos antigos de locomotivas foram feitos com propósitos informacionais, não recreacionais. Se um globo, um modelo da terra, é um documento, porque não considerar também um modelo de	Material impresso. Base física. Objetivo, fornecer informação.

	locomotiva ou um navio como um documento? O modelo é uma representação informativa do original (BUCKLAND, 1991, p. 6). [...] objetos não são ordinariamente documentos, mas se transformam em, se processados com finalidades de fornecer informação” (BUCKLAND, 1991, p. 7).	
Rabello (2011; 2018; 2019)	O documento é, portanto, o fruto de uma ação interpretativa (subjativa) de um sujeito que vive em sociedade e que recebe sua influência passiva e ativamente a um só tempo (RABELLO, 2011, p. 141). O documento se constitui, portanto, como a expressão material da informação; é um valor que se atribui ao objeto que pode ser institucionalizado, por exemplo, quando selecionado para constituir coleções (RABELLO, 2018, p.147). O documento é um objeto com valor. Esse valor é atribuído por sujeitos com alguma autoridade, seja reconhecida por outrem (sujeitos agindo em nome de alguma institucionalidade) ou por algum indivíduo que crê na própria autoridade. Em ambos os casos, há a seleção de algum objeto a partir da atribuição de sentido (validação da informação) atribuído pelo indivíduo inserido em alguma coletividade, em cuja institucionalidade pode atingir maior ou menor força de representação social em agrupamentos como família, colecionadores, associações, comunidades epistêmicas, dentre outros (RABELLO, 2018, p. 148-149). O documento se constitui como um produto de ações e práticas sociais, sendo definido, especificamente, por distintas institucionalidades da informação as quais têm o acesso e as condições de atuação condicionadas pela materialidade em diferentes perspectivas (RABELLO, 2019, p. 4).	Materialização da informação, essa vindo a ser entendida pela ação de interpretação do sujeito sob influências vividas. Objeto com valor, sob atribuição individual de um sujeito com autoridade ou por uma instituição. Se constitui pelas ações e práticas sociais, como um produto de informação.
Ortega e Lara (2009)	O documento não é somente um dado, a ele se atribui sentido e entendimento a partir do momento em que o indivíduo o vê como um produto de um desejo de informar e se informar, sendo o intuito de se informar sempre necessário (ORTEGA; LARA, 2009).	Produto de informação, cujo objetivo sob perspectiva do indivíduo é de informar e mantê-los informados.

Buckland (1991; 2011)	“O termo ‘documento’ é normalmente usado para denotar textos ou, mais exatamente, objetos textuais” (BUCKLAND, 1991, p. 5). O que, por exemplo, é um documento? Um livro impresso é um documento. Uma página manuscrita é um documento. Um mapa é um documento. Se um mapa é um documento, porque um mapa tridimensional também não seria um documento. Porque um globo também não poderia ser considerado um documento já que é, acima de tudo, a descrição física de alguma coisa. Modelos antigos de locomotivas foram feitos com propósitos informacionais, não recreacionais. Se um globo, um modelo da terra, é um documento, porque não considerar também um modelo de locomotiva ou um navio como um documento? O modelo é uma representação informativa do original (BUCKLAND, 1991, p. 6). “Qualquer objeto particular, documento, dado ou evento pode ser considerado como informativo dependendo das circunstâncias” (BUCKLAND, 1991, p. 10). "Documento como um termo técnico geral para todos os tipos de objetos informativos: livros, conjuntos de dados, manuscritos, gravações musicais, e, sim, uma coleção de aves mortas" (Buckland, 2011, p. 235).	Material impresso. Base física. Objetos textuais informativos.
DOCUMENTO ELETRÔNICO		
Santos e Ribeiro (2003)	Veiculação de material publicado eletronicamente com referência a qualquer forma de informação arquivada em meio eletrônico, documento eletrônico; Unidade flexível e dinâmica, consistente de conteúdo não linear, representado como um conjunto de itens de informação enlaçadas, armazenadas em um ou mais indivíduos no desenvolvimento de algum processo ou projeto (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 200).	Material de informação armazenado e disponível para acesso e uso de forma eletrônica.
Neiva (2013)	Qualquer escrito us. para esclarecer alguma coisa, ou atestado que sirva de prova ou testemunho, armazenado ou transmitido sob forma programação informatizada ou outro veículo de registro eletrônico. (NEIVA, 2013, p. 164).	Escrito ou registro armazenado de forma eletrônica que sirva de prova, testemunho que possa esclarecer algo.
Bodê (2016)	Todo documento que utilize eletrônica na produção e reprodução de seu conteúdo, às vezes os próprios suportes utilizados também são componentes eletrônicos” (BODÊ, 2016, p. 8).	Documento que se utiliza da eletrônica para produzir ou reproduzir seus conteúdos.
DOCUMENTO DIGITAL		

Bodê (2016)	Um documento digital é o equivalente a uma sequência de códigos binários registrados em algum tipo de tecnologia de memória. Organizados de acordo com determinado formato de arquivo computacional e mensurado através da quantidade de bytes total desse arquivo. Dependendo do tipo de conteúdo, haverá outras características específicas como a representação de cores, som ou texto. A interpretação desses códigos para humanos ocorrerá através de sistemas computacionais de software e hardware (BODÊ, 2016, p. 9).	Sequência de códigos binários registrados em algum tipo de tecnologia e que seja interpretado por meio de um sistema de computador (software e hardware).
-------------	---	---

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

Como podemos observar, o documento é definido por diferentes tipos de conceitos e perspectivas, considerando-o por suas características, formatos, meios e fins.

Vimos, até aqui, que esse é construído por práticas e teorias, a fim de evidenciá-lo como um importante fator de informação para informar, provar, registrar e documentar, sendo capaz de manter histórias do passado no presente.

O documento em um agrupamento de definições, representa a informação registrada, essas, que podem definir e informar, regras, procedimentos, normas, relatar fatos, comprovar ocorrências e histórias, narrar e descrever, gerar diferentes interpretações e entendimentos, por quem o ler e o entender.

Na seção a seguir serão apresentados os resultados e as discussões, a fim descrever sobre o documento na cultura da convergência.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, será apresentado os resultados averiguados, a discussão e a interpretação dos mesmos, a fim de alcançar o objetivo deste estudo.

4.1 Seleção e Apresentação do *Corpus*

A investigação dos resultados exigiu a definição dos conteúdos produzidos na cultura da convergência e que se constitui pelo *corpus* documental extraído do site *Nayh! Fanfiction* como já mencionado, foram explorados conteúdos ficcionais no contexto da cultura da convergência como modo de produção de novas documentalidades distintas das convencionais.

Desse modo, formando o agrupamento de conteúdos com categorias e assuntos específicos, os quais trazem um conjunto de definições e conceitos a serem analisados. Posteriormente, pela averiguação, os conteúdos serão agrupados em categorias e definidos por características referentes ao documento na literatura científica e também alinhado ao referencial teórico. Para considerar a extração das categorias e assuntos, será apresentada a estrutura da aplicação.

No quadro a seguir, apresentamos as etapas da pesquisa, pois “fundamentalmente, são necessárias três etapas para a realização de uma pesquisa documental, quais sejam: a pré-análise, a organização do material e a análise dos dados coletados” Naína Tumelero (2019, online).

Após as fases mencionadas e a identificação dos materiais, esses passaram por um processo de estruturação e preparação para chegarem aos resultados obtidos.

QUADRO 2 – Estrutura: aplicação.

Pré-análise (verificação e comparação)	Definição dos objetos que possam responder aos objetivos estabelecidos na pesquisa.
Organização do Material	Facilitar a interpretação dos dados selecionados, sejam esses físicos ou digitais/eletrônicos.
Tratamento dos dados	Após a seleção e a organização dos materiais, realizar a análise e interpretação dos dados.

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

É importante ressaltar que a definição dos categorias e assuntos descritos foram estabelecidos pelo site *Nayh! Fanfiction* (2021) gerando o (*corpus* documental) desta pesquisa. Nesse site há uma estruturação organizada em relação as categorias e assuntos definidos, existem 11 categorias temáticas, dentro de cada categoria existem diferentes assuntos organizados em ordem alfabética de A - Z, ao realizar a busca, os assuntos podem ser filtrados por um histórico com ou sem gênero descritos no site e em cada assunto selecionado há uma espécie de ficha com descrição temática do assunto.

A seguir, ilustramos nas figuras 1 a 5 os exemplos mencionados. Na figura 1, as categorias onde os assuntos estão organizados.

Figura 1 – Categorias.



FONTE: Site Nyahl Fanfiction (2021).

As categorias são: Animes/Mangas; Bandas/Cantores; Cartoons; Filmes; Histórias originais; Jogos; Livros; Nyahl; Poesias; Quadrinhos; Seriados/Novelas/Dramas.

Na figura 2, a organização dos assuntos em ordem alfabética dentro de cada categoria.

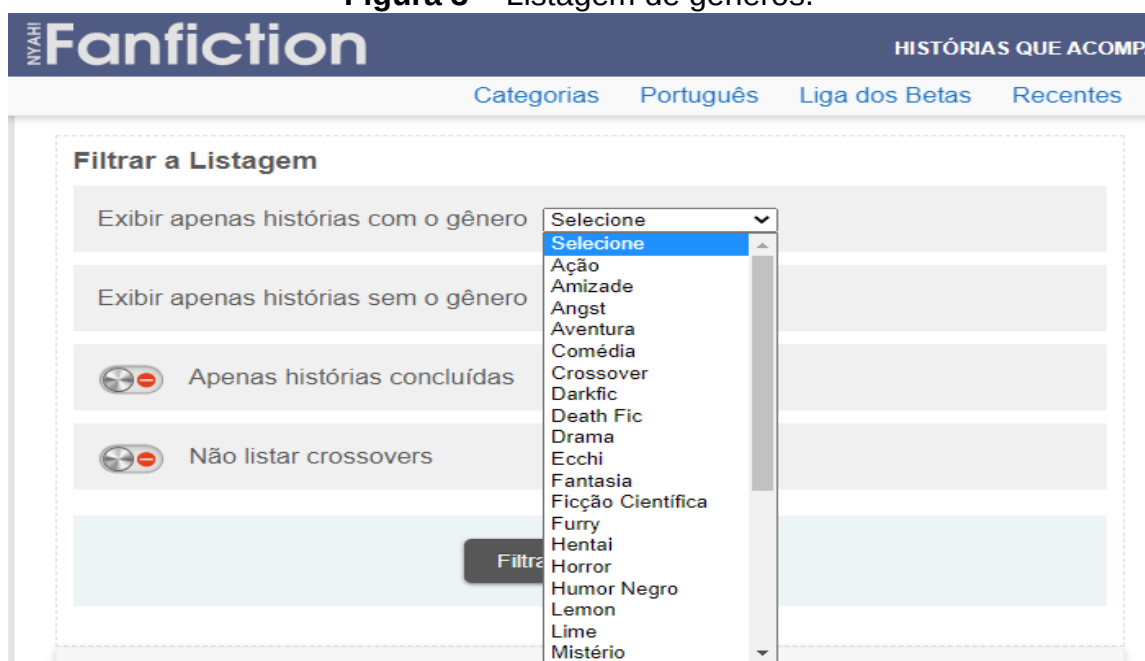
Figura 2 – Organização dos assuntos.



FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Dentro de cada categoria, os assuntos são organizados por temas em ordem alfabética, como já mencionamos. E dentro de cada assunto é possível estabelecer qual gênero pertencerá o conteúdo, como demonstra na figura 3.

Figura 3 - Listagem de gêneros.



FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

O filtro de listagem de gêneros permite escolher ou não, qual opção filtrar dentro de cada categoria e assunto em ordem alfabética.

Na figura 4, apresentamos uma breve descrição técnica sobre o conteúdo.

Figura 4 – Ficha temática.



NYAH! Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO AT

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#)

Classificação: 13+
Categorias: [Dragon Ball Z](#), [.hack//SIGN](#)
Personagens: Vegeta, Vegito / Vegetto
Gêneros: Ação, Amizade
Avisos: Violência

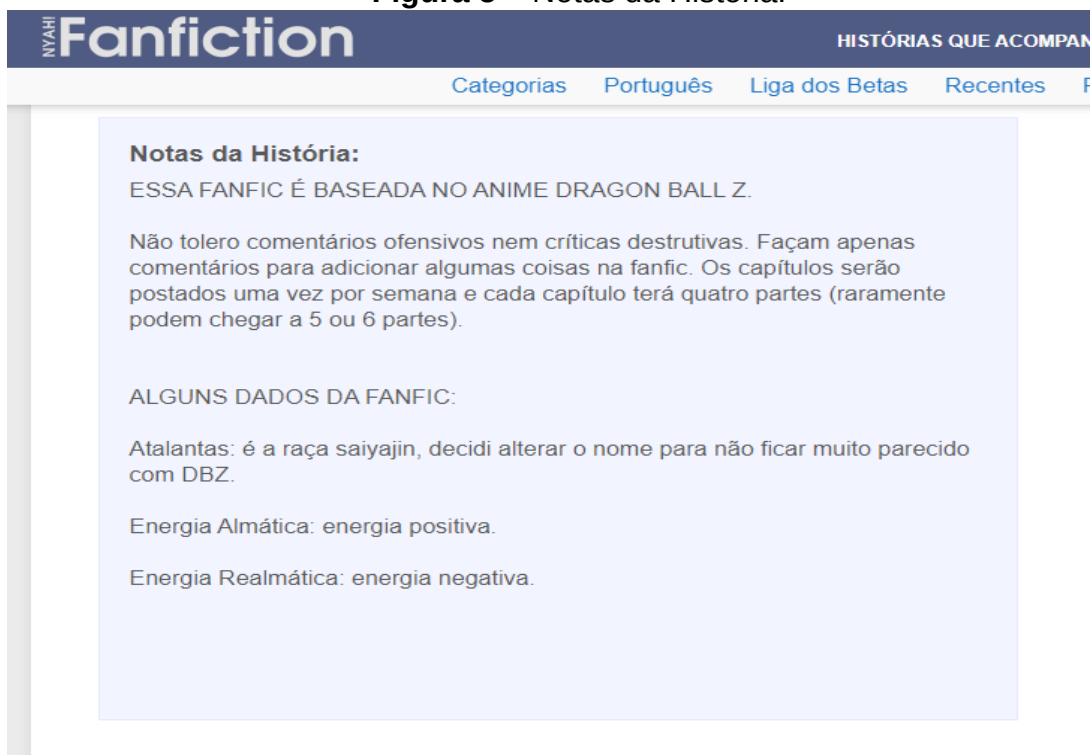
Capítulos: 5 (5.970 palavras) | **Terminada:** Não
Publicada: 20/09/2019 às 08:27 | **Atualizada:** 19/10/2019 às 06:46

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

As fichas descrevem informações sobre classificação indicativa de idade, categoria a qual pertence o conteúdo, personagens descritos na narrativa, gênero (referente a listagem) e também aviso em relação ao conteúdo exibido.

Na figura 5, apresenta informações em notas explicativas e dados sobre a *fanfic*.

Figura 5 – Notas da História.



FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

As notas da história permitem ao leitor saber informações sobre onde a *fanfic* foi baseada ou inspirada pelo produtor.

Após apresentação da estrutura do site por: categorias temáticas, organização alfabética por assunto, filtro de listagem por gênero, ficha com descrição temática e notas sobre cada história (narrativa).

No Quadro 3, a seguir, aplicaremos a segunda etapa: a **organização dos materiais**, serão apresentadas as narrativas ficcionais extraídas do site *Nyah! Fanfiction* estabelecidas por 11 categorias e agrupadas por diferentes temáticas e assuntos. Em cada categoria serão selecionados 2 assuntos, totalizando 22 narrativas a serem analisadas.

Cada narrativa, está sob uma categoria, assunto, gênero, contendo título, autor e ano de publicação.

QUADRO 3 – Nyah! Fanfiction: narrativas ficcionais

NYAH! FANFICTION					
Categorias	Assuntos Seleccionados A-Z	Gênero	Título	Autor	Ano
1- Animes / Mangás	Dragon Ball Z	Drama	Uma carta para Trunks	FanGirl	2020
	Naruto	Hentai, Romance, Ecchi, Amizade	União	Afmmarl	2021
2- Bandas / Cantores	Nirvana, Linkin Park, Audioslave, Amy Winehouse	Drama, Romance, Crossover, Death Fic, Amizade	Like a back in black - Velhos companheiros	Andrew Ferris	2018
	Queen	Amizade	It's A Kind Of Magic	Darleca	2020
3- Cartoons	Caverna do Dragão	Ficção Científica	O retorno	Abraxas	2011
	Digimon	Ação, Aventura, Comédia, Fantasia, Crossover, Amizade	Digimon & Disney: uma aventura espetacular	Humbertinho	2020
4- Filmes	Matrix	Ação, Ficção Científica, Fantasia, Universo Alternativo	Patric	Turtlepix	2015
	Madrugada dos mortos	Suspense, Terror, Tragédia	O vírus	Agatha Juliet Nogueira	2013
5- Histórias originais	Histórias originais	Poesia	Eu não gosto de café	Isabela Bernardino	2021
	Histórias originais	Drama, Romance, Suspense, Yuri, Orange	Entreolhares	Ny Bez	2011
6- Jogos	Mortal Kombat	Ação, Drama, Mistério, Romance, Suspense	Scorpion: no limite	Skarlet Moon	2020
	Pokemon Go	Drama, Yaoi	3 cores de rivalidade	Leon Yorunaki	2016
7- Livros	Os 13 porquês	Amizade	Um novo recomeço	Rafael Horta Scaldaferrri	2019
	As melhores histórias da mitologia nórdica	Ação	Loki e o Ragnarok	Angel Greek	2014
8- Nyah!	Nyah!	Comédia	Unidas pelo fandom	Teffy-chan	2018
	Nyah!	Comédia, amizade	Sem açúcar, por favor	Sakura Suzuki	2015
9- Poesias	Poesia	Tragédia	Pequenas palavras	Enailive Prodyje	2021
	Poesia	Drama	Eu era pedra	Vatrushka	2021
10- Quadrinhos	Esquadrão Suicida	Drama, Darkfic, Death Fic	Coringa – o início de uma história	Filipe Santos	2018

	Os vingadores	Comédia	(In)feliz casualidade	Angela Diell	2017
11- Seriados / Novelas / Doramas	Grey's Anatomy (Seriado)	Universo alternativo	A nova chefe do trauma	Tresdezoito	2019
	Avenida Brasil (Novela)	Suspense	Fênix: uma história de vingança	Jaime Lucas de Mattos	2014

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

Seguindo as etapas da análise, as figuras selecionadas serão apresentados os conteúdos para posteriormente haver o **tratamento dos dados**.

No Quadro, 3 acima, foram extraídas 22 narrativas ficcionais, por parte do autor não houve um critério de seleção, os assuntos foram escolhidos de forma aleatória e não seguindo uma ordem alfabética estabelecida.

Cada uma das 22 narrativas selecionadas, serão apresentadas em figuras - 6 a 27, esses conteúdos também podem ser consultados no link disponibilizado abaixo de cada imagem neste trabalho, direcionado diretamente para a página do site *Nyah! Fanfiction* - (<https://fanfiction.com.br/>).

A seguir, apresentaremos nas figuras - 6 a 27, as narrativas, que estão agrupadas em 11 categorias, como mencionado no Quadro 3, as quais representam um *corpus* a ser analisado.

Dito isto, na categoria – 1: Animes e Mangás, estão as figuras 6 e 7.

Figura 6 – Narrativa: drama.

NYAH! Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHAM

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#)

Uma carta para Trunks escrita por FanGirl

Vegeta estava atormentado com as lembranças da batalha contra Majin Boo, e em seu peito confissões moravam desde há muito tempo. O saiyjin sentia a necessidade de exteriorizar todas essas emoções que nunca antes havia revelado. Apesar de renovado, o guerreiro mantinha seu pilar: O orgulho.

Por isso decidiu abrir seu coração através de uma carta.

Classificação: Livre
Categorias: [Dragon Ball Z](#)
Personagens: Trunks, Vegeta
Gêneros: Drama
Avisos: Nenhum

Capítulos: 1 (571 palavras) | **Terminada:** Sim
Publicada: 05/11/2020 às 12:20 | **Atualizada:** 05/11/2020 às 12:20

Capítulos

1. [A carta](#) 571 palavras

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Dragon Ball Z

Gênero: Drama

Título: Uma carta para Trunks

Autor: FanGirl

Notas da história: Sem nota.

Link:

[https://fanfiction.com.br/historia/796909/Uma carta para Trunks/capitulo/1/](https://fanfiction.com.br/historia/796909/Uma_carta_para_Trunks/capitulo/1/)

Figura 7 – Narrativa: romance.

Fanfiction

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recen](#)

União escrita por **aflmmart**



O seu pesadelo tinha se iniciado a dois anos quando após a guerra seus pais resolver concordar com a ideia absurda de casamento arranjado. Apesar dos protestos e ameaças de fugir de casa eles se mantiveram firmes na decisão, e sabia que se fosse contrário eles aquilo definitivamente causaria problemas na então estável Aliança Shinobi.

Classificação: 16+
Categorias: [Naruto](#)
Personagens: Haruno Sakura, Sabaku No Gaara
Gêneros: Hentai, Romance, Ecchi, Amizade
Avisos: Nudez, Sexo

Capítulos: 1 (3.052 palavras) | **Terminada:** Não
Publicada: 15/03/2021 às 22:52 | **Atualizada:** 15/03/2021 às 22:52

Notas da História:
Os personagens e lugares citados na história pertencem a Masashi Kishimoto!!

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Naruto

Gênero: Hentai, Romance, Ecchi, Amizade.

Título: União

Autor: aflmmart.

Notas da história: Os personagens e lugares citados na história pertencem a Masashi Kishimoto.

Link: <https://fanfiction.com.br/historia/800002/Uniao/capitulo/1/>

Na categoria – 2: Bandas e Cantores, estão as figuras 8 e 9.

Figura 8 – Narrativa: drama

Nyah! Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNI...

Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

Like a back in black - Velhos companheiros escrita por **Andrew Ferris**



g+ f t

Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

[Recomendar esta história](#)

Chris se internou em uma clínica, encontrando uma presença inesperada! Esse encontro fará os dois enxergarem novas possibilidades para suas vidas, abalando não apenas seus caminhos como os caminhos dos outros!!!

Classificação: 16+

Categorias: [Nirvana](#), [Linkin Park](#), [Audioslave](#), [Amy Winehouse](#)

Personagens: Chester Bennington, Chris Cornell, Dave Grohl, Kurt Cobain, Mike Shinoda, Personagem Original, Tom Morello

Gêneros: Drama, Romance, Crossover, Death Fic, Amizade

Avisos: Álcool, Bissexualidade, Drogas, Heterossexualidade, Homossexualidade, Linguagem Imprópria, Nudez, Sexo, Tortura

Capítulos: 12 (24.628 palavras) | **Terminada:** Não

Publicada: 02/11/2017 às 20:38 | **Atualizada:** 11/05/2018 às 22:57

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Nirvana, Linkin Park, Audioslave, Amy Winehouse.

Gênero: Drama, Romance, Crossover, Death Fic, Amizade.

Título: Like a back in black - Velhos companheiros

Autor: Andrew Ferris

Notas da história: Alguns personagens não são da autoria do autor, porém os personagens falecidos são reais.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/746717/Like_a_back_in_black_-_Velhos_companheiros/

Figura 9 – Narrativa: amizade

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNI...

Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

It's A Kind Of Magic escrita por **Darleca**



g+ f t

Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

[Recomendar esta história](#)

O ano é de 2020 e, em meio ao caos de uma pandemia inesperada, relatos absurdos sobre a ressurreição de desmemoriadas estrelas do rock correm pela internet. E quando alguém idêntico ao irreverente vocalista do Queen ressurge, os relatos não parecem mais tão absurdos assim para os amigos Edgard e Letícia.

Classificação: 16+
Categorias: [Queen](#)
Personagens: Personagem Original
Gêneros: Amizade
Avisos: Linguagem Imprópria, Álcool

Capítulos: 5 (10.935 palavras) | Terminada: Sim
Publicada: 31/10/2020 às 21:25 | Atualizada: 24/11/2020 às 15:30

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Queen

Gênero: Amizade

Título: It's A Kind Of Magic

Autor: Darleca

Notas da história: História escrita pela autora. Edgard e Letícia, são personagens.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/796782/Its_A_Kind_Of_Magic/

Na categoria – 3: Cartoons, estão as figuras 10 e 11.

Figura 10 – Narrativa: ficção científica

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON...

Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

O Retorno escrita por **Abraxas** 76 comentários



Este é um fanfic de "Caverna do Dragão", mas diferente da maioria dos fics. Ele se passa depois da volta dos nossos heróis para tão famigerada casa. Todavia, muitos anos mais tarde, Eric, o cavaleiro, dono de uma empresa e multi-milionário decide retornar. Quais serão os planos de Eric para convencer os seus amigos, já adultos, para aquele mundo fantástico? Você saberá como se dá este acontecimento lendo este fic...

Classificação: 16+
Categorias: [Caverna do Dragão](#)
Personagens: Indisponível
Gêneros: Ficção Científica
Avisos: Violência

Capítulos: 21 (50.739 palavras) | Terminada: Sim
Publicada: 29/12/2010 às 16:48 | Atualizada: 08/01/2011 às 13:54

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Recomendam a leitura

Nossa essa história é perfeita, eu amo ela, eu sou muito fã da Caverna do Dragão e sou super fã do casal Hank e Sheila!!! /n Meus parabéns para o autor! /n Essa história ficou fantástica!

Favoritaram esta história

Estão acompanhando

Assunto: Caverna do Dragão

Gênero: Ficção científica

Título: O retorno

Autor: Abraxas

Notas da história: Essa *fic* contém questões culturais diversas e algumas cenas de violência.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/119673/O_Retorno/

Figura 11 – Narrativa: ação

Fanfiction

HISTÓRIAS QUE ACOMPANHOATUALIZAÇÕESMENSAGENS (0)EDMILSON JÚNI...

CategoriasPortuguêsLiga dos BetasRecentesPesquisarAjuda

Digimon & Disney: Uma Aventura Espetacular escrita por **Humbertinho** **36 comentários**



Uma mensagem misteriosa aparece de várias formas em vários lugares do mundo, mas apenas Mickey e seus amigos respondem e não imaginam o que aconteceria ao fazerem essa escolha. Eles são levados até o Magic Kingdom Park, no Walt Disney World, onde um portal havia sido aberto dentro da atração "It's a Small World". Agora, eles terão que enfrentar vários perigos para voltar pra casa e salvar o DigiMundo com a ajuda de outros personagens.

Classificação: Livre
Categorias: Digimon, Lilo e Stitch, Pinoquio, A casa do Mickey Mouse, Detona Ralph, Frozen
Personagens: Indisponível
Gêneros: Ação, Aventura, Comédia, Fantasia, Crossover, Amizade
Avisos: Nenhum

Capítulos: 57 (126.610 palavras) | Terminada: Não
Publicada: 11/06/2015 às 20:27 | Atualizada: 13/09/2020 às 20:37

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).



Recomendam a leitura



Digimon & Disney : Uma Aventura Espetacular é uma fanfic maravilhosa que une o melhor de dois Universos de Fantasia numa mesma história emocionante e fascinante na qual Mickey, Donald e tantos personagens que nós maravilharam com suas histórias se unem aos Digimon para salvar o Digital World de um grande mal

[Exibir tudo](#)

Favoritaram esta história



Opções

Assunto: Digimon

Gênero: Ação, Aventura, Comédia, Fantasia, Crossover, Amizade

Título: Digimon & Disney: uma aventura espetacular

Autor: Humbertinho

Notas da história: Os personagens e alguns lugares dessa história são de autoria da The Walt Disney Company e da Toei Animation.

Link:

https://fanfiction.com.br/historia/622819/Digimon_DisneyUma_Aventura_Espetacular/

Na categoria – 4: Filmes, estão as figuras 12 e 13.

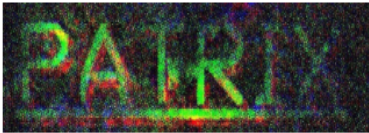
Figura 12 – Narrativa: ação

Nyah! Fanfiction

HISTÓRIAS QUE ACOMPANHOATUALIZAÇÕESMENSAGENS (0)EDMILSON JÚNI...

CategoriasPortuguêsLiga dos BetasRecentesPesquisarAjuda

Patrix escrita por **Turtlepix**





A 2ª Geração de seres humanos chega a Zion. Com a retomada esperança inabalável dos humanos, pela conquista da doca novamente eles querem mais: O controle do planeta. Há rumores de que agora existe um segundo Escolhido que irá destruir o cultivo humano e dizimar Deus Machina.

Matrix agora apresenta uma atualização chamada de Patrix, que além de suas características anteriores, possui um aplicativo que permite acordar pessoas do seu verdadeiro mundo falso, para acordar na verdadeira realidade via online.

A trilogia Matrix acabou deixando inúmeros buracos na história: Patrix tende a tapar esse buracos.

Classificação: 16+
Categorias: Matrix
Personagens: Indisponível
Gêneros: Ação, Ficção Científica, Fantasia, Universo Alternativo
Avisos: Homossexualidade, Linguagem Imprópria, Mutilação, Sexo, Violência

Capítulos: 2 (1.582 palavras) | **Terminada:** Não
Publicada: 11/11/2015 às 21:45 | **Atualizada:** 11/11/2015 às 21:49

Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

[Recomendar esta história](#)

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Matrix

Gênero: Ação, Ficção Científica, Fantasia, Universo Alternativo

Título: Patrix

Autor: Turtlepix

Notas da história: Primeira *fanfiction* do autor.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/658768/P_a_t_r_i_x/

Figura 13 – Narrativa: suspense

Fanfiction

HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO

ATUALIZAÇÕES

MENSAGENS (0)

ED

Categorias

Português

Liga dos Betas

Recentes

Pesquisar

Ajuda

O Vírus escrita por **Agatha Juliet Nogueira**

5 comentários

Numa época muito distante da atual, um vírus misterioso se espalha rapidamente entre os humanos, transformando-os em zumbis psicóticos com sede de sangue. Mas quatro pessoas sobreviveram à epidemia e parecem ser imunes ao vírus. Juntos, eles tentarão escapar dos violentos infectados (como são chamados os mortos-vivos) passando por lugares, que incluem áreas urbanas e rurais, cada uma contendo um quite de primeiros socorros.

Classificação: 13+
Categorias: [Madrugada dos Mortos](#), [Dia dos Mortos](#)
Personagens: Indisponível
Gêneros: Suspense, Terror, Tragédia
Avisos: Canibalismo

Capítulos: 2 (1.157 palavras) | **Terminada:** Não
Publicada: 24/03/2013 às 17:19 | **Atualizada:** 26/03/2013 às 13:33

Notas da História:

Não recomendado para menores de 13 anos, por conter canibalismo, linguagem inapropriada e violência.

Favoritaram esta história



Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Madrugada dos mortos

Gênero: Suspense, Terror, Tragédia

Título: O vírus

Autor: Agatha Juliet Nogueira

Notas da história: Não recomendado para menos de 13 anos por conter canibalismo, linguagem inapropriada e violência.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/346923/O_Virus/

Na categoria – 5: Histórias originais, estão as figuras 14 e 15.

Figura 14 – Narrativa: poesia

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNIOR

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

Eu não gosto de café escrita por **Isabela Bernardino** 1 comentário



Opções

- [Denunciar esta história](#)
- [Adicionar a história aos favoritos](#)
- [Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)
- [Recomendar esta história](#)



Café — Qual é a graça? É amargo, assim como os dias que estamos vivendo. Precisamos mesmo tomar café? Ou podemos não aceitar, e tomar um chá, do jeito que gostamos?

Classificação: Livre
Categorias: [Histórias originais](#)
Personagens: Personagem Original
Gêneros: Poesia
Avisos: Nenhum

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Histórias originais

Gênero: Livre

Título: Eu não gosto de café

Autor: Isabela Bernardino

Notas da história: Projeto 15 dias de escrita de textos.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/799997/Eu_ao_gosto_de_cafe/

Nyah! Fanfiction

HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNIOR

Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

Entreolhares escrita por Ny Bez

6 comentários

Opções

- Denunciar esta história
- Adicionar a história aos favoritos
- Adicionar autor(a) aos favoritos
- Recomendar esta história

Nicole Sevigny, estudante de medicina, estava no terceiro período do curso, encontra o verdadeiro amor nos braços de uma mulher mais velha, a qual tem um vida bastante conturbada. Elas se apaixonam a segunda vista, onde tem certeza de que suas almas nunca mais caminharão sozinhas.

Classificação: 16+

Categorias: Histórias originais

Personagens: Indisponível

Gêneros: Drama, Romance, Suspense, Yuri, Orange

Avisos: Bissexualidade, Homossexualidade, Linguagem Imprópria, Nudez, Sexo

Capítulos: 1 (2.104 palavras) | **Terminada:** Não

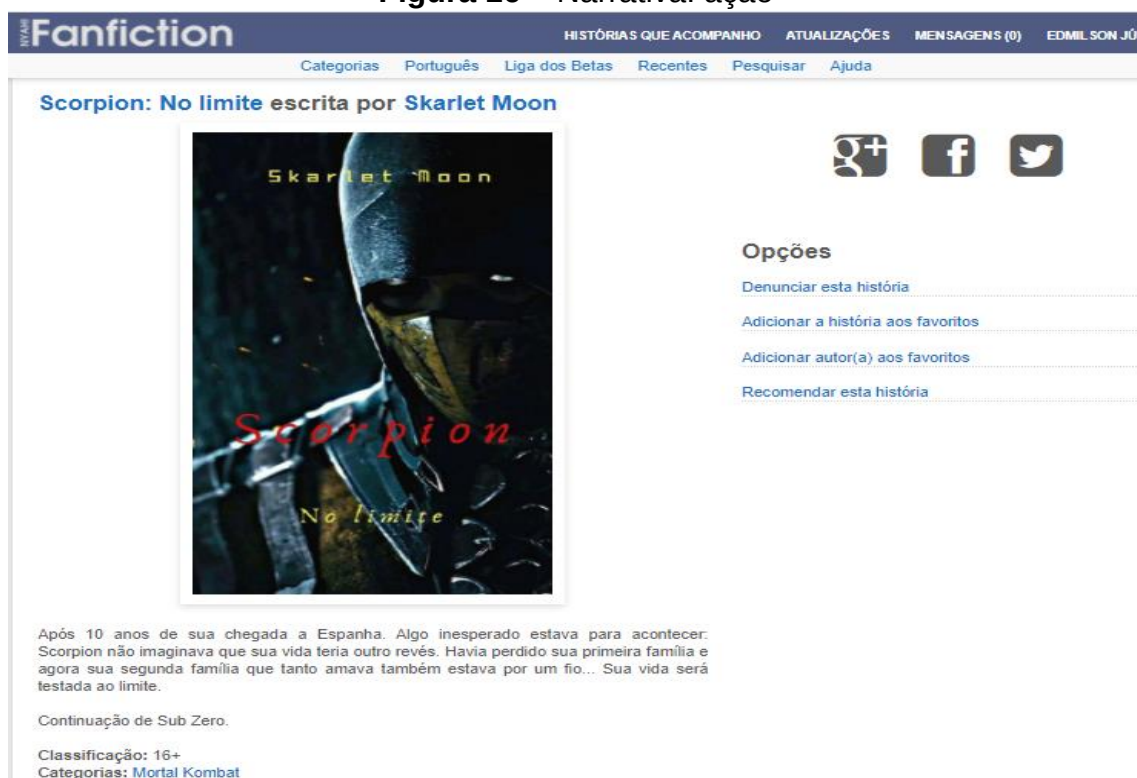
Publicada: 09/01/2011 às 03:29 | **Atualizada:** 09/01/2011 às 03:29

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Link: <https://fanfiction.com.br/historia/122012/Entreolhares/>

Na categoria – 6: Jogos, estão as figuras 16 e 17.

Figura 16 – Narrativa: ação



The image is a screenshot of a Fanfiction page. At the top, the 'NYAH! Fanfiction' logo is visible on the left, and navigation links for 'HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO', 'ATUALIZAÇÕES', 'MENSAGENS (0)', and 'EDMILSON JÚNIOR' are on the right. Below the header, a secondary navigation bar includes 'Categorias', 'Português', 'Liga dos Betas', 'Recentes', 'Pesquisar', and 'Ajuda'. The main title of the story is 'Scorpion: No limite' by 'Skarlet Moon'. To the right of the title are social media icons for Google+, Facebook, and Twitter. Below the title is a book cover for 'Scorpion: No limite' by Skarlet Moon, featuring a close-up of Scorpion's mask. To the right of the cover is an 'Opções' (Options) menu with links: 'Denunciar esta história', 'Adicionar a história aos favoritos', 'Adicionar autor(a) aos favoritos', and 'Recomendar esta história'. Below the cover, there is a synopsis in Portuguese: 'Após 10 anos de sua chegada a Espanha, Algo inesperado estava para acontecer: Scorpion não imaginava que sua vida teria outro revés. Havia perdido sua primeira família e agora sua segunda família que tanto amava também estava por um fio... Sua vida será testada ao limite.' Below the synopsis, it says 'Continuação de Sub Zero.' and 'Classificação: 16+'. At the bottom, it lists 'Categorias: Mortal Kombat'.

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Mortal Kombat

Gênero: Ação, Drama, Mistério, Romance, Suspense

Título: Scorpion: no limite

Autor: Skarlet Moon

Notas da história: Plágio é crime.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/796388/Scorpion_No_limite/

Figura 17 – Narrativa: drama

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNIOR

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

3 Cores de Rivalidade escrita por **Leon Yorunaki** **6 comentários**



Azul, Vermelho, Amarelo.
Cada cor representa um estilo. Inteligência, força ou instinto. E cada uma delas reflete igualmente a personalidade daqueles que a escolhem.

Bernard e Douglas são duas pessoas com personalidades distintas. E, se não fizessem escolhas opostas, sequer saberiam da existência um do outro. Isso em uma pequena cidade com pouco menos de quinhentos habitantes.

Só que a realidade não é o conto de fadas que a descrição acima pode parecer. Pois eles não eram os únicos jogadores.

Classificação: 13+
Categorias: [Pokemon Go](#)
Personagens: Personagem Original
Gêneros: Drama, Yaoi
Avisos: Nenhum

Capítulos: 1 (6.167 palavras) | Terminada: Sim
Publicada: 30/07/2016 às 20:59 | Atualizada: 30/07/2016 às 20:59

Recomendam a leitura



Desde que vi essa fanfic pela primeira vez, eu soube que tinha de lê-la. Não só por ela ser de Pokémon, meu jogo favorito de todos os tempos, mas porque tudo nela, a capa, a sinopse, as divisões do capítulo, me atraía. E agora tenho certeza de que ela é uma das melhores fanfics

[Exibir tudo](#)

Favoritaram esta história



Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Pokemon Go

Gênero: Drama, Yaoi

Título: 3 cores de rivalidade

Autor: Leon Yorunaki

Notas da história: Fanfic original, todos os personagens foram criados pelo autor.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/702907/3_Cores_de_Rivalidade/

Na categoria – 7: Livros, estão as figuras 18 e 19.

Figura 18 – Narrativa: amizade

Nyah! Fanfiction

HISTÓRIAS QUE ACOMPANHOATUALIZAÇÕESMENSAGENS (0)EDMILSON JÚNIOR

CategoriasPortuguêsLiga dos BetasRecentesPesquisarAjuda

Um novo recomeço escrita por **Rafael Horta Scaldaferri**





Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

[Recomendar esta história](#)

Depois do julgamento e funeral de Hannah Baker,tudo na escola Liberty High School mudou,Mas alguém observa tudo o que ocorre,mas sem aparecer.Quando novas fitas são encontradas,dúvidas são suscitadas:Será que Hannah realmente morreu.. As coisas pioram quando descobrem que a lápide do cemitério estão vazia...Clay começa a se perguntar com relação a isso e os outros porquês também.Talvez seja a hora de deixar mágoas e rancores para trás e talvez,reencontrar com Hannah,que pode estar mais viva do que pensam...

Classificação: 16+
Categorias: Os 13 Porquês
Personagens: Indisponível
Gêneros: Amizade
Avisos: Violência

Capítulos: 5 (15.419 palavras) | Terminada: Não
Publicada: 07/09/2019 às 00:00 | Atualizada: 10/09/2019 às 10:03

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Os 13 porquês

Gênero: Amizade

Título: Um novo recomeço

Autor: Rafael Horta Scaldaferri

Notas da história: Fanfic recomendada para maiores de 16 anos.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/781830/Um_novo_recomeco/

Figura 19 – Narrativa: ação

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNI...

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

Loki e o Ragnarok escrita por **ANGEL GREEK** **6 comentários**



Loki e o Ragnarok

Odin tentou impedir o Ragnarok, mas no final acabou colocando Loki no caminho para inicia-lo...Serão as pessoas que amam o deus da trapaça capazes de ajuda-lo e assim evitar o fim dos deuses?

Classificação: 16+
Categorias: [Matantei Loki Ragnarok](#), [As Melhores Histórias da Mitologia Nórdica](#), [Thor, Os Vingadores - The Avengers](#), [Homem de Ferro](#), [Hulk](#), [Agents of S.H.I.E.L.D.](#)
Personagens: Agente Coulson, Frigga, Heimdall, Jane F., Laufey, Loki, Odin, Personagem Original, Sif, Thor, Volstagg
Gêneros: Ação, Aventura, Drama, Fantasia, Mistério, Romance, Darkfic, Death Fic, Humor Negro, Amizade
Avisos: Álcool, Incesto, Linguagem Imprópria, Mutilação

Capítulos: 4 (1.084 palavras) | Terminada: Não
Publicada: 06/02/2014 às 13:58 | Atualizada: 28/02/2014 às 16:57

Favoritaram esta história

Estão acompanhando

Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: As melhores histórias da mitologia nórdica

Título: Loki e o Ragnarok

Autor: Angel Greek

Notas da história: a *fic* muda a mitologia e as histórias da Marvel e dos filmes e também o destino de cada personagem.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/471556/Loki_e_o_Ragnarok/

Na categoria – 8: Nyah!, estão as figuras 20 e 21.

Figura 20 – Narrativa: comédia

HISTÓRIAS QUE ACOMPANHOATUALIZAÇÕESMENSAGENS (0)EDMILSON JÚNI...

CategoriasPortuguêsLiga dos BetasRecentesPesquisarAjuda

Unidas Pelo Fandomescrita por teffy-chan

8 comentários

A cover art for the fanfiction 'UNIDAS PELO FANDOM'. It features two black silhouettes of hands reaching up from the bottom, their fingers interlaced to form a heart shape. The background is a soft-focus image of a sunset or sunrise over water, with warm orange and yellow tones blending into a darker blue sky. The title 'UNIDAS PELO' is written in large, bold, teal-colored capital letters at the top, and 'FANDOM' is written in similar letters at the bottom.

Aquele parecia ser apenas mais um dia junto de seus amigos. Todos jogavam e lanchavam despreocupadamente, ou pelo menos era o que parecia. As duas moderadoras que tinham se tornado mais do que amigas já tinham enfrentado muitas dificuldades. Superar mágoas do passado, o medo de serem aceitas pelas outras pessoas, mas ainda havia uma última provação: Ter que lidar com o fandom que elas nem sabiam que tinham.

Classificação: Livre
Categorias: Nyah!
Personagens: Indisponível
Gêneros: Comédia, Shoujo-ai
Avisos: Nenhum

Recomendam a leitura

Você quer conhecer uma história de amor mais bonita do que a de Crepúsculo? Então seja muito bem vindo a esse conto que vai mostrar para você que não importa a frieza de um coração de gelo, ele pode derreter com o beijo certo. Aproveitem a leitura.

Favoritaram esta história

Opções

[Denunciar esta história](#)

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Nyah!

Título: Unidas pelo fandom

Autor: Teffy-chan

Notas da história: Nenhum personagem citado pertence ao autor.

Link: [https://fanfiction.com.br/historia/763210/Unidas Pelo Fandom/](https://fanfiction.com.br/historia/763210/Unidas%20Pelo%20Fandom/)

Figura 21 – Narrativa: comédia

Nyah! Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNI...

Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

Sem Açúcar, Por Favor escrita por **Sakura Suzuki** **14 comentários**

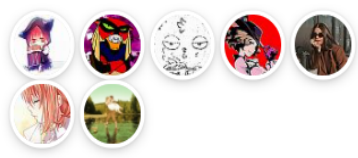


Seiji é diabético. Misaki adora cozinhar doces. Os dois adoram escrever e ler fanfics. No que isso dá?

Classificação: Livre
Categorias: Nyah!
Personagens: Indisponível
Gêneros: Comédia, Amizade
Avisos: Nenhum

Capítulos: 1 (702 palavras) | **Terminada:** Sim
Publicada: 30/06/2015 às 18:04 | **Atualizada:** 30/06/2015 às 18:04

Favoritaram esta história



Estão acompanhando



FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Nyah!

Gênero: Comédia, amizade

Título: Sem açúcar, por favor

Autor: Sakura Suzuki

Notas da história: sem nota

Link: https://fanfiction.com.br/historia/627516/Sem_Acucar_Por_Favor/

Na categoria – 9: Poesias, estão as figuras 22 e 23.

Figura 22 – Narrativa: tragédia

Nyah! Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNI...

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

Pequenas palavras escrita por **Enailive Prodyje** **2 comentários**



Opções

- [Denunciar esta história](#)
- [Adicionar a história aos favoritos](#)
- [Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)
- [Recomendar esta história](#)

Aqui estão as angustias de um coração, de uma alma sedenta, que busca matar a sede dos pensamentos, e que leva dentro de si uma mágoa profunda, capaz de transformar um coração puro em dor e mentira.

Classificação: 13+
Categorias: [Poesias](#)
Personagens: Personagem Original
Gêneros: Tragédia
Avisos: Nenhum

Capítulos: 16 (4.008 palavras) | **Terminada:** Não
Publicada: 18/01/2014 às 14:56 | **Atualizada:** 13/03/2021 às 22:18

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Poesia

Gênero: Tragédia

Título: Pequenas palavras

Autor: Enailive Prodyje

Notas da história: sem nota

Link: https://fanfiction.com.br/historia/463743/Pequenas_palavras/

Figura 23 – Narrativa: drama

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNI...

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

Eu era Pedra escrita por **Vatrushka** **3 comentários**



Eu me dobro, eu me curvo e eu me estico
Eu sou muito flexível.

Classificação: 13+
Categorias: [Poesias](#)
Personagens: Personagem Original
Gêneros: Drama, Angst
Avisos: Linguagem Imprópria

Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

[Recomendar esta história](#)

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Poesia

Gênero: Drama

Título: Eu era pedra

Autor: Vatrushka

Notas da história: conteúdos escritos pelo autor.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/463743/Eu_era_pedra/

Na categoria – 10: Quadrinhos, estão as figuras 24 e 25.

Figura 24 – Narrativa: drama

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNIOR

Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

Coringa - O inicio de uma História escrita por **Filipe Santos** 5 comentários



Uma parte da vida do Coringa que você não sabia, uma parte de sua história que ninguém conhecia.

Classificação: 13+
Categorias: [Batman](#), [Esquadrão Suicida](#)
Personagens: Coringa
Gêneros: Drama, Darkfic, Death Fic
Avisos: Álcool, Drogas, Heterossexualidade, Mutilação, Violência

Capítulos: 6 (2.955 palavras) | Terminada: Não
Publicada: 24/04/2016 às 16:53 | Atualizada: 22/02/2018 às 13:50

Favoritaram esta história

Estão acompanhando

Opções
[Denunciar esta história](#)

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Esquadrão Suicida

Gênero: Drama

Título: Coringa – o início de uma história

Autor: Filipe Santos

Notas da história: *Fanfic* do coringa

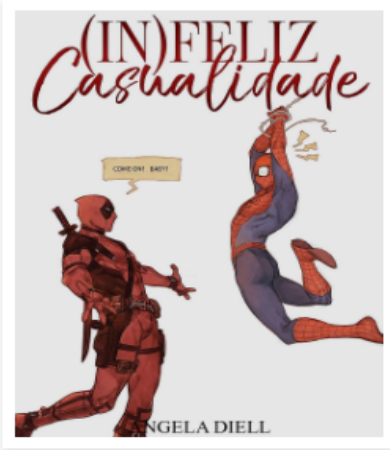
Link: https://fanfiction.com.br/historia/689359/Coringa_-_O_inicio_de_uma_Historia/

Figura 25 – Narrativa: comédia

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNIOR

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

(In)Feliz Casualidade escrita por **Angela Diell** **157 comentários**



Como se não bastasse todo o azar natural que Peter Parker possuía, agora tinha como vizinho de janela o mercenário Deadpool, o anti-herói louco que sempre quis descobrir a verdadeira identidade do Homem-Aranha. Mais azar que isso, talvez fosse impossível, e se agora estava rindo, era de nervoso!

[Deadpool & Spiderman] [31/31]

Classificação: 16+
Categorias: [Os Vingadores](#)
Personagens: Deadpool, Homem-Aranha
Gêneros: Comédia, Romance, Yaoi
Avisos: Álcool, Homossexualidade, Linguagem Imprópria

Capítulos: 31 (4.700 palavras) | Terminada: Sim
Publicada: 01/10/2017 às 17:08 | Atualizada: 31/10/2017 às 00:55

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Recomendam a leitura

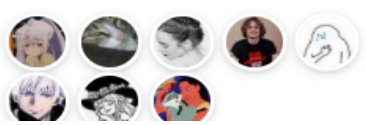
Venho aqui recomendar essa spideypool que me forneceu umas cenas muito fofas e que dava vontade de ler sempre mais dela. Acredite, cês vão gostar de acompanhar como Peter e Wade foram estreitando os laços por algumas casualidades não tão casuais assim. Fiquei tão feliz

Exibir tudo

Eu não pude deixar de recomendar essa história. Como dizer? Em simples drabbles, a autora conseguiu colocar um shipp complexo, conseguiu colocar sentimentos e uma ambientação maravilhosa. Eu não era shipper do casal da fanfic, mas depois que li a fic e até as notas da autora nos

Exibir tudo

Favoritaram esta história



Assunto: Os vingadores

Gênero: Comédia

Título: (In)feliz casualidade

Autor: Angela Diell

Notas da história: personagens pertencentes a Marvel.

Link: https://fanfiction.com.br/historia/744160/InFeliz_Casualidade/

Na categoria – 11: Seriados/Novelas/Doramas, estão as figuras 26 e 27.

Figura 26 – Narrativa: universo alternativo

Nyah! Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNIOR

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

A nova chefe do Trauma escrita por **Tresdezoito**



[g+](#) [f](#) [t](#)

Estão acompanhando



Opções

[Denunciar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

[Recomendar esta história](#)

Devido aos conturbados acontecimentos dos últimos meses, Owen Hunt precisou ser afastado do cargo. Em seu lugar, chega a doutora Camille O'live que divide opiniões e já de cara movimentou a rotina do Grey Sloan Memorial.

Como seria se as coisas mudassem um pouco por aqui?

Classificação: 13+

Categorias: [Grey's Anatomy](#)

Personagens: Amelia Shepherd, April Kepner, Meredith Grey, Miranda Bailey

Gêneros: Universo Alternativo

Avisos: Nenhum

Capítulos: 2 (2.087 palavras) | Terminada: Não

Publicada: 12/10/2019 às 20:15 | Atualizada: 12/10/2019 às 23:31

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Grey's Anatomy

Gênero: Universo alternativo

Título: A nova chefe do trauma

Autor: Tresdezoito

Notas da história: imagem ilustrativa

Link: https://fanfiction.com.br/historia/783124/A_nova_chefe_do_Trauma/

Figura 27 – Narrativa: suspense

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) EDMILSON JÚNIOR

Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

Fênix - Uma História de Vingança escrita por **Jaime Lucas de Mattos**



[g+](#) [f](#) [t](#)

Favoritaram esta história



Opções

- [Denunciar esta história](#)
- [Adicionar a história aos favoritos](#)
- [Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)
- [Recomendar esta história](#)

Daniel Cardoso é o ex-governador do Estado de São Paulo. Ele fez coisas durante seu mandato que muita gente não gostou. Daniel queria cassar a concessão da Rede Novo Mundo de Televisão e começou a receber ameaças de morte de Carlos Guimarães, dono da emissora. Daniel tinha uma esposa chamada Amanda, uma filha de 4 anos chamada Ana e um filho de 2 anos chamado Jorge. Carlos contrata um homem para incendiar a casa de praia de Daniel enquanto eles estivessem passando um tempo lá. Ana é salva pelo pai. Daniel foi incriminado por assassinato e Ana foi para um orfanato. Lá, Ana se apaixona por Bruno, um garoto 2 anos mais velho que ela, e forma uma grande amizade com Laura Macedo. Bruno é adotado e ela não o vê mais. Daniel foi morto na prisão. Ana sempre planejou vingança contra aqueles que destruíram a vida de seu pai. 2 anos após sair do orfanato, Laura morre e Ana chama a ambulância e diz que a morta é Ana Cardoso. Na leitura do testamento de Ana Cardoso, ela passa tudo para Laura, que atualmente é a verdadeira Ana. O advogado ajudou Ana a criar documentos falsos onde ela agora seja Laura Macedo. Ela, então, fez uma faculdade de teatro e atualmente arranhou um emprego como apresentadora de TV na Rede Novo Mundo de Televisão. Agora que ela está infiltrada na emissora, ela poderá realizar sua vingança contra todos aqueles que destruíram a sua família.

Classificação: 13+
Categorias: [Revenge](#), [Avenida Brasil](#)
Personagens: Indisponível
Gêneros: Suspense

FONTE: Site Nyah! Fanfiction (2021).

Assunto: Avenida Brasil

Gênero: Suspense

Título: Fênix: uma história de vingança

Autor: Jaime Lucas de Mattos

Notas da história: narrativas sobre morte e conteúdo sexual

Link: https://fanfiction.com.br/historia/544353/Fenix_-_Uma_Historia_de_Vinganca/

Ao apresentarmos pelas figuras os conteúdos (narrativas ficcionais) selecionados, esses se referem ao processo de produção, acesso, uso e disseminação da informação, envolvendo diferentes públicos e consumidores de conteúdos e diversos tipos de mídias fornecendo elementos que possibilitam a discussão sobre, a relação entre a cultura da convergência e o documento na Ciência da Informação.

Podemos perceber uma relação entre os conteúdos apresentados ao verificarmos; nesse sentido, os leitores, usuários de informação, ao consumirem diferentes tipos de mídias por meio de ferramentas, dispositivos ou suportes, que facilitam o acesso e a disseminação da informação pela transmissão (analógica

ou digital) desses conteúdos, tornam a sua participação mais efetiva na construção de novos conteúdos, pois, essas ferramentas, suporte, facilitam o acesso, uso e a disseminação da informação de maneira mais fácil e proveitosa para alguns.

Além do mais, devido a esse fato, mesmo que indiretamente, contribuem para a indústria cultural e também colaboram para o surgimento das necessidades do cenário das narrativas transmidiáticas: “o cenário transmidiático pode ser considerado como a expressão de uma nova era da indústria cultural, que amplia o seu nicho de mercado através da convergência midiática” (MARTINS, 2015, p. 198). Convergência essa que se constitui de novas estéticas, surgindo de novas narrativas, que advêm das necessidades e exigências dos consumidores e que dependem da participação ativa de comunidades de conhecimento (JENKINS, 2009, p. 49).

Ao longo dos anos e com o desenvolvimento tecnológico, passamos por evoluções e transformações e, com isso, o desenvolvimento industrial em diversos setores e segmentos de mercado, influenciando diretamente nos hábitos e no convívio humano. Convém lembrarmos que as indústrias de entretenimento, por meio dos conteúdos midiáticos, influenciaram diretamente para tais mudanças e transformações, momento considerado por Jenkins (2006, p. 377) de cultura comercial, que “surge em um contexto de produção industrializada e circulação comercial”.

Nesse sentido, com o desenvolvimento tecnológico e a influência das mídias, houve mudanças culturais em relação aos hábitos acerca da informação, tornando meros consumidores de conteúdos (receptores). Há consumidores e produtores ativos, que também emitem informação e opinam sobre os conteúdos produzidos pelas grandes indústrias midiáticas e, com outros consumidores, ganham voz capaz de impactar positiva ou negativamente essas produções. Estamos vivendo em uma convergência cultural, “mudanças na lógica pela qual a cultura opera, com ênfase no fluxo de conteúdos pelos canais de mídia” (JENKINS, 2006, p. 377). Esse novo cenário configura na criação de novos conteúdos, porém todos com a mesma finalidade de informar.

Para que posteriormente possamos dar início na terceira e última etapa da análise documental (**tratamento dos dados**), no Quadro 4, em apêndice, será apresentado uma síntese dos dados sobre o conceito de documento.

No Quadro 4, tentamos abordar de forma mais abrangente dados sobre o documento por meio de diferentes fontes.

Ao compreendermos o conjunto dos conceitos dos dados apresentados, observamos em síntese que, ao documento, refere-se como uma unidade de informação registrada com conhecimento fixado, que sirva de consulta para estudo, pesquisa ou prova. O que difere um documento de físico, eletrônico e digital são os seus meios de transmissão e manuseio.

O documento, dito como “físico”, é material impresso ou qualquer base de conhecimento fixado que transmite e transfere mensagem.

Ao documento eletrônico é considerado por um conjunto de informações ou registro (anotações de um fato ocorrido e que hoje serve como prova), sendo essas arquivadas ou publicadas, produzidas ou reproduzidas por meio eletrônico, e que possam esclarecer algo ou sirvam como prova ou testemunho de um fato.

O documento digital é constituído por códigos binários registrados e depende de um sistema computacional (*software* e *hardware*) para sua reprodução e uso. Contudo, percebemos que todos os conceitos se referem à informação e ao registro (informação documentada) como principal base do documento, seja ele em qualquer suporte ou meio que será acessado e/ou transmitido.

Assim como foram apresentados no Quadro 4 (apêndice), a seguir, no Quadro 5, também em apêndice, apresentaremos uma síntese sobre o documento, embora, no contexto da Documentação.

Nessa perspectiva, o documento passou a ser visto pelo aspecto do registro, ou seja, a informação que nele está documentada. Essa é uma importante característica, que permite que o documento seja considerado pela sua durabilidade, uma vez que acreditavam que a existência do documento no tempo era devido ao seu registro de informação e esse poderia estar em qualquer lugar ou ser acessado por qualquer pessoa que o interpretasse.

Além disso, o documento passou a ser segmentado pela forma como os seus registros eram construídos, por exemplo, o documento “original” primário, assim era considerado a partir do momento que, por meio dele, houvesse a

construção do registro de outro documento, vindo a ser o documento secundário.

Ao documento foi atribuído sentido, no momento em que esse viesse a ser interpretado por um indivíduo ou sujeito no seu desejo de informar ou se informar, sob influências ativas ou passivas de uma sociedade, ressaltando que o desejo de se informar seja maior que o de informar. Nesse sentido, acreditamos que, quanto mais pessoas com o desejo de se informar, essas, estariam informadas, por outro lado, menos pessoas precisariam de informação, pois, quanto mais pessoas informadas, mais pessoas conscientes e responsáveis teríamos na sociedade, ou pelo menos assim deveria ser, quando se há o acesso e o uso da informação, de forma correta e ética. Lembrando que, essa observação cabe ao entendimento daqueles que possuem meios e acesso à informação.

Portanto, as noções e características postas sob o documento frente a situações onde se inserem ou possam definir permitem ao seu conceito uma variedade de possibilidades e definições.

O conceito de documento pela Ciência da Informação é construído por significações quanto ao objeto que o forma; por trás dos seus significados, há uma construção histórica, que permeia de ações de mediações e interpretações de usuários e teóricos. Contudo, o documento, ainda assim, é um objeto de informação, cujo objetivo é informar, registrar e memorizar fatos e acontecimentos.

Após a apresentação das 22 figuras (conteúdos ficcionais) e dos Quadros 4, 5 e 6 com as sínteses e as explanações dos conceitos de Documento, torna-se viável a compreensão e a construção de um *corpus* representativo para análise documental.

A seguir, se dará a terceira etapa: o **tratamento dos dados**, a verificação e comparação das informações expostas para formular uma síntese e chegar no objetivo pretendido.

Baseando-se nas definições de todos os conceitos apresentados no contexto desse estudo como parte da estrutura de aplicação do método escolhido, criamos, então, uma síntese sobre a averiguação das características do documento e o categorizando em suporte físico, digital e eletrônico.

No Quadro 7, nos apêndices, foram criadas três categorias e em cada uma dessas, foram mencionados os teóricos referentes a cada categorização,

utilizando o critério de aproximações e relações significativas, e por meio dos quadros anteriores apresentados. Esse critério possibilitou realizar a comparação entre as informações expostas, a fim de, criar uma categorização para o tratamento da interpretação dos demais dados que serão verificados para se chegar no resultado.

O Quadro 7 (apêndices), com a temática documento na cultura da convergência, foi dividido em 03 categorias: *suporte físico*, *digital* e *eletrônico*. Essas categorias foram escolhidas por apresentação das características do documento no *corpus* teórico construído nesta pesquisa, relacionando o documento quanto ao suporte, acesso e transmissão.

O agrupamento da dimensão conceitual do documento foi dado pelo quadro teórico das referências dos diferentes autores representados, realizando a síntese de cada quadro no processo de verificação e comparação, tornando possível, a princípio, o entendimento do conceito de documento em cada categoria e suas características, por fim para se obter uma síntese geral, como está no Quadro 8, nos apêndices.

No Quadro 8 (apêndices), foi possível extrair as características do documento em cada categoria, assim, formulando a sua síntese geral. E após, extrair e organizar os conteúdos narrativos ficcionais, no Quadro 9, a seguir, descrevemos suas características.

QUADRO 9 – Produção Fanfic: características

Produção Fanfic	Características
Suporte (formato)	Físico e/ou Eletrônico
Divulgação	Eletrônico (<i>on-line</i> ou <i>off-line</i>) e/ou digital
Acesso	Livre
Conteúdo	Informação registrada
Fonte de registro	Primária
Classificação etária	Dependerá de cada conteúdo
Tipologia textual	Narrativa
Gênero textual	Ficção (ação, suspense, comédia, humor, romance, drama, tragédia, entre outros).
Elementos	• Narrador • Enredo • Espaço • Tempo • Personagens: centrais ou principais (protagonista ou antagonista); periféricos ou coadjuvantes.
Objetivo	• Da continuidade a uma história, criando novos enredos e personagens, possibilitando sua continuidade e geralmente sem desfecho. • Informar; entreter; divertir. • Criar; produzir; elucidar; explicar; inventar.
Autenticidade	São proibidas a reprodução, adaptação, modificação ou utilização do conteúdo, de forma parcial ou integral, sem a autorização prévia e expressa do autor do texto. A violação dos direitos autorais caracteriza-se como crime incurso no art. 184 do Código Penal, assim como nos arts. 105 e 108 da Lei 9.610, de 19/02/1998 (NYAH! FANFICITION, 2021). Assim, o autor do conteúdo será o único responsabilizado pela informação divulgada.
Confiabilidade	Depende o contexto que a relaciona, pois, são narrativas ficcionais cujo o objetivo é narrar e descrever acontecimentos fictícios, textuais e imagéticos por meio de ações interpretativas do autor.
Representação	Temática e descritiva sobre momentos, acontecimentos, fatos e personagens irreais.
Fonte do conteúdo	Disponível em: https://fanfiction.com.br/
Categorias	Animes / Mangás; Bandas / Cantores; Cartoons; Filmes; Histórias originais; Jogos; Livros; Nyah!; Poesias; Quadrinhos Seriados / Novelas / Doramas.
Assunto	Diversos A – Z
Gênero	Diversos A – Z
Autor	Identificado ao final de cada história.
Notas da história	Nota explicativa, geralmente descrevem o motivo pelo qual a narrativa surgiu ou sobre os personagens.

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

No Quadro 9, foi possível identificarmos e expormos as características documentais das produções de conteúdos narrativos ficcionais, para que possamos verifica-los e realizarmos o tratamento dos dados.

Para o tratamento dos dados, foram comparados todos os Quadros anteriores, a fim de, rever todos os conceitos e definições selecionadas e

descritas com base na literatura.

A seguir, sob o tratamento dos dados, realizamos a verificação, comparação e síntese da produção *fanfic*. Foram destacados aspectos e ações que são características, tanto do documento, quanto da *fanfic*, dessa forma, tornando possível realizar a comparação para chegarmos ao objetivo proposto.

A comparação e Síntese: *fanfic* e documento, quanto as características de ambos, consideramos o seu suporte (formato): físico e/ou eletrônico; Registro: conteúdo, informação registrada / registro de informação; Fonte: fonte de registro, primário ou secundário; Significado: Objetivo: da continuidade a uma história, criando novos enredos e personagens, possibilitando sua continuidade e geralmente sem desfecho, informar, entreter, divertir, criar, produzir, elucidar, explicar, inventar; Ação (efeito): confiabilidade dependendo do contexto que a relaciona, pois, são narrativas ficcionais cujo o objetivo é narrar e descrever acontecimentos fictícios, textuais e imagéticos por meio de ações interpretativas do autor; e acesso: meio de divulgação eletrônico (*on-line* ou *off-line*) e/ou Digital.

Em síntese, a narrativa ficcional ou *fanfic* como também é conhecida, têm suas características, formas e descrições. É formada por um enredo ficcional e constituída por um conjunto de registros de informações, representadas por palavras e imagens (signos representativos) que podem ser interpretado e compreendido de diversas maneiras e formas (ação interpretativa) tanto pelo autor, quanto pelo leitor, dependendo também do seu formato e suporte, este, podendo ser físico (livro, gibis, revistas) ou mesmo um suporte eletrônico (*tablet*, *smartphone*, tv, entre outros), com transmissão *on-line* ou mesmo *off-line*, ou digital.

O autor de uma *fanfic* ao descrevê-la, pode por tanto, ter uma ideia fictícia original, àquela criada da sua imaginação (desejo de informar) ou se baseia de uma história existente (consequência de um ato), assim, dando continuidade a mesma, mas com enredos diferentes. Produzindo e criando o conteúdo por uma fonte primária ou mesmo a sua fonte criação (imaginação) pode ser uma fonte primaria, mesmo está sendo de pensamentos ficcionais.

Em comparação e análise amparada pela literatura compreendemos que as narrativas ficcionais extraídas do site Nyah! Fanfiction como *corpus* desta, apresentam características significativas equivalente ao documento.

Após dado início as etapas da análise documental: *pré-análise*,

organização do material e tratamento dos dados, a seguir será realizado a *interpretação* e a sínteses dos mesmos, os quais serão expostos e discutidos na subseção de Discussões e Interpretação dos Resultados.

4.2 Discussão e Interpretação dos Resultados

A fim de apresentar o documento na cultura da convergência, está subseção apresentará as discussões dos resultados.

Todo o processo se dará conforme os conteúdos extraídos, selecionados e analisados pelo método da *Análise Documental*. Nesse sentido, primeiro serão apresentados os dados coletados e analisados, os resultados e, posteriormente, as discussões.

A pesquisa teve início por meio do levantamento bibliográfico, que utilizou bases de dados nacionais e internacionais no campo de Comunicação & Informação. Foram selecionados artigos sobre cultura da convergência, documento, documentação, Ciência da Informação e áreas afins, construindo o *corpus* teórico desta pesquisa.

Após levantamento bibliográfico, leituras, seleção, fichamentos e escrita, ocorreu a seleção e a organização dos termos escolhidos para, posteriormente, dar início à realização da análise documentos produzidos na cultura da convergência.

O procedimento iniciou na apresentação do Quadro 2, demonstrando a estrutura da aplicação da análise, que, por meio do *corpus* desta pesquisa, estabeleceu a definição dos objetos para organização do material e interpretação dos dados, gerando um conjunto de informações que tornou possível o tratamento, a análise e síntese dos mesmos.

Após a realização de leitura, análise e preparação e organização dos materiais, foram extraídos, no total, 22 conteúdos (figuras 6 a 27), que representam as narrativas ficcionais e correspondem ao segmento da produção de conteúdo na cultura da convergência.

Essas narrativas em contexto, a princípio, se constituíram pelo *corpus* documental, posteriormente, foram utilizadas para serem comparadas, as quais forneceram importantes definições como subsídio para o resultado. Essas narrativas citadas foram, por meio de organização e tratamento, apresentadas

em figuras - 6 a 27, a sua estruturação de origem, figuras – 1 a 5, sendo: categorias; organização dos assuntos; listagem de gêneros; ficha temática e notas de história, todas definidas pelo site Nyah! Fanfiction e alinhadas sob o referencial teórico deste estudo.

No Quadro 2, foi apresentado a estrutura da aplicação da análise em questão, sobre a primeira fase, pré-análise, onde ocorreram leituras, identificação dos materiais selecionados, das categorias, dos assuntos que passaram por um processo de estruturação e preparação que foi proposto e mencionado.

A organização do material, foi elaborada e apresentada no Quadro 3. Nos Quadros 4, 5 e 6 foi apresentada a sínteses dos conteúdos sobre documentos, documento e Documentação e documento e informação, com base nas fontes dos autores citados.

A fim de discutimos sobre o documento, retornaremos os seus conceitos e definições, mencionamos a NBR ISO 9001:2015, que por uma perspectiva administrativa, define o documento como “um conjunto de leis, procedimentos, instruções e normas que estabelecem diretrizes e regras para ações de planejamentos que direciona o futuro de uma instituição”. Nesse sentido, podemos observar que o documento é materializado e mantido sob um valor institucional, caracterizado como documento de leis e normas.

O documento é um objeto com valor, atribuído por sujeitos com alguma autoridade, seja reconhecida por outrem (sujeitos agindo em nome de alguma institucionalidade), ou por algum indivíduo que crê na própria autoridade. Em ambos os casos, há a seleção de algum objeto a partir da atribuição de sentido (validação da informação) pelo indivíduo inserido em alguma coletividade, em cuja institucionalidade pode atingir maior ou menor força de representação social em agrupamentos como família, colecionadores, associações, comunidades epistêmicas, dentre outros (RABELLO, 2018, p. 148-149).

Além do mais, tendo em vista os seus aspectos, de outras formas, também podemos considerar que “documento é um suporte de uma certa matéria e dimensão (...) em que se incluem signos representativos de certos dados intelectuais” (OTLET, 1996, p. 43). Dessa forma, o “documento quanto signo “é uma construção, uma leitura do real sob determinada perspectiva” (ORTEGA, 2016, p. 49).

Contudo, o documento, ao representar, pode ser segmentado em conceito, como, por exemplo, “o antílope catalogado é um documento primário e os demais são documentos secundários ou derivados” (BRIET, 2016, p. 2).

Os documentos primários são originais, baseados em pesquisas ou criação de um autor, por exemplo, artigos, jornais, revistas, livros, entre outros, materiais prontos para serem utilizados para documentos posteriores, gerando os documentos secundários. Os documentos secundários são representações de informações reproduzidas de fontes primárias, exemplos, traduções e bibliografias; já os documentos terciários, os autores descrevem como documentos recapitulativos, como os manuais e tratados (SANTOS; RIBEIRO, 2003).

Segundo Valente (1978, p. 178) consideramos documento em seu sentido amplo, como elemento resultante de componente, ou componentes, que lhe deram lugar. Esses componentes considerados, e de que se derivaram, podemos enunciar como causas de que resultam em efeitos, os quais se objetivam nisso que apelidamos dessa maneira. Não é difícil entender que um documento, tomado em lato sentido ou sentido restrito, é sempre consequência de um ato, acontecido ou fato.

Nesse sentido, também de forma ampla, trazemos o conceito de documento por Santos e Ribeiro (2003, p. 87), visto esse como “suporte material onde se registra informação” e sendo essa um “registro de uma informação independente da natureza do suporte que contém”, afirmando que “é qualquer base de conhecimento fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudo, prova ou pesquisar”. Os registros são anotações de um fato, que hoje servem como evidências de uma prova, por exemplo, como os certificados, notas fiscais, atas de reunião realizada, entre outros (NBR ISO 9001:2015).

Do mesmo modo, o documento “é normalmente usados para denotar textos ou, mais exatamente, objetos textuais” (BUCKLAND, 1991, p. 5). Nesse sentido, o documento também é “transmissão ou transferência de mensagens de um ponto a outro, de uma fonte a um destinatário, ou a grupo de destinatário” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 129).

Contudo, “todo o documento que utilize eletrônica na produção e reprodução de seu conteúdo, às vezes mesmo os próprios suportes utilizados

também são componentes eletrônicos” (BODÊ, 2016, p. 8) é considerado documento eletrônico. Em outras palavras, Neiva (2013, p. 164) menciona que qualquer escrito para esclarecer alguma coisa, ou atestado que sirva de prova ou testemunho, armazenado ou transmitido sob forma de programação informatizada ou outro veículo de registro eletrônico é, portanto, documento eletrônico.

Por outro lado, segundo Bôde (2016, p. 9), se o documento em sua construção é equivalente a uma sequência de códigos binários registrados em algum tipo de tecnologia de memória, organizado de acordo com determinado formato de arquivo computacional e mensurado através da quantidade de *bytes* total desse arquivo, é considerado digital. Além disso, dependendo do tipo de conteúdo, haverá outras características específicas, como a representação de cores, som ou texto. A interpretação dos seus códigos ocorre através de sistemas computacionais de *software* e *hardware*.

Após explanação sobre o documento, seus conceitos e definições sob diferentes contextos e teóricos, tomamos entendimento para compreendermos como procedeu o processo de verificação e comparação das narrativas para sua compreensão ao conceito de documento para a Ciência da Informação.

Seguindo as etapas descritas, foi aplicada a terceira etapa, o tratamento dos dados; nos Quadros 7, 8, 9 e 10, por meio da categorização do documento, características, associação, verificação, compreensão e síntese, por fim, obter o resultado.

No Quadro 7, com a temática *Documento: categoria e síntese*, foram extraídos 3 termos: Documento Físico; Documento Eletrônico e Documento Digital, esses, escolhidos por evidência de associação ao tema e contexto desse estudo. Após, definidos e apresentados os conceitos das categorias sob os teóricos, foi realizada a síntese a exposição de cada categoria. As relações entre cada categoria para o resultado esperado, que aqui serão expostas e discutidas.

Segundo Neiva (2013) descreve a categoria *Suporte Físico*:

Base física (de qualquer material, como papel, plástico, madeira, tecido, filme, fita magnética etc.) na qual se registra informações impressas, manuscritas, fotografadas, gravadas etc. 2. INF. Num computador, material (disco, *pendrive*, fita magnética etc.) destinado a receber a informação (NEIVA, 2013, p. 526).

O documento enquanto suporte é uma base física que pode apresentar diferentes características, aspectos e entendimentos, dependendo do seu conteúdo e contexto onde se insere e ao valor que lhe agrega. Então, para conceituar o documento na cultura da convergência, primeiro realizamos, por meio de verificação e seleção, o destaque de alguns conceitos de documento pela visão de teóricos que vêm se debruçando sobre o tema.

Observamos que, mesmo entre esses distintos conceitos, há uma convergência entre eles, os seus aspectos e as suas características, quanto ao registro como informação documentada sobre ele e ao suporte de base física, vindo a ser o objeto material do documento. Por essas relações, tornou-se possível a sua compreensão.

Em síntese e por meio do *corpus* analisado, conclui-se que a categoria Documento enquanto *Suporte Físico* é um objeto que contém informação registrada, cujo acesso e manuseio se dá por meio de todo e qualquer tipo de suporte físico, palpável e visível a olho nu. Exemplos são documentos de identidade, certidões, entre outros.

Neiva (2013) descreve a categoria *Digital*:

Relativo a dados ou em analogia com eles. 2. Relativo a dígito (algarismo). 3. INF. Que assume unicamente valores inteiros (diz-se de grandeza). 4. INF. Que trabalha exclusivamente com valores binários (diz-se dispositivo) (NEIVA, 2013, p. 160).

Observamos que nas relações entre os termos Documento, mencionados pelo teórico Bodê (2016, p. 9), na síntese do termo apresentado pelo teórico, conclui-se que sob a categoria *Documento Digital* um objeto que contém informação registrada cujo seu acesso e manuseio se dá por meio de todo e qualquer tipo de suporte que contenha algum tipo de sistema ou *software* para a disponibilização da informação.

Neiva (2013) descreve a categoria *Eletrônico*:

Qualquer escrito us. para esclarecer alguma coisa, ou atestado que sirva de prova ou testemunho, armazenado ou transmitido sob forma programação informatizada ou outro veículo de registro eletrônico. Cf. assinatura digital” (NEIVA, 2013, p. 164).

Após a apresentação e descrição das categorias, torna-se possível uma interpretação sobre o objeto documento, podendo ser um suporte físico, papel ou qualquer outro material, capaz de ser compreendido e reproduzido segundo a interpretação de cada usuário de informação.

Por meio da literatura da área, também foi possível identificar os usuários e os produtores de informação na cultura da convergência, sendo esses homens e mulheres, ambos – crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos – de diferentes faixas etárias de idades. O emissor e que se torna receptor, ou seja, alguém que além de consumir, também produz conteúdos, não irá apenas interpretar mensagens das mídias referentes apenas os códigos culturais, mas, também, *reconstruir* essas mensagens e jogá-las novamente para o espaço público, por meio das vias digitais (MARTINO, 2015, p. 37).

No Quadro 8, com a temática *Documento: características e síntese geral*, foram extraídas as principais características de cada categoria e sobre essas, realizado uma síntese geral.

No Quadro 9, com a temática *Produção Fanfic: características*, foram expostas as principais características e pontos dessa produção, tais como: suporte (formato); divulgação (meio); acesso; conteúdo; fonte (registro e conteúdo); classificação etária; tipologia textual; gênero textual; elementos; objetivo; autenticidade; confiabilidade; representação; categoria, assunto, gênero; autor e notas da história. Todos esses itens, foram extraídos para entendermos os pontos e características de uma narrativa ficcional no contexto de evidência e associação ao documento, pois, há semelhanças na noção sobre o mesmo na Ciência da Informação.

Assim como ocorreu nos Quadros 7, 8 e 9, *Análise e síntese: fanfic e documento*, também foi utilizado o mesmo critério de associação por evidência, desse modo, na fase final do tratamento dos dados, foram consideradas todas as comparações realizadas nos quadros anteriores, levando em consideração as principais características da narrativa ficcional com as do documento, sob literatura. Desse modo, foram extraídas 7 características, tais como: suporte (formato): físico e/ou eletrônico; registro: conteúdo (informação registrada / registro de informação); Fonte (primária); Significado: objetivo (da continuidade a uma história, criando novos enredos e personagens, possibilitando sua continuidade e geralmente sem desfecho. Informar, entreter, divertir, criar,

produzir, elucidar, explicar e inventar); Ação: confiabilidade (depende o contexto que a relaciona, pois, são narrativas ficcionais cujo o objetivo é narrar e descrever acontecimentos fictícios, textuais e imagéticos por meio de ações interpretativas do autor); Ato de informar: objetivo (idem); Acesso: divulgação (eletrônico - *on-line* ou *off-line* e/ou digital).

Após a extração, associação e explicação dos termos mencionados, foi possível o seu entendimento em relação ao documento.

Neste sentido, a narrativa ficcional ou *fanfic* como também é conhecida, têm suas características, formas e descrições. É formada por um enredo ficcional e constituída por um conjunto de registros de informações, representadas por palavras e imagens (signos representativos) que podem ser interpretado e compreendido de diversas maneiras e formas (ação interpretativa) tanto pelo autor, quanto pelo leitor, dependendo também do seu formato e suporte, esse, podendo ser físico (livro, gibis, revistas) ou mesmo um suporte eletrônico (*tablet*, *smartphone*, tv, entre outros), com transmissão *on-line* ou mesmo *off-line*, ou digital. O autor de uma *fanfic* ao descrevê-la, pode por tanto, ter uma ideia fictícia original, àquela criada da sua imaginação (desejo de informar) ou se baseia de uma história existente (consequência de um ato), assim, dando continuidade a mesma, mas com enredos diferentes. Produzindo e criando o conteúdo por uma fonte primária ou mesmo a sua fonte criação (imaginação) pode ser uma fonte primária, mesmo está sendo de pensamentos ficcionais. Nesse sentido, consideradas documentos para área, essas narrativas, produzem, disseminam e medeiam a informação.

Em comparação e averiguação sob a literatura, compreendemos que as narrativas ficcionais extraídas do site Nyah! Fanfiction que se contextualizam na cultura da convergência, apresentam características significativas equivalente ao documento, portanto, podendo ser consideradas na Ciência da Informação.

As práticas narrativas de coexistência dos conteúdos gerados nessa cultura, são de inúmeras temáticas em diferentes suportes, com diversos formatos e gêneros, desde músicas, poemas, filmes (curtas), contos, *sites*, jogos, *trailers*, *blogs*, narrativas ficcionais (*fanfictions*), entre muitas outras produções, dentre as expostas e apresentadas neste estudo.

Para entendermos essa produção, temos como exemplo, as atividades realizadas pelo usuário de informação (emissor-receptor), se desenvolvem em

redes, em produções de conteúdos, discussões, troca de ideias e o entusiasmo sobre a prática de algo que gostam, geralmente, em encontros, eventos, reuniões que reúnem fãs de filmes ou séries de TV, por exemplo; nesses eventos, costumam demonstrar, de formas criativas, diferentes processos de criação, dificilmente imaginados pelas empresas de comunicação, pois, em uma cultura da convergência, “não só as divisões entre formas de produção e recepção da cultura mudam, mas a própria maneira de contar histórias encontra outros caminhos” (MARTINO, 2015, p. 37).

Toda essa produção de conteúdos faz com que haja uma maior interação entre os envolvidos, os consumidores e as mídias; além do mais, despertam a criatividade e destacam a imaginação dos fãs ou adeptos dessas práticas de interação midiática, criando novas narrativas, a fim de contar outras histórias e inovar os enredos propostos pelos autores das tramas originais.

Levando em consideração as práticas de produção de informação na cultura da convergência, decorrentes da interação de diferentes tipos de usuários, ativamente conectados por diferentes meios tecnológicos, e colaborando para uma produção massiva de conteúdos midiáticos, os quais contribuem para uma hibridização documental, ou seja, a criação de novos conteúdos informacionais os quais também, podemos considerá-los documentos.

Tendo em vista a produção de conteúdos mencionados, produzidos na cultura da convergência, e a literatura apresentada para alcançar o objetivo desta pesquisa, reforçamos, nos Quadros 4, 5, 6 e 7, os conceitos de documento e o contextualizamos quanto à sua ordem e origem.

Nesse entendimento, o documento também pode ser baseado por meio de algo existente, assim, tornando possível pensar no mesmo no contexto das *fanfic*. E, no sentido de já ter enredo como embasamento, pois “o documento não é mais caracterizado pelo seu suporte, mas pela sua condição de registro que garante a permanência no tempo, e que pode estar em qualquer lugar, e acessado por qualquer pessoa [...]” (BRIET, 1951, p.26). Dessa forma, consideramos a indicialidade do documento pela perspectiva de Briet sob um viés da representação descritiva e/ou temática. Essa indicialidade, refere-se aos documentos como signos indiciais simbólicos ou concretos com fins de representação.

Assim, as narrativas ficcionais baseadas em contextos midiáticos ou não, podem ser consideradas documentos por sua característica ao mesmo e, no que se refere ao contexto de produção na cultura da convergência, independente do olhar que se pode ter sobre essas e por outras perspectivas, as mesmas mantêm-se no seu objetivos, nesse caso, sob o intuito de que a produz e a desenvolve.

Embora, para Otlet, o “documento é um suporte de uma certa matéria e dimensão [...] em que se incluem signos representativos de certos dados intelectuais” (OTLET, 1996, p. 43).

Portanto, levamos em consideração o conteúdo que nele se insere, seja por signos representativos ou registros de informação. O documento enquanto signo “é uma construção, uma leitura do real sob determinada perspectiva” (ORTEGA, 2016, p. 49). Quanto ao registro de informação o documento é considerado e “[...] normalmente usados para denotar textos ou, mais exatamente, objetos textuais” (BUCKLAND, 1991, p. 5).

Sob os conceitos destacados sobre o documento, compartilhamos do pensamento de Rabello, acreditamos que “o documento é, portanto, o fruto de uma ação interpretativa (subjetiva) de um sujeito que vive em sociedade e que recebe sua influência passiva e ativamente a um só tempo” (RABELLO, 2011, p. 141).

Com o tempo e o advento das tecnologias, os documentos foram se constituindo por diferentes tipos de suportes, formatos e gêneros. Na cultura da convergência, há uma variedade de informação, decorrente das práticas de construção de conteúdos, principalmente os ficcionais, tornando possível a hibridização do documento, que sofre por constantes mudanças e alterações quanto ao seu suporte de armazenamento, suas características de formato (físico ou não) e o seu gênero (analógico ou digital), se considerarmos ao documento eletrônico.

Todas essas práticas de informação oferecem diversas funcionalidades, permitindo aos indivíduos novas experiências no seu papel de usuário e estimulando a sua compreensão no entendimento de outros temas e assuntos.

Nesse sentido, por meio das verificações, comparações e interpretações acerca do documento apresentadas, chegamos ao entendimento de que esse, na cultura da convergência, é entendido por toda informação registrada contida em qualquer tipo de suporte, em um meio eletrônico ou não, transmitido ou não

de forma analógica ou digital.

O documento, tendo por objetivo informar, como é considerado em vários campos e áreas do conhecimento, é um fator importante de construção e memória da informação na sociedade. Assim, também passa a ser considerado na cultura da convergência por este estudo, além de ser um meio de comunicação que “[...] é capaz não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais” (SANTAELLA, 2003, p.13), ambientes esses, que, de alguma forma, são influenciados socialmente e culturalmente pelos produtores e consumidores de informação e pela forma como os produtos são consumidos, disseminados e reproduzidos, tendo como resultado fatores que retornam para sociedade, reflexo das ações e do comportamento humano.

Nesse entendimento, o documento como um instrumento de informação que contém e armazena dados e registros, assim pode ser considerado em suas diferentes categorias e contextos.

O documento, assim como pode ser considerado na cultura da convergência, são as narrativas que têm como produto final o conjunto de informações, cujo objetivo é informar, seja por meio de midiático ou outros meios de acesso e disseminação, sendo possível a sua produção e disseminação, como podemos comparar aos documentos primários, esse, é todo ou qualquer suporte físico, digital ou eletrônico que contém informação registrada, está que seja ou não, por meio de um sistema qualquer ou software, e que este esteja ou não, on-line ou off-line, ainda assim, poderá ser comparado e/ou considerado documento.

Após todo o processo metodológico, alcançamos o objetivo geral, abordando reflexões sobre as práticas narrativas de conteúdos ficcionais gerados na cultura da convergência, a identificação e as características dos produtores e também dos consumidores de informação nessa cultura, tornando possível a comparação acerca do documento na cultura da convergência com a concepção de documento presente na Ciência da Informação e, dessa forma, contribuindo para novos estudos, a fim de propor contribuições para a área.

Por fim, na seção a seguir, serão descritas as considerações finais deste estudo, para apresentar as contribuições e conclusões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura da convergência vai muito além da interação entre diferentes tipos de suportes, dispositivos (eletrônicos e digitais) e mídias, os quais fornecem informações e permitem a troca de conteúdos entre eles. Ela descreve o comportamento dos usuários de informação com conteúdos midiáticos em constante convergência, dessa forma, ocorrendo uma convergência cultural.

A convergência cultural ocorre a partir da interação entre os indivíduos que, ao compartilharem informações, contribuem para a formação e o desenvolvimento das redes. O estudo da convergência das mídias não tem a ver somente com mudanças tecnológicas, mas, sobretudo, com as mudanças antropológicas e sociais, as quais, como mencionado, condizem com o comportamento humano e suas relações com as mídias.

Entender as relações entre indivíduos e mídias é também compreender os processos que influenciam no consumo e na produção de informação, tendo em vista que os novos modos de produção, circulação e consumo de conteúdos, sobretudo, corroboram para a produção de conhecimento.

Sobre esses conteúdos, este estudo propôs entendê-los, a fim de compará-los e conceituá-los quanto ao documento, tendo em vista apresentar um conceito de documento na cultura da convergência. Nesse sentido, é válido pensarmos como novas documentalidades em diferentes formatos e meios e, sendo os novos modos de registro de informação e conhecimento. Podemos considerar, como as novas documentalidades, as produções de informações em formatos e meios não convencionais aos descritos na literatura, exemplos dessas, as próprias *fanfictions*, pois, são narrativas, conteúdos com informação e descrição histórica e características documentais, assim como, também existem diversos outros conteúdos informacionais que podem se encaixar nesse novo formato documental não convencional, se assim, podemos dizer.

Até o presente momento, este estudo propôs apresentar esse conceito sob uma averiguação teórica e documental. Nesse sentido, propondo estudar e entender sobre o conceito que se dá ao documento nessa cultura, buscamos, então, nas bases teóricas sobre o tema documento, importantes teóricos, desde Paul Otlet, Suzanne Briet, entre outros que discutem sobre a temática, seja por diferentes vieses ideológicos e sociais, abordando práticas, teorias e conceitos,

para, assim, realizar a investigação que fosse possível trazer reflexões que levassem ao entendimento de uma nova abordagem e conceito do documento.

Desse modo, ao verificarmos e interpretarmos os conceitos e as definições de documento pelo *corpus* teórico apresentado, chegamos ao resultado de que se pode considerar as narrativas construídas na cultura da convergência de documentos, pois suas variedades de conteúdos fornecem e transmitem informações em diferentes tipos de suportes e mídias, possibilitando o registro de informações e o armazenamento de dados.

Na cultura da convergência, o documento é a construção das narrativas, que tem como produto final o conjunto de informações, cujo objetivo é informar, seja por meio midiático, ou outros meios de acesso e disseminação.

Ao descrever a cultura da convergência, este estudo mencionou os usuários de informação em um universo midiático. Estudar a cultura da convergência e o documento é investigar os seus conceitos e práticas, partindo dos objetivos específicos, traçados para seguir o percurso metodológico deste estudo, almejando o objetivo geral.

Nesse sentido, é importante considerarmos que as narrativas construídas na cultura da convergência, oriundas de contextos originais, são consideradas documentos para a Ciência da Informação, assim como propõe entender esta pesquisa. Por sua vez, esses documentos se assemelham aos documentos secundários, conforme descreve Briet, pois são registros derivados de outros documentos (originais) já existentes, considerados primários e, por meio desses, sendo possível a sua produção, formando o documento secundário, assim como comparamos as narrativas na cultura da convergência. Tal ideia de documento primário e secundário também é abordada pelos autores Santos e Ribeiro, ao descreverem os documentos primários como originais e os documentos posteriores, secundários. Além do mais, os autores também abordam sobre os documentos terciários, mencionados como documentos recapitulativos, tendo essa ideia como noção para se comparar e entender a produção de conteúdo na cultura da convergência ao documento por Briet.

Esta pesquisa, mediante seus objetivos, limitou-se em estudar e entender o contexto da produção de conteúdo na cultura da convergência, a fim de apresentar a concepção de documento nessa cultura.

Dessa forma, que os resultados apresentados possam contribuir para o

entendimento das produções de conteúdos na cultura da convergência e o seu contexto, sobretudo, que fomentem novas investigações para contribuição de pesquisas e estudos na Ciência da Informação, visto que, esta ciência estuda os aspectos da informação e o comportamento informacional, desse modo, o conceito de documento não caberia somente ficar no molde positivista, ou seja, pelos conhecimentos científicos, pois, ao tratar sobre a diversidade da informação e o advento das tecnologias, o seu conceito não ficaria restrito a exemplos de conceitos tradicionais.

Contudo, pensando em novas pesquisas futuras, nessa perspectiva, caberia refletir sobre os dilemas pós-modernos na cultura da convergência e, se cada um pode criar a sua narrativa, seria então importante, nesse caso, refletirmos sobre a veracidade da mesma. Nesse sentido, por meio dessa indagação este estudo, deixa essa problemática para averiguação na possibilidade da construção de pesquisas futuras.

Concluimos que o presente estudo propiciou evidenciar questões da atualidade sob a perspectiva da produção de conteúdos nos meios midiáticos, dessa forma, buscando manter a discussão da temática pelo viés científico sobre questões tradicionais e inovadoras acerca do documento.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **ABNT NBR ISO 9001:2015** - Sistemas de gestão da qualidade – Requisitos. Rio de Janeiro: ABNT-BR, 2015.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARROS, José D'Assunção. Os Annales e a história-problema – considerações sobre a importância da noção de “história-problema” para a identidade da Escola dos Annales. **História: Debates e Tendências**, v. 12, n. 2, p. 305-325, 2012.

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. 3. ed. São Paulo: SUMMUS, 1986.

BLANQUET, Marie-France. La fonction documentaire: etude dans une perspective historique. **Documentaliste – Sciences de l'information**, v. 30, n. 4-5, p. 199-204, 1993.

BODÊ, Ernesto. Documento digital e preservação digital: algumas considerações conceituais. **RICI: Revista Ibero-americana Ciência Informação**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 503-516, jul./dez. 2016.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação - **BRAPCI**. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/>. Acesso em: 12 Set. 2020.

BRIET, Suzanne; **O que é a documentação**. Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado: Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 2016.

BRUSAMOLIN, V.; SUAIDEN, E. J. **Aprendizagem organizacional: o impacto das narrativas**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016. E-Book. ISBN 978-85-8192-92-2. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=jiA0DwAAQBAJ&pg=PT85&lpg=PT85&dq=Tarapanoff+\(2006\)+conhecimento+comunicado&source=bl&ots=uincZEI5nl&sig=ACfU3U2WJc80P3qDy9tA1bz-recjHyCjaw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj_sJyp7sPqAhWxlbkGHRmOBVEQ6AEwAXoECAoQAQ#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=jiA0DwAAQBAJ&pg=PT85&lpg=PT85&dq=Tarapanoff+(2006)+conhecimento+comunicado&source=bl&ots=uincZEI5nl&sig=ACfU3U2WJc80P3qDy9tA1bz-recjHyCjaw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj_sJyp7sPqAhWxlbkGHRmOBVEQ6AEwAXoECAoQAQ#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 10 Jun. 2020.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 5, n. 5, p. 351-360, 1991.

BUCKLAND, M. K. O que é um "documento"? **Journal of the American Society of Information Science**, v. 48, n. 9, p. 1- 8, 1997.

BUCKLAND, M. K. What is a document? **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v.48, n.9, p. 804-809, Sept. 1997.

BUCKLAND, M. K. What is a document? **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 48, n. 9, p. 804-809, 1997. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

BUCKLAND, M. K. Entrevista: Michael Buckland. **InCID: R. Ci. Inf. Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 230-242, jan./jun. 2011.

CANNITO, Newton. **A Televisão digital**: interatividade, convergência e novos modelos de negócios. São Paulo: Summus, 2010.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan. /Abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54>. Acesso em: 08 fev. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. "Internet e sociedade em rede". In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CAVALHEIRO, Marcos Ulisses; Santos, Cibele Araújo Camargo Marques dos. Documento e informação na Ciência da Informação: um recorte arquivístico. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1201. Acesso em: 10 jun. 2020.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira. O legado de Suzanne Briet: vida e obra além da documentação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. esp. Naudé & Briet, jul., 2018.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DAY, Ronald E. Totality and representation: a history of knowledge management through European documentation, critical modernit, and post-Fordism. **Journal of American Society for Information Science**, v. 52, n. 9, p. 724-735, 2001. Disponível em: <http://www.lisp.wayne.edu/ai2398/kmasis.htm>. Acesso em: 22 jan. 2020.

DAY, R. Poststructuralism and information studies. **Annual Review of Information Science Social and Technology (ARIST)**, v. 39, p. 575-609, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FAYET-SCRIBE, Sylvie. **Historie de la documentation em France: culture, Science et technologie de l'information, 1895-1937**. Paris: CNRS, 2001.

FAYET-SCRIBE, Sylvie. Você conhece Suzanne Briet? **RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, ISSN 1983-5213, Brasília, v. 11, n. 3, p. 805-815, set. /Dez. 2018.

FERREIRA, M. **Introdução a preservação digital: conceitos, estratégias e atuais consensos**. Guimarães, Portugal: Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2006. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5820/1/livro.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FIGUEIREDO, Camila Augusta Pires de. Narrativa transmídia: modos de narrar e tipos de histórias. **Letras**. Santa Maria, v. 26, n. 53, p. 45-64, jul. /dez. 2016.

FINGER, Cristiane. Crossmedia e Transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 121-132, jul. /dez. 2012.

FERRANDO, T. L.; FREITAS, L. S. Documento e dispositivo: entre bernd frohmann e michel foucault. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105326>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FRAYSSE, P. Document. In: GARDIÈS, C. (Dir.). *Approche de l'information-documentation: concepts fondateurs*. Toulouse: Cepaduès, 2011. p. 36-73.

FROHMANN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory. **Journal of Documentation**, v. 46, n. 2, jun. 1990.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação na contemporaneidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA

DA INFORMAÇÃO, 7, 19 a 22 nov. 2006, Marília. **Anais...** Marília: ANCIB; UNESP, 2006. s.p.

FROHMANN, Bernd. O caráter Social, Material e Público da Informação. In: FUJITA MARIÁNGELA S.L.; MARTELETO, R.; LARA, M.L.G. (Org.). **A Dimensão Epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces Técnicas, Políticas e Institucionais nos Processos de Produção, Acesso e Disseminação da Informação**. São Paulo, Cultura Acadêmica Editora; Marília: Fundepe Editora, p. 19-34, 2008.

FROHMANN, Bernd. Revisiting “what is a document?” **Journal of Documentation**, v. 65, n. 2, p. 291-303, 2009.

FROHMANN, B. Reference, representation, and the materiality of documents. In: COLÓQUIO CIENTÍFICO INTERNACIONAL DA REDE MUSSI, 2, 2011. **Anais...** Toulouse: Université de Toulouse 3, 2011. p. 55-68.

FROHMANN, B. Documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) Filosofia da Informação. Morpheus: **Revista eletrônica em ciências humanas**. Ano 9, n. 14, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GARSON, Marcelo. O conceito de convergência e suas armadilhas. **Galáxia (São Paulo)**. São Paulo, n.40, jan./Apr. 2019. p. 57-70.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, T. P. D.; LARA, M. L. L. G. A noção de documento: questões para uma abordagem cosmopolítica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 3-9, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3939>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. A Documentação e o Neodocumentalismo. In: **Ciência da Informação**, Editora Alínea, 2011. cap. 2, p. 23-36.

GRIGOLETO, Maira Cristina. Informação e documentação: expressão material no patrimônio. **InCID**. Ribeirão Preto, v.3, n.1, p. 57-69, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. Pensando e repensando o documento. **RICI**. Brasília, v.10, n. 2, p. 314-331, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, H.; PURUSHOTMA, R.; WEIGEL, M.; CLINTON, K. and ROBISON, A. J. **Confronting the Challenges of Participatory Culture**: Media Education for the 21st Century. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Reports on Digital Media and Learning. 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Suzana Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORENTE, Maria José Vicentini. **Ciência da Informação: mídias e convergência de linguagens na web**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. 1. Ed. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KOBLITZ, Josef. Librarianship and documentation/information: distinctive features and common aspects. In: ***On theoretical problems in informatics, all-union institute for scientific and technical information***. Moscow: [s.n.], 1969. p. 120-142.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; ORTEGA, Cristina Dotta. Para uma abordagem contemporânea do documento na Ciência da Informação. In: CONGRESSO ISKO, 2011. Ferrol. **[ANAIS]**. A Coruña Universidade de Coruña, 2012. p. 387.

LE COADIC. Yves-François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda F.S. de Figueiras Gomes. – 2. ed. rev. e atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 10. Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LÓPEZ YEPES, José. **La documentación como disciplina. Teoría e historia**. 2. Ed. Espanha: Eunsa, 1995.

LÓPEZ YEPES, J. Hombre y documento: del homo sapiens al homo documentador. **Scire**, Zaragoza, v.4, n. 2, jul-dec., 1998.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARTINS, Elaide. **Convergência e narrativa transmídia no jornalismo: transformações nas práticas e no perfil dos profissionais**. Brazilian Journalism Research - Volume 11 - Número 2- 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do**

homem. 1. Ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEYRIAT, Jean. "Document, documentation, documentologie". **Schéma et Schématisation**, 2º trimestre, n. 14, p. 51-63, 1981.

MEYRIAT, J. Un siècle de documentation: la chose et le mot. **Documentaliste-Sciences de l'Information**, v.30, n.4-5, p. 192-198, 1993.

MÉDOLA, Ana. **Televisão digital brasileira e os novos processos de produção de conteúdos- os desafios para o comunicador**. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-Compós, Brasília- DF, v. 12, n. 3, p. 1-12, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

MOSER, Frei. **A importância dos símbolos na vida e na cultura dos povos**. Notícias, 2014. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/a-importancia-dos-simbolos-na-vida-e-na-cultura-dos-povos/>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

MOSTAFA, Solange Puntel. **A documentalidade como conceito filosófico**. In: *Ciência da Informação*, Editora Alínea, 2011. cap. 7, p. 9-21.

NASCIMENTO, Lúcia Maria Barbosa. **Análise documental e análise diplomática: perspectivas de interlocução de procedimentos**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Marília, 2009.

NEGROPONTE, N. **Vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

NYAH! FANFICTION. Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/>>. Acesso em: 20 de dez. de 2020.

OLIVEIRA, Marlene de. Documentação e Ciência da Informação. In: Beatriz Valadares Cendón... *et al.*; Marlene de Oliveira Coordenadora. **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 09 - 28.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

ORGANIZAÇÃO DA NAÇÕES UNIDAS – **ONU**. Estudo da ONU revela que mundo tem abismo digital de gênero. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693711>. Acesso em: 10 de set. 2020.

OTLET, P. **El Tratado de Documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica**. Trad. por Maria Dolores Ayuso García. Murcia: Universidad de Murcia, 1996. Tradução de: *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934. 431 p. Versão original disponível em:

https://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf. Acesso em: 03 Jan. 2020.

OTLET, P. **Documentos e Documentação**. Trad. de Hagar Espanha. Paris, 1937. In: Introdução aos trabalhos do Congresso Mundial de Documentação Universal, realizado em Paris, em 1937. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/otlet/>. Acesso em: 06 de mar. 2020.

ORTEGA, Cristina Dotta. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 59-79, 2009.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. Trabalho apresentado no **CONGRESSO ISKO-SPAIN** Valência – Espanha. 2009. P. 120-139.

ORTEGA, Cristina Dotta. O conceito de documento em abordagem bibliográfica segundo as disciplinas constituintes do campo. **InCID: R. Ci. Inf. E Doc.** Ribeirão Preto, v. 7. n. esp, p. 41-64. Ago. 2016.

ORTEGA, Cristina Dotta; SALDANHA, Gustavo Silva. A noção de documento no espaço-tempo da Ciência da Informação: críticas e pragmáticas de um conceito. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.24, número especial, p.189-203, jan. /mar. 2019.

ORTEGA, Cristina Dotta; SALDANHA, Gustavo Silva. A noção de documento desde Paul Otlet e as propostas neodocumentalistas. **XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**. Marília, 2017. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/163/1086>>. Acesso em: 03 de jan. de 2020.

PACKER, A. Os periódicos brasileiros e a comunicação da pesquisa nacional. **Revista USP**. n. 89, p. 26-61, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13868>. Acessado em 20 de jun. de 2020.

RABELLO, R. **A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação**. 2009. 331f. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009.

RABELLO, R.; A dimensão categórica do documento na Ciência da Informação. **Enc. Bibli**, v. 16, n. 31, 2011, p. 131-156.

RABELLO, R.; RODRIGUES, G. M. Prova documental: inscrições e materialidade. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, p. 1-21, 2014.

RABELLO, R. Documento e institucionalidades: dimensões epistemológicas e política. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da**

informação, v. 23, n. 51, p. 138- 156, jan. /abr., 2018. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2018v23n51p138

RABELLO, R. Informação Institucionalizada e Materializada Como Documento. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, Vol. 13, nº 2, June 2019, p. 5-25, doi:10.36311/1981-1640.2019.v13n2.02.p5.

RAYWARD, William Boyd. Visions onf Xanadu: Paul Otlet (18-1944) and hipertexto. **Journal of the American Society for Information Science**, v.45, n.4, p. 235-259. May 1994.

RAYWARD, William Boyd. The history and historography of information Science: some reflections. **Information Processing & Menegement**, v. 32, n.1, p. 3-17, 1996.

SAGREDO FERNANDEZ, F.; IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Concepción lógico-lingüística de la Documentación**. Madrid: IBRECOM, 1983.

SANTAELLA, L; NOTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 1. Ed. São Paulo: Iluminuras, 1997 – 6. Reimp, 2013.

SANTOS, Gildenir Carolino; RIBEIRO, Célia Maria. **Acrônimos, siglas e termos técnicos: arquivística, biblioteconomia, documentação, informação**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.

SANTOS, Marcia Mazo; CARDOSO FILHO, Jair Cunha. Informação e políticas públicas: responsabilidade social da Ciência da Informação. **BIBLIOS**. Pittsburgh, n. 45, p. 28-39, 2011.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Bruna Daniele de Oliveira; SABBAG, Deise Maria Antonio; GALDINO, Rejane. **FANDOMS E FANFICTIONS: novas perspectivas para o profissional da informação**. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Fortaleza, v. 13, n. esp. p.1255-1274, CBBB 2017.

SILVA, Camila Mariana A. da; BRITO, Marcílio de; ORTEGA, Cristina Dotta. Documento, documentação, documentologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.21, n.3, p. 240-253, jul. /set. 2016.

SIQUEIRA, Jessica Câmara. A noção de documento digital: uma aborgagem terminológica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 125 - 140, jan. /jun. 2012.

SMIT, Johanna W. A informação na Ciência da Informação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84-101, jul. /dez. 2012.

TARAPANOFF, Kira. Informação, conhecimento e inteligência competitiva. In: _____(Org). **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006. p. 19-36.

TANUS, G. S. C; RENAÚ, L. V; ARAÚJO, C. A. A. O conceito de Documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.8, n. 2, p. 158-174, jul. /dez. 2012.

TEIXEIRA, Elizatbeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TUMELERO, Naína. Pesquisa documental conceitos, exemplos e passo a passo. **METTZER**. Florianópolis – SC. 01 de Out. 2019. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-documental/>. Acesso em: 05 de dez. de 2020.

VALENTE, José Augusto Vaz. Acerca de documento. **R. Bras. Bibliotecon. Doc.** v.11, n.3/4, p.177-198, 1978.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOLEDGE, G. Bibliograph and Documentation: words and ideas. **Journal of Documentation**, v. 39, n. 4, p. 266-279, 1983.

APÊNDICES

QUADRO 4 – Síntese: Definições documento.

Conceitos	
Documento: suporte de informação registrada e base de conhecimento	É qualquer base de conhecimento fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudo, prova ou pesquisar; Reunião de informações e dados em geral gravados de forma permanente e legível por máquina ou pessoa. Diz-se também de todo meio impresso (livro, revista, tese, monografia, etc.) relacionado em base de dados bibliográfica; Reunião de informações escritas, acumuladas numa série sucessiva de anotações que diz respeito a uma organização ou indivíduo; são todos os papéis contendo informações que ajudem a tomar decisões, comuniquem decisões tomadas, registrem assuntos de interesse de uma organização ou indivíduo; Termo genérico utilizado para referência a arquivos que contenham objetivos que façam parte de compartilhamentos de dados entre aplicativos; Unidade constituída pela informação e seu suporte; registro de uma informação independente da natureza do suporte que contém; Suporte material onde se registra informação (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 87). Por meio da união dos termos documento e registro, se definiu o conceito de informação documentada, pois quando na mesma se refere para “manter informação documentada” está se referindo aos documentos e quando se refere “reter informação documentada” ao registro. (NBR ISSO 9001:2015). “Documento é um suporte de uma certa matéria e dimensão (...) em que se incluem signos representativos de certos dados intelectuais” (OTLET, 1996, p. 43). Documento quanto signo “é uma construção, uma leitura do real sob determinada perspectiva” (ORTEGA, 2016, p. 49).
Documento: transmissor de mensagens textuais a um destinatário ou grupos, contém regras, procedimentos e instruções informacionais com suas representações informativas.	Transmissão ou transferência de mensagens de um ponto a outro, de uma fonte a um destinatário, ou a grupo de destinatário. Ação de transmitir um documento que contém informação. Um conjunto de leis, procedimentos, instruções e normas que estabelecem diretrizes e regras para ações de planejamentos que direciona o futuro de uma instituição (NBR ISSO 9001:2015). O termo ‘documento’ é normalmente usado para denotar textos ou, mais exatamente, objetos textuais” (BUCKLAND, 1991, p. 5). O que, por exemplo, é um documento? Um livro impresso é um documento. Uma página manuscrita é um documento. Um mapa é um documento. Se um mapa é um documento, porque um mapa tridimensional também não seria um documento. Porque um globo também não poderia ser considerado um documento já que é, acima de tudo, a descrição física de alguma coisa. Modelos antigos de locomotivas foram feitos com propósitos informacionais, não recreacionais. Se um globo, um modelo da terra, é um documento, porque não considerar também um modelo de locomotiva ou um navio como um documento? O modelo é uma representação informativa do original (BUCKLAND, 1991, p. 6).
Documento quanto suporte de mensagem, receptor, emissor e transmissor de informação, pode ser categorizado em primário, secundário e até terciário, esses, definidos por seus suportes com características físicas e em qual outro documento ou não foi baseado para sua produção.	Documento, “o antílope catalogado é um documento primário e os demais são documentos secundários ou derivados” (BRIET, 2016, p. 2). Documentos primários, são originais, baseados em pesquisas ou criação de um autor, por exemplos, artigos, jornais, revista, livros e entre outros, materiais esses, prontos para serem utilizados para documentos posteriores, gerando os documentos secundários (SANTOS; RIBEIRO, 2003). Documentos secundários, são representações de informações reproduzidos de fontes primárias, exemplos, traduções e bibliografias (SANTOS; RIBEIRO, 2003). Documentos terciários, os quais os autores descrevem como documentos recapitulativos, como os manuais e tratados (SANTOS; RIBEIRO, 2003).
Documento resultante de fato corrido ou sobre consequência de algo, gerando informação com elementos e componentes de causas que resultarão em efeitos. Um certo dado histórico, informação de registro cultural, narrativa, prova sobre algo, a esse, pode ser atribuído um certo valor de causa e efeito, dependendo onde se institui (indivíduo/grupo/instituição) e a quem e, para é atribuído esse efeito.	Consideramos documento em sentido amplo, como elemento resultante de componente, ou componentes, que lhe deram lugar. Esses componentes considerados, e que se derivou, bem os podemos enunciar como causas de que resultou efeito e que se objetiva nisso que apelidamos dessa maneira. Não é difícil entender que um documento, tomado em lato sentido ou sentido restrito, é sempre consequência de um ato, acontecido ou fato (VALENTE, 1978, p. 178). Documento é elemento de informação, dando lugar para as ciências e técnicas, sendo um importante componente para a cultura. O documento quanto diploma, resultou em uma ciência diplomática, aproximando-se mais na história científica. Os acontecimentos só se reconstituem pelos documentos, pois são os únicos elementos capaz de fornecerem informações sobre os fatos, ainda que desses restem ocorrências, essas são efêmeras (VALENTE, 1978, p.177). São anotações de um fato que foi ocorrido e que hoje servem como evidências de uma prova, por exemplo, como os certificados, notas fiscais, atas de reunião realizada e entre outros (NBR ISSO 9001:2015). Qualquer escrito us. para esclarecer alguma coisa, ou atestado que sirva de prova ou testemunho, armazenado ou transmitido sob forma programação informatizada ou outro veículo de registro eletrônico. Assinatura digital (NEIVA, 2013, p. 164). O documento é um objeto com valor. Esse valor é atribuído por sujeitos com alguma autoridade, seja reconhecida por outrem (sujeitos agindo em nome de alguma institucionalidade) ou por algum indivíduo que crê na própria autoridade. Em ambos os casos, há a seleção de algum objeto a partir da atribuição de sentido (validação da informação) atribuído pelo indivíduo inserido em alguma coletividade, em cuja institucionalidade pode atingir maior ou menor força de representação social em agrupamentos como família, colecionadores, associações, comunidades epistêmicas, dentre outros (RABELLO, 2018, p. 148-149).
Documento, unidade flexível e dinâmica de transmissão de informação, podendo ser acessado, disseminado e transmitido por meios não convencionais, ditos como tradicionais, esses novos meios de transmissão convencionais, possibilitam o maior acesso aos conteúdo armazenado em seus suportes em formatos eletrônicos, por meio de diferentes hardwares e softwares, com conteúdos digitais ou não e acesso on-line ou off-line.	Veiculação de material publicado eletronicamente com referência a qualquer forma de informação arquivada em meio eletrônico, documento eletrônico; Unidade flexível e dinâmica, consistente de conteúdo não linear, representado como um conjunto de itens de informação enlaçadas, armazenadas em um ou mais indivíduos no desenvolvimento de algum processo ou projeto (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 200). Todo documento que utilize eletrônica na produção e reprodução de seu conteúdo, às vezes os próprios suportes utilizados também são componentes eletrônicos” (BODÊ, 2016, p. 8). Um documento digital é o equivalente a uma sequência de códigos binários registrados em algum tipo de tecnologia de memória. Organizados de acordo com determinado formato de arquivo computacional e mensurado através da quantidade de bytes total desse arquivo. Dependendo do tipo de conteúdo, haverá outras características específicas como a representação de cores, som ou texto. A interpretação desses códigos para humanos ocorrerá através de sistemas computacionais de software e hardware (BODÊ, 2016, p. 9).

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

QUADRO 5 – Síntese: Documento no contexto da Documentação.

DOCUMENTO (contexto) DOCUMENTAÇÃO	Conceitos
	O documento não é mais caracterizado pelo seu suporte, mas pela sua condição de registro que garante a permanência no tempo, e que pode estar em qualquer lugar, e acessado por qualquer pessoa, para isso o documentalista teria que conhecer outras línguas para garantir que a tradução de um documento fosse de alta qualidade para que o usuário pudesse compreender o assunto (BRIET, 1951, p.28).
	"O antilope catalogado é um documento primário e os demais são documentos secundários ou derivados" (BRIET, 2016, p. 2).
	O documento é, portanto, o fruto de uma ação interpretativa (subjetiva) de um sujeito que vive em sociedade e que recebe sua influência passiva e ativamente a um só tempo (Rabello, 2011, p. 141). O documento não é somente um dado, a ele se atribui sentido e entendimento a partir do momento em que o indivíduo o vê como um produto de um desejo de informar e se informar, sendo o intuito de se informar sempre necessário (ORTEGA; LARA, 2009).

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

QUADRO 6 – Síntese: Documento no contexto da informação.

DOCUMENTO (contexto) INFORMAÇÃO	Conceitos
	A informação é como uma mensagem, como um processo e como uma informação fato-gráfica documental, isto é, a partir de então, a informação passa a ser uma narrativa que contém fatos novos ou declarações sobre algo (KOBILITZ, 1989).
	"Qualquer objeto particular, documento, dado ou evento pode ser considerado como informativo dependendo das circunstâncias" (BUCKLAND, 1991, p. 10).
	[...] em CI o "documento" pode significar qualquer "informação", desde que registrada e institucionalizada, como sugerem Buckland (1991), Frohmann (2008) e Smit (2012), por exemplo, o "documento de arquivo" é o registro de uma informação de funcionalidade peculiar, gerado para prova de um ato, e arquivado para testemunho de um fato (CAVALHEIRO; SANTOS, 2018, p. 423).
	O documento se constitui, portanto, como a expressão material da informação; é um valor que se atribui ao objeto que pode ser institucionalizado, por exemplo, quando selecionado para constituir coleções (RABELLO, 2018, p.147).
	O documento se constitui como um produto de ações e práticas sociais, sendo definido, especificamente, por distintas institucionalidades da informação as quais têm o acesso e as condições de atuação condicionadas pela materialidade em diferentes perspectivas (RABELLO, 2019, p. 4).
	A definição de informação, está se define por registros de um conhecimento inscrito de forma impressa ou digital, audiovisual ou oral, sob um determinado suporte (LE COADIC, 2004, p.4).
	"Informação registrada equivale ao conceito de documento, embora o mesmo tenha sido investido de valores diferenciados ao longo do tempo" (SMIT, 2012, p. 85).

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

QUADRO 7 – Documento: categoria e síntese.

Tema	Categorização	Teóricos
Documento	Suporte Físico	(BRIET, 1951, p.26); (BRIET, 2016, p. 2); (BUCKLAND, 1991, p. 5); (BUCKLAND, 1991, p. 10); (CAVALHEIRO; SANTOS, 2018, p. 423); (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 129); (NBR ISSO 9001:2015); (NEIVA, 2013, p. 164); (ORTEGA; LARA, 2009); (ORTEGA, 2016, p. 49); (OTLET, 1998, p. 43); (RABELLO, 2018, p.147); (RABELLO, 2018, p. 148-149); (RABELLO, 2019, p. 4); (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 87); (VALENTE, 1978, p. 178).
	1. DOC. Base física (de qualquer material, como papel, plástico, madeira, tecido, filme, fita magnética etc.) na qual se registra informações impressas, manuscritas, fotografadas, gravadas etc. 2. INF. Num computador, material (disco, pendrive , fita magnética etc.) destinado a receber a informação. (NEIVA, 2013, p. 526).	
		Síntese
		Documento é um objeto que contém informação registrada cujo seu acesso e manuseio se dar por meio de todo e qualquer tipo de suporte físico, palpável e visível a olho nu. Exemplos, documentos, identidades, certidão, entre outros.
	Digital	Teóricos
	1. Relativo a dados ou em analogia com eles. 2. Relativo a dígito (algarismo). 3. INF. Que assume unicamente valores inteiros (diz-se de grandeza). 4. INF. Que trabalha exclusivamente com valores binários (diz-se dispositivo)." (NEIVA, 2013, p. 180).	(BODE, 2016, p. 9).
		Síntese
		Documento digital é um objeto que contém informação registrada cujo seu acesso e manuseio se dar por meio de todo e qualquer tipo de suporte que contenha algum tipo de sistema ou software para a disponibilização da informação.
	Eletrônico	Teóricos
	INF. "Qualquer escrito us. para esclarecer alguma coisa, ou atestado que sirva de prova ou testemunho, armazenado ou transmitido sob forma programação informatizada ou outro veículo de registro eletrônico. Cf. assinatura digital." (NEIVA, 2013, p. 164).	(BODE, 2016, p. 8). (NEIVA, 2013, p. 164). (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 200).
		Síntese
		Documento eletrônico é um objeto que contém informação registrada cujo seu manuseio se dar por meio de todo e qualquer tipo de suporte eletrônico, esse podendo está <i>off-line</i> ou <i>on-line</i> .

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).

QUADRO 8 – Documento: características e síntese geral.

Documento	Teóricos/ Referência	Características
Físico		
1. DOC. Base física (de qualquer material, como papel, plástico, madeira, tecido, filme, fita magnética etc.) na qual se registra informações impressas, manuscritas, fotografadas, gravadas etc. 2. INF. Num computador, material (disco, pendrive , fita magnética etc.) destinado a receber a informação. (NEIVA, 2013, p. 526).	(BRIET, 1951, p.26); (BRIET, 2016, p. 2); (BUCKLAND, 1991, p. 5); (BUCKLAND, 1991, p. 10); (CAVALHEIRO; SANTOS, 2018, p. 423); (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 129); (NBR ISO 9001:2015); (NEIVA, 2013, p. 164); (ORTEGA; LARA, 2009); (ORTEGA, 2016, p. 49); (OTLET, 1996, p. 43); (RABELLO, 2018, p.147); (RABELLO, 2018, p. 148-149); (RABELLO, 2019, p. 4); (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 87); (VALENTE, 1978, p. 178).	✓ Suporte físico. ✓ Objeto que contém informação. ✓ Informação registrada. ✓ Acesso e manuseio por meio de qualquer suporte físico.
Síntese		
Documento é um objeto que contém informação registrada cujo seu acesso e manuseio se dar por meio de todo e qualquer tipo de suporte físico, palpável e visível a olho nu. Exemplos, documentos, identidades, certidão, entre outros.		
Digital	(BODE, 2016, p. 9).	
1. Relativo a dados ou em analogia com eles. 2. Relativo a dígito (algarismo). 3. INF. Que assume unicamente valores inteiros (diz-se de grandeza). 4. INF. Que trabalha exclusivamente com valores binários (diz-se dispositivo)." (NEIVA, 2013, p. 160).		✓ Suporte digital. ✓ Objeto que contém informação. ✓ Informação registrada. ✓ Acesso e manuseio por meio de qualquer suporte que tenha um sistema ou software. ✓ Sistema ou Software
Síntese		
Documento digital é um objeto que contém informação registrada cujo seu acesso e manuseio se dar por meio de todo e qualquer tipo de suporte que contenha algum tipo de sistema ou software para a disponibilização da informação.		
Eletrônico		
INF. "Qualquer escrito us. para esclarecer alguma coisa, ou atestado que sirva de prova ou testemunho, armazenado ou transmitido sob forma programação informatizada ou outro veículo de registro eletrônico. Cf. assinatura digital." (NEIVA, 2013, p. 164).	(BODE, 2016, p. 8). (NEIVA, 2013, p. 164). (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p. 200).	✓ Suporte eletrônico. ✓ Objeto que contém informação. ✓ Informação registrada. ✓ Acesso e manuseio por meio de qualquer suporte eletrônico, off-line ou on-line. ✓ Off-line ou on-line.
Síntese		
Documento eletrônico é um objeto que contém informação registrada cujo seu manuseio se dar por meio de todo e qualquer tipo de suporte eletrônico, esse podendo está off-line ou on-line.		
Síntese geral		
Documento é todo ou qualquer suporte físico, digital ou eletrônico que contém informação registrada, está que seja ou não, por meio de um sistema qualquer ou software, e que este esteja ou não, on-line ou off-line, ainda assim, será considerado documento.		

FONTE: Elaborado pelo autor (2021).